



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA  
SOCIAL

Dalva Maria Soares

**“Muita religião, seu moço!”: os caminhos de uma congadeira**

FLORIANÓPOLIS  
2016

Dalva Maria Soares

**“Muita religião, seu moço!”: os caminhos de uma congadeira**

Tese submetida ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de doutora em Antropologia Social.

Orientadora: Sonia W. Maluf

Coorientadora: Vânia Z. Cardoso

FLORIANÓPOLIS  
2016



## AGRADECIMENTOS

“Não é fácil escrever, é duro como quebrar rochas”, é o que nos diz Clarice Lispector. A escritora afirma, também, que essa dificuldade pode ser vencida se, durante a escrita, fingirmos que alguém segura a nossa mão. Aos poucos vamos ganhando confiança, e quando percebemos, já estamos caminhando sozinhos. Eu não precisei fingir. De fato, muitas pessoas seguraram minha mão durante o processo de escrita desta tese. A essas pessoas eu registro, aqui, o meu agradecimento.

Agradeço ao povo brasileiro pelo financiamento, via bolsa Capes, por quatro anos, sendo nove meses em estágio doutoral “sanduíche”, na Universidade Nova de Lisboa e pelo financiamento, via IBP – Instituto Brasil Plural de várias idas a campo. Receber para estudar é um privilégio e morar fora do país foi uma experiência incrível.

Uma das primeiras pessoas a segurar minha mão foi minha amiga Vânia Noronha, que nos meus tempos de mestrado, durante uma conversa, sugeriu que eu escrevesse sobre a trajetória de Pedrina.

Essa escrita só foi possível porque Pedrina topou o desafio e abriu as portas da sua casa e do seu coração para mim.

Minha orientadora Sônia Maluf “comprou” minha ideia na primeira mensagem que enviei e subiu no barco comigo, trazendo junto com ela Vânia Cardoso, como minha coorientadora, duas das mulheres mais sabidas que já conheci.

Agradeço também ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina que acolheu minha proposta de pesquisa. Foram muitos professores e professoras que seguraram minha mão durante a caminhada.

Ao professor Scott e à professora Evelyn, agradeço pelas contribuições durante a qualificação do projeto e na qualificação da tese, onde também se somou a contribuição da professora Maria Eugênia.

Sou muito agradecida aos professores que participaram da banca de defesa da tese: professor João Leal, professora Maria de Fátima Lopes, professor Scott Head, professora Evelyn e professora Antonella Tassinari.

Em Lisboa, quem segurou minha mão foi o professor João Leal, sempre disponível e disposto a dialogar. Maria Manuel também fez a diferença e foi uma das responsáveis pelo amor à cidade que brotou em meu coração.

Ana Teles, Luciana Miranda, Robson Malacarne, Sarita Mota, Bia Leonel, Ana Lee, Andrea e Luana Moreno foram amigos preciosos com os quais vivi muitas “horinhas de descuido”, além mar.

Não posso deixar de agradecer à minha família, sobretudo à minha irmã Luia, que nos recebeu em sua casa durante os nove meses do trabalho de campo, segurando firme na minha mão, inclusive quando a grana ficava curta. Zezé, meu irmão, também fez a diferença. Nunca vi pessoa mais disposta para resolver problemas.

Não tenho palavras para descrever minha gratidão à minha amiga Gabina, que sabe mais desta tese do que eu e me ajudou tanto. Penso que o justo seria dar a ela coautoria deste trabalho.

Agradeço à Cinthia Ferraz, que de revisora virou amiga preciosa.

A relação com os colegas do curso também foi essencial, pois vivi muitas “horinhas de descuido” na companhia de Isis, Marcel, Emilene, Mirella, Tatiana Dassi, Simone Lira, Augusto.

Em Floripa, também foi muito importante a amizade de Verônica Siqueira, Ofélia Ortega, Maurílio Átila e Davi Ochoa, Terezinha Schimtz.

Também agradeço a Ana Veiga, pelo aluguel camarada da casa de praia. Como diz a Vilma Guimarães Rosa, mineiro quando vê o mar se assusta, não acredita, depois se apaixona. Morar no Campeche nos permitiu encantamentos diários com o mar.

Também seguraram em minha mão Dona Maura e Seo Otávio. Dona Maura me socorreu muitas vezes com chás e caldos e Seo Otávio, além das caronas, compartilhando cada brotinho verde que despontava no quintal.

Minha amiga Sônia Lourenço nem sei o que dizer, só sentir. Porque, ao menor sinal de insegurança de minha parte, ela segurou firme em minha mão. Sempre disposta e generosa, leu meus escritos desde o projeto e separou e enviou muita bibliografia, via e-mail e via correios. Isso sem falar nos livros de literatura quando nos encontrávamos pessoalmente

Em Baldim foram muitos os amigos e vizinhos que trouxeram delicadeza para os meus dias. Agradeço a todos eles. Berenice, com as gosturas entregues por cima do muro, Maria Luca e suas visitas sempre com algum presente: uma sacola de jaboticabas, um pacotinho com boas sementes de quiabo e de milho, entre tantas outras coisas. Vó Meire com os pastéis e os ovos caipiras, Luciana fazendo minhas unhas e me dando força, sempre. Ione Torres, Lúcia e Jacinta, sempre na torcida.

Aos amigos que me visitaram no período em que estive reclusa: Davi Marques, Roberto Figueiredo, Vânia e Paixão, Simone Noronha, Simone Novaes, Margareth Aguiar, Mariza, Ana Paula, Marta e Raquel. A amizade de vocês é um elogio pra mim.

Aos filhos de Pedrina, Ester, Domingos e Pedro e seus sobrinhos, Carlos, Kátia Washington. Aos irmãos do Rosário, Jaqueline Gabriela,

Wellington Jonas, Gleidson Vaz, Ana Luzia, Ana Paula, dona Cleusa, Isabela e Hudson. A Danielle, Bárbara, Claudia e Dona Zenóbia.

Ao pessoal do Candomblé de pai Sidnei, Mãe Conceição, Claudete e Regina, que com suas gostosuras que nos salvaram quando os ensaios, as novenas ou as obrigações do terreiro terminavam tarde da noite

Também preciso agradecer ao Davi, ao André e à Daniele Ramalho pelas fotos. Daniele, além das fotos, concedeu-me entrevista sobre o Encontro África Diversa.

Agradeço também à professora Leda Martins que conversou comigo sobre o Festival de Inverno da UFMG.

E por fim, agradeço ao meu filho João Pedro. Esse menino que me acompanha nas festas de congado desde a minha barriga, que topou, sem reclamar, mudar várias vezes de cidade, de estado, de escola e até de país. Estamos juntos, filhão! Você é minha melhor produção. Te amo!

A todas essas pessoas e muitas outras que não estão listadas aqui: “Eu não tenho como pagar. Vou pedir Nossa Senhora para pagar no meu lugar.”

## RESUMO

Esta tese tem como fio condutor a trajetória de Pedrina de Lourdes Santos como capitã de congado. Além de capitã, Pedrina é espírita kardecista, realiza reuniões de umbanda em sua casa, faz atendimentos espirituais na cidade de Oliveira e frequenta o candomblé. A capitã também é frequentemente solicitada para falar em seminários, festivais, oficinas e congressos sobre suas experiências e seus conhecimentos. Embora o contexto do universo da pesquisa tenha sido o congado, o trabalho acabou sendo recortado por diversos espaços, tendo em vista a própria característica do sujeito da pesquisa, uma pessoa ecumênica, como ela mesmo se define. Guiada pelos movimentos de Pedrina segui o seu percurso, o que me levou a percorrer diferentes sítios e trajetos numa complexa rede tramada entre confluências de práticas, processos e conexões. Isso me obrigou a sair da lógica de se pensar o religioso a partir de doutrinas, instituições e rituais e a focar na experiência e na vivência de Pedrina. Embora eu tenha ido a campo perseguindo a trajetória de Pedrina, conhecê-la implicou acessar toda uma rede familiar que vai muito além da sua família biológica e envolve uma rede de relações sociais tecidas no reinado, na umbanda, no kardecismo e no candomblé; uma rede que entrelaça a trajetória de Pedrina com seres deste e de outros mundos, como os santos católicos, as entidades da umbanda, os nkisis do candomblé e os espíritos desencarnados do kardecismo. Esta não é, portanto, uma tese sobre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário ou congado em Minas Gerais, nem sobre o congado da cidade de Oliveira, muito menos uma biografia de Pedrina. É o resultado de uma relação construída entre pesquisadora e pesquisada durante um determinado período da vida de ambas. O congado na vida de Pedrina é lugar de encruzilhada, de interseção de todas as suas vivências religiosas, não para fundir tudo numa unidade, mas para seguirem enquanto pluralidades, numa lógica que não anula as diferenças. A participação em seminários acadêmicos, encontros, festivais e congressos também permite a Pedrina chamar a atenção de pesquisadores, artistas, políticos, produtores culturais, entre outros, para o lugar das manifestações culturais afro-brasileiras. Nestes encontros, a capitã amplia sua rede e legitima o seu congado. Um congado próprio, particular, resultado dos diferentes trânsitos pelos quais ela circula. O que está grafado nas páginas a seguir se traduz na forma como eu conto a história que me foi contada; não só por Pedrina, mas também pelos sujeitos (desse e de outros mundos) que estão à sua volta.

Palavras-chave: Capitã Pedrina, congado, umbanda, kardecismo, candomblé, etnobiografia, trânsitos religiosos.

## ABSTRACT

The present thesis is build around the life trajectory of Pedrina de Lourdes Santos, a captain of *congado*, a cultural and religious Afro-Brazilian tradition. But Pedrina is not only a *congado* captain, she is also a spiritist kardecist, she conducts *umbanda*'s gatherings at her house, she gives spiritual consultations in Oliveira city and she practices *candomblé*. The captain is also frequently invited to give talks at seminars, workshops, festivals and congresses about her experiences and to share her knowledge. Although, in a first moment, the context of the research was just the *congado*, the final research ended up crossing various spaces, because of the characteristics of the subject of the research, who is, in her own words, an ecumenical person. I followed Pedrina and, guided by her movements, I wandered through different sites and trajectories, finding a complex web, weaved in between a flux of practices, processes and connections. This movement has made me abandon the logic of thinking about the religious as doctrines, institutions and rituals; instead, the focus is on Pedrina's lived experience. Even though I started the research following Pedrina's trajectory, to meet her meant to access a kinship network that surpasses her biological family and encompasses a network of social relations weaved in the *reign of congado*, in the *umbanda*, kardecism and *candomblé*. This network links Pedrina's trajectory to beings from this and other worlds, such as catholic saints, *umbanda*'s entities, the *nkisis* of *candomblé*, and the disembodied spirits of kardecism. Therefore, this is neither a thesis about the Reign of Nossa Senhora do Rosário, nor the *congado* in Minas Gerais, nor it is about the *congado* in Oliveira city. Neither it is a biography of Pedrina herself. This thesis is the result of a relationship built between the researcher and her subject during a period of their lives. The *congado* in Pedrina's life is the crossroad, the intersection of all of her religious experiences. And these experiences are not all fused into a unity, but they come together and continue as pluralities, following a logic that does not cancel differences. Her participation in seminars, festival and congresses allows her to draw the attention of the researches, politicians and producers to the Afro-Brazilian manifestations. These are opportunities to the captain to broaden her network and to legitimize her *congado*. A *congado* which is quite unique, the result of her movements through various places. What I present in the following pages could be translated as the way I tell a story that was told me, not only by Pedrina, but also by the other subjects (from this and other worlds) that surround her.

Key words: Captain Pedrina, *congado*, *umbanda*, kardecism, *candomblé*,  
ethnobiography, religious transits.

## LISTA DE FIGURAS

|            |  |     |
|------------|--|-----|
| Figura 1:  | Capitã Pedrina, Festa de Nossa Senhora do Rosário, Oliveira, MG.....                   | 9   |
| Figura 2:  | Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário do Piratininga.....                   | 52  |
| Figura 3:  | Bandeiras levantadas.....  | 57  |
| Figura 4:  | Descimento dos mastros da Festa dos Pretos Velhos, Juatuba, MG.....                    | 71  |
| Figura 5:  | Detalhe do teto e do altar da casa de Pedrina em Oliveira, MG.....                     | 102 |
| Figura 6:  | Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês.....                                    | 118 |
| Figura 7:  | Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês.....                                    | 121 |
| Figura 8:  | Curadora recebendo o rosário. Entro África Diversa, RJ.....                            | 122 |
| Figura 9:  | Equipe da Secretaria Municipal de Cultura do RJ recebendo a bênção.....                | 123 |
| Figura 10: | Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês, Cais do Valongo, RJ .....              | 128 |
| Figura 11: | Teatro Santa Isabel, Festival de Inverno da UFMG, Diamantina, MG.....                  | 132 |
| Figura 12: | Oficina Cantares em línguas africanas, Festival de Inverno da UFMG.....                | 136 |
| Figura 13: | Os irmãos do rosário recebem os irmãos quilombolas, Festival da UFMG.....              | 138 |
| Figura 14: | Rosário de contas negras e rosário de lágrimas de Nossa Senhora.....                   | 141 |
| Figura 15: | Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês, Festa do Congo, Oliveira, MG .....     | 146 |
| Figura 16: | Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês, Oliveira, MG.....                      | 149 |
| Figura 17: | Mesa posta para o almoço quintal da casa de Pedrina., Oliveira, MG .....               | 151 |
| Figura 18: | As três guardas da família de Pedrina reverenciam os mastros, Oliveira, MG .....       | 153 |
| Figura 19: | Membros da guarda e visitantes representando os negros escravizados, Oliveira, MG..... | 157 |

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>11</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1“A CASA DE MEU PAI TEM VÁRIAS MORADAS”</b> : os caminhos de Pedrina .....              | <b>22</b>  |
| 1.1 Prenúncio.....  | 22         |
| 1.2 A voz.....  | 22         |
| 1.3 A dona da voz.....  | 27         |
| 1.4 “Muita religião, seu moço!” .....   | 32         |
| 1.5 O Reinado de Nossa Senhora do Rosário .....   | 44         |
| <b>CAPITULO 2“IA HAVER A FESTA”</b> : Interseções entre Congado e Candomblé.....                    | <b>51</b>  |
| <b>CAPITULO 3OLHOS DE VER</b> : o trânsito pelo espiritismo kardecista.....                         | <b>73</b>  |
| <b>CAPITULO 4NOTÍCIAS DO LADO DE LÁ</b> : as reuniões de umbanda e os atendimentos espirituais..... | <b>94</b>  |
| 4.1 As reuniões de umbanda .....  | 94         |
| 4.2 Os atendimentos espirituais em Oliveira .....   | 102        |
| 4.3 As entidades presentes no cotidiano .....   | 111        |
| <b>CAPÍTULO 5“PÔE SENTIDO”</b> : a África como um lugar existencial.....                            | <b>118</b> |
| 5.1 África Diversa: encontro de cultura afro-brasileira .....                                       | 118        |
| 5.2 O Festival de Inverno da UFMG .....   | 132        |
| <b>CAPÍTULO 6“ESTE ROSÁRIO É MEU, FOI NOSSA SENHORA QUEM ME DEU”</b> : O congado de Pedrina .....   | <b>141</b> |
| 6.1 Reinado de Nossa Senhora do Rosário – Festa do Congo ....                                       | 145        |
| 6.2 Festa da Abolição.....  | 154        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | <b>159</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | <b>163</b> |
| <b>ANEXOS</b> .....   | <b>170</b> |
| Anexo A: Região Metropolitana de Belo Horizonte.....  | 170        |
| Anexo B: Localização de Oliveira no mapa de Minas Gerais .....                                      | 171        |



Figura 1: capitã Pedrina, Festa de Nossa Senhora do Rosário, Oliveira, MG, setembro de 2014. Foto: André Santos.

*Ela vem lá do congado,  
De Galanga, de Dominga.  
Ela tem no seu bailado  
Congo-Rei, Rainha-Ginga  
Ela canta em língua banto  
Que vovó passou pra ela,  
Quando dança puxa um canto  
Da falange de Benguela.  
Não sei se dança pro santo  
Ou se o santo é que dança nela,  
Sei que a dança é forte, tanto  
Quanto a de Nelson Mandela.*

Falange, Sérgio Santos

## INTRODUÇÃO

O Reinado de Nossa Senhora do Rosário<sup>1</sup>, popularmente conhecido como congado, constitui-se numa importante expressão da religiosidade e da cultura afrobrasileira presentes em Minas Gerais. Consiste num ciclo anual de homenagens à Nossa Senhora do Rosário e a outros santos, sobretudo os santos negros, São Benedito e Santa Efigênia e envolve a realização de novenas, levantamento de mastros, procissões, cortejos, coroação de reis e rainhas, cumprimento de promessas, cantos, danças, missa conga, dentre outros rituais.

Inicialmente, a proposta desta pesquisa era analisar a relação existente entre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e uma de suas principais lideranças em Minas Gerais, a capitã Pedrina de Lourdes Santos. Esta escolha se dava pelo fato desta capitã ser uma das mulheres pioneiras na ocupação de espaços e cargos tradicionalmente masculinos na manifestação. Ocupação esta que me permitiria análises que envolveriam temáticas como gênero, etnia, classes sociais, poder, dentre outros. Interessava-me compreender, no entanto, a relação existente entre o congado e a capitã, através de uma via de mão dupla, entendendo que a capitã intensifica e evidencia questões importantes desta festa. Dito de outro modo, Pedrina reinventa o congado, mas o congado também reinventa a capitã.

Entretanto, ao iniciar o trabalho de campo, deparei-me com um sujeito com múltiplas pertencas religiosas, atuando como importante liderança nos espaços por onde circula. Além de capitã de congado, Pedrina é kardecista e umbandista. Parafraseando Maluf (2013), a primeira questão a me provocar foi a existência ou não do sujeito congadeiro.

Segundo Maluf (2013) as teorias críticas contemporâneas desconstruíram a ideia de um sujeito universal enquanto um ente unificado, substantivo. Maluf chama a atenção para a crítica levantada não só pelos estudos feministas, como também pelos pós-coloniais, entre outros, que apontavam o sentido restrito e excludente do sujeito da razão (masculino, branco, ocidental), que é na verdade, uma ficção política. A teoria feminista questionou até que ponto é possível pensar as mulheres

---

<sup>1</sup> Em Minas Gerais, os termos congo, congado e congada são utilizados para designar a mesma manifestação, qual seja, os rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. A festa de Nossa Senhora do Rosário é o ponto auge do ciclo anual e muitas vezes também é utilizada como sinônimo do congado.

a partir desse sujeito universal e os estudos pós-coloniais questionaram a possibilidade de um sujeito colonizado. Esses questionamentos produziram um deslocamento nos modos de se pensar o sujeito. Conforme Maluf (2013), o grande empreendimento dessas críticas não foi o apagamento do sujeito, mas sua rasura<sup>2</sup>. Assim, meu primeiro deslocamento foi colocar o sujeito congadeiro sob rasura. Pedrina é capitã de congado, mas não é só isso. Ela é, na verdade, um sujeito atravessado por experiências religiosas diversas.

Desse modo, o universo que se apresentou ia além da manifestação do congado, ou daquilo que eu própria imaginava que era o congado, com trânsitos por diferentes filiações religiosas. Isto exigiu uma rearticulação do objeto de pesquisa. Se, por um lado, o universo do espiritismo kardecista frequentado por Pedrina é majoritariamente masculino, branco e de classe média, por outro, no congado e na umbanda, os sujeitos são, em sua maioria, negros e oriundos das classes populares. Além disso, uma das características do modo de ser kardecista é o estudo da doutrina a partir de literatura própria, valorizada em todas as atividades da prática espírita, enquanto que no congado e na umbanda os saberes são mediados por outras formas de aprendizado, sobretudo aqueles que se dão através da oralidade, da observação, da convivência e da prática nos terreiros.

Dessa forma, alguns questionamentos se colocaram: como Pedrina articula em sua trajetória, experiências e universos que podem ser contrastantes? Como acontecem estes trânsitos? Eles concorrem entre si? Existem limites? Quais? Existem aproximações? Como se dão? Existem intercessões e/ou conflitos? São públicos diferentes? São interlocutores diferentes? O que estes trânsitos têm a dizer sobre nós mesmos e sobre nossa sociedade? Estas, foram algumas das perguntas que mobilizaram o processo de busca neste estudo.

Assim, com o aprofundamento da pesquisa de campo, que seguiu os passos de Pedrina, o foco da análise deixou de ser a festa, enquanto momento auge do ciclo do rosário e passou a ser não só a trajetória de Pedrina enquanto capitã, mas também seus deslocamentos por diferentes sítios - do religioso ao acadêmico, passando pela política pública cultural – bem como os atravessamentos da umbanda e do kardecismo e a maneira como a capitã constrói a singularidade de seu congado.

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas. A primeira consistiu em acompanhar Pedrina ao longo de vários eventos. O primeiro

---

<sup>2</sup> Maluf (2013) utiliza o conceito de rasura inspirada em Hall (2000) quando este diz que um conceito está sob rasura quando ele não é suficiente para pensar as questões em foco, mas ainda permanece como uma referência importante, pois não foi suplantando.

destes aconteceu em setembro de 2011, a *Festa de Nossa Senhora do Rosário – Festa do Congo*, em Oliveira. Foram nove dias acompanhando a guarda de Pedrina pelas ruas, nos cortejos, nas visitas, nos lanches, almoços, e eventos públicos na praça da cidade. Em maio de 2012, retornei à cidade para acompanhar a *Festa da Abolição*, inserida no calendário das festas da Irmandade da cidade desde as celebrações do aniversário de 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, em 1995.

Também em maio, acompanhei Pedrina no *Seminário África Diversa*<sup>3</sup>, no Rio de Janeiro, onde ela participou como convidada. Em julho de 2013 foi a vez da capitã participar do *45º Festival de Inverno da UFMG*, realizado em Diamantina – MG. Durante oito dias Pedrina participou, juntamente com outros capitães, rainha conga de Minas Gerais, congadeiros e pesquisadores acadêmicos, do coletivo *Cantares afro-brasileiros*.

A segunda etapa do trabalho de campo aconteceu de janeiro a agosto de 2013. Foram oito meses acompanhando Pedrina em seu cotidiano, o que exigiu viagens constantes à cidade de Oliveira. Além dos compromissos como capitã, Pedrina é também benzedeira e realiza mensalmente, naquela cidade, atendimentos espirituais. Pessoas de todas as idades, de diferentes classes sociais, com os mais variados problemas a procuram para conselhos, benzimentos e rezas.

Durante o trabalho de campo, o itinerário de Pedrina incluía ainda uma espécie de consultoria ao terreiro de candomblé *Nzó Atim Oiaoderin*, em Belo Horizonte, onde uma guarda de congado estava sendo criada. Acompanhando-a, tive acesso aos rituais para confecção de instrumentos, aos ensaios de cantos, danças, novenas, entre outros. Foi possível acompanhar a construção da capela de Nossa Senhora do Rosário, orientação do preto velho Pai João, para que as atividades do congado não fossem realizadas no mesmo espaço onde aconteciam os rituais de quimbanda e umbanda.

O percurso etnográfico também incluiu o acompanhamento de Pedrina em diversas palestras sobre o reinado, geralmente solicitadas por produtores culturais e secretários municipais de cultura, em diversas cidades pelo interior de Minas Gerais.

Todas as citações das falas de Pedrina com a data de 2013 foram transcritas de conversas realizadas durante o trabalho de campo, nos

---

<sup>3</sup> O Seminário *África Diversa* é um encontro de culturas afro-brasileiras e africanas, realizado anualmente pela Secretaria Municipal de Cultural do Rio de Janeiro. O evento conta com palestras, minicursos, oficinas e diversas manifestações artísticas. Iniciado em 2011, o evento realizou em 2014, sua quarta edição.

meses em que acompanhei seu cotidiano. Utilizei ainda uma entrevista realizada com Pedrina em 2007, durante o trabalho de campo do mestrado, mas da qual, praticamente, não fiz uso naquela época. Na maioria das vezes, as conversas aconteceram nos intervalos entre os rituais. Além das conversas com Pedrina, seus filhos e sobrinhos, também conversei com Pai Sidnei, com a rainha congá de Nossa Senhora das Mercês, Ana Luzia e a rainha perpétua de Nossa Senhora das Mercês, Dona Cleusa, ambas da cidade de Oliveira e Daniele Ramalho, curadora do *Encontro África Diversa*. Com exceção de 2007, pouquíssimas foram as vezes em que sentamos, especificamente para conversar num formato de entrevista.

Tomar a trajetória de Pedrina como fio condutor deste estudo implicou em problematizar mais do que a relação indivíduo e sociedade; possibilitou analisar um conjunto de relações entre sujeitos e instituições que envolvem questões pertinentes a gênero, etnia, classe social, poder, dentre outros, pois o sujeito em questão é uma mulher, negra, oriunda de classes populares, com ascensão social via educação formal e mundo do trabalho.

A trajetória de Pedrina se torna ainda mais singular por ela não ser representativa das mulheres no Congado que, de uma maneira geral, possuem pouca ou quase nenhuma escolaridade. Pedrina é graduada em Ciências Contábeis e pós-graduada em Contabilidade Pública. É funcionária aposentada da Caixa Econômica Federal e pesquisadora dos rituais do Reinado, da língua banto e da cultura e história afrobrasileiras.

Tem sido grande o interesse de pesquisadores pela temática do congado, constatado pela quantidade de estudos que têm se dedicado a analisar a manifestação. De Câmara Cascudo (1980), passando por Mário de Andrade (1982), a estudos mais recentes<sup>4</sup>. Apesar dos primeiros estudos possuírem uma natureza mais descritiva, foram importantes no sentido de levantar dados, documentar e valorizar manifestações da cultura popular (LUCAS, 2002). Mais recentemente, estudiosos têm se esforçado para compreender o congado analisando o aspecto simbólico da manifestação. De uma maneira geral, estes estudos apresentam uma etnografia da festa, com ênfase nos ritos e mitos. Nesta tese, a festa aparece como plano de fundo, propositalmente desfocada, sendo o foco a trajetória de Pedrina enquanto capitã, articulada a outras experiências religiosas.

---

<sup>4</sup> A esse respeito ver Silva (1999 e 2006), Costa (2006), Gomes e Pereira (2006), Vilarino (2007), Garone (2008), Alves (2008), dentre outros.

Embora tenha ido a campo perseguindo a trajetória de Pedrina, conhecê-la implicou acessar toda uma rede familiar que vai muito além da sua família biológica, e envolve uma rede de relações sociais tecidas no reinado, na umbanda, no kardecismo e no candomblé; uma rede que a entrelaça com seres deste e de outros mundos, como as entidades da umbanda, os nkisis<sup>5</sup> do candomblé e os espíritos do kardecismo. São sujeitos, espíritos e entidades que estão presentes não só nos momentos “extraordinários” e de “exceção” da festa, mas também na vida ordinária de Pedrina e de sua família.

Portanto, convém esclarecer que esta não é uma tese sobre o Reinado de Nossa Senhora do Rosário ou o Congado em Minas Gerais, muito menos sobre o congado da cidade de Oliveira. Por outro lado, também não se trata da biografia de Pedrina, mas sim, de uma relação construída entre pesquisadora e pesquisada durante um momento específico da vida de ambas.

A tese tem como foco os itinerários e as narrativas não só de Pedrina, como dos sujeitos que estão em seu entorno (deste e de outros mundos). O que está escrito nas páginas a seguir não possui a intenção de definir a rigor o sujeito Pedrina, nem dar conta de toda a sua vida, por entender que este é atravessado por múltiplos discursos, consubstanciações e experiências. Almeja pois, uma tentativa de “síntese parcial” de uma relação construída durante o período em que aconteceu o trabalho de campo.

Para explicar melhor, busco auxílio em correspondência trocada entre o mineiro Fernando Sabino e Clarice Lispector. Nesta correspondência é possível perceber a angústia de dois escritores consagrados mediante o dilema da escrita. Lispector diz que “escrever é como quebrar pedras” e nos momentos de “deserto” solicita ao amigo, também escritor, uma “palavra bem amiga” que a ajude na angústia da escrita de um romance. Em resposta, Sabino aconselha:

Eu espero que você saiba apenas isso: estou escrevendo um livro sobre uma mulher que não queria ter filhos. Ou sobre uma mulher que só queria dançar. Ou sobre uma mulher que tem medo dos homens. Saber somente que está escrevendo um livro sobre uma mulher é muito pouco (SABINO e LISPECTOR, 2001, p. 28).

---

<sup>5</sup> Nkisi é o termo usado para orixás nos candomblés de Angola e do Congo. Enquanto estudiosa da língua, Pedrina tem preferência pelo uso do vocábulo em quibundo, língua originária dos povos Banto.

O conselho do amigo ajuda tanto que Clarice responde:

Eu gostaria de dizer alguma coisa para você que lhe servisse como me serviu aquilo que você falou de saber que se está escrevendo uma história sobre uma mulher que..., e não apenas sobre uma mulher (Ibidem, p. 36).

Inspirada nesses autores, posso afirmar que esta não é uma tese sobre uma mulher, mas uma tese sobre uma mulher que... São estas reticências que espero responder nas páginas que se seguem. Dizer que escrevo uma tese sobre uma mulher é limitador; escrevo uma tese sobre uma mulher, capitã de congado, que também é atravessada por experiências religiosas muito diversas. Sua singularidade vai além destes atravessamentos por múltiplas religiosidades. Pedrina é também, uma mulher letrada em um universo da cultura popular, especificamente numa manifestação tradicionalmente masculina que sempre reservou para as mulheres os bastidores da festa.

Nesse contexto, a etnobiografia nos ajuda nesta empreitada de pensar uma vida, pois é o momento onde etnografia e biografia se encontram. A “etnobiografia é, antes de tudo, produto de uma relação e de suas implicações a partir da interação entre pessoas situadas em suas respectivas vidas e culturas, tendo como pano de fundo suas percepções sobre a alteridade” (GONÇALVES, MARQUES E CARDOSO, 2012, p. 29).

Apoiando-me na etnobiografia, posso afirmar que as páginas que se seguem são o resultado do encontro entre pesquisadora e pesquisada, em um momento específico de nossas vidas, e que se traduz na forma como eu conto a história que me foi contada, não só por Pedrina, como pelos sujeitos (desse e de outros mundos) que estão ao seu redor.

O trabalho de campo consistiu em acompanhar o sujeito da pesquisa em atividades do seu cotidiano, principalmente aquelas que envolviam os contextos religiosos. Por muitas vezes passamos vários dias juntas, seja nas festas ou nos atendimentos em Oliveira, seja quando dormíamos no centro de candomblé, na periferia de Belo Horizonte ou no templo de Seo Exu Tranca Rua, em Juatuba, pois as obrigações rituais terminavam de madrugada e não tínhamos como voltar para casa. No apagar das luzes, dividimos muitas vezes o mesmo colchão improvisado, no chão. Eu, me esforçando para me manter acordada, ouvindo o que Pedrina falava sobre os filhos, a vida, a existência, num intercalar de sono e vigília.

Foram muitas as conversas interessantes que não foram gravadas, nem anotadas no caderno de campo, pois aconteciam nas horas mais improváveis: em ônibus lotados, em horários de pico, com as mãos ocupadas, apressadas a caminho do metrô ou atrasadas para as reuniões kardecistas. Outras vezes, o caderno de campo tinha que ser abandonado, me obrigando a “ingressar no lance, ainda que grotescamente”, como o meu reles arrastar de pés e meu corpo contraído (DUVIGNAUD, 1983, p. 21).

Em relação às fotografias que acompanham o texto, algumas são de minha autoria, realizadas durante a etnografia. Outras foram cedidas por Davi Marques. Davi é um biólogo ambiental, pesquisador das tradições culturais populares, entre elas o Reinado de Nossa Senhora do Rosário, que conheci na minha primeira ida a campo, na festa em Oliveira, em setembro de 2011. As fotos, inclusive, foram tiradas com a máquina fotográfica<sup>6</sup> que eu levava. Outras fotos são de autoria de Flávia Corrêa, fotógrafa oficial do *Encontro África Diversa* e foram autorizadas a compor esta tese pela curadora do evento, Daniele Ramalho. Utilizo, ainda, as fotos de André Santos, fotógrafo profissional que conheceu Pedrina em 2014, no Rio de Janeiro. Muito mais do que ilustrações, as fotografias trazem elementos que não estão no texto, e muitas delas falam por si só. São na verdade, são uma espécie de etnografia compartilhada, com sujeitos que também vivenciaram o Reinado. Como as imagens são polissêmicas, elas permitem ao leitor uma independência em relação ao narrador, possibilitando atribuição de significados às cenas registradas.

Assim, desde o início, o trabalho de campo sinalizou que o trânsito não seria somente entre Belo Horizonte (onde Pedrina mora) e Oliveira (onde acontece a festa de Nossa Senhora do Rosário), mas um transitar entre reuniões kardecistas, giras de umbanda, rituais do congado, palestras, cursos e oficinas. Pedrina mora na região nordeste de Belo Horizonte, sendo que o Centro Espírita Oriente está localizado na região centro-sul. O outro centro frequentado por ela, localiza-se no bairro União, na região nordeste da capital. O candomblé de Pai Sidnei tem sua sede na região de Venda Nova, zona norte da cidade e o templo de Exu Tranca Rua está localizado em Juatuba, região metropolitana de Belo Horizonte<sup>7</sup>. Esta foi a cartografia que se desenhou nos deslocamentos

---

<sup>6</sup> Reitero aqui, meus agradecimentos ao Instituto Brasil Plural que me forneceu o empréstimo do equipamento e financiou parcialmente o trabalho de campo realizado na cidade de Oliveira, em setembro de 2011, e em novembro de 2012 no Encontro África Diversa, no Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Ver mapa no anexo B.

feitos pela cidade. Isto significou duas coisas: primeiro, que a pesquisa se caracterizou como multissituada, já que acompanhar Pedrina me levou a percorrer diferentes sítios e trajetos numa complexa rede tramada entre confluência de práticas, processos e conexões (MARCUS, 1995). E segunda: os diferentes deslocamentos me obrigaram a sair da lógica de se pensar a religiosidade a partir de doutrinas, instituições ou rituais e a focar na experiência e na vivência de Pedrina. Inspirada por Maluf (2011), desviei o foco do congado enquanto religião e centrei o olhar na experiência de Pedrina, cuja prática não se limita a uma filiação religiosa particular.

Maluf (2011), em seu estudo sobre as culturas espirituais e terapêuticas alternativas no sul do Brasil, observa que reduzir o religioso ao campo institucional e à religião como realidade entificada, substantiva, não permite a compreensão das práticas e experiências heterogêneas de diferentes sujeitos, pois estes circulam por redes e fluxos dinâmicos que extrapolam o institucional religioso. Esta perspectiva foi rentável para o entendimento das práticas e experiências da rede de relações interconectadas e híbridas do catolicismo popular, do kardecismo e das religiões de matriz africana que envolvem Pedrina.

Segundo Maluf (2011, p. 9), é preciso “rastrear os sujeitos, cartografar os trânsitos, fluxos e redes formadas por seus deslocamentos e circulação, mesmo que isso implique em reunir o que doutrinariamente não se reúne”. Assim, o foco desta pesquisa foram os *caminhos e narrativas das experiências religiosas e espirituais*, não só de Pedrina, como dos outros sujeitos que se apresentaram em campo.

Embora este estudo tivesse inicialmente como fio condutor a trajetória de Pedrina, havia a clareza de que não seria uma etnografia de um só sujeito. O que eu não imaginaria é que seriam sujeitos deste e de outros mundos. Durante o trabalho de campo foram inúmeras as vezes que tive como interlocutores pretos velhos, pombas giras, zé pelintras e boiadeiros. Muitos deles, inclusive, reivindicaram um lugar no texto: “Sá Dalva, já escreveu aí, que eu sou mulher pra mais de metro?”, dizia a pomba gira *Dama da Noite*, a cada vez que nos encontrávamos e que me via com o caderno de notas em mãos. “Eu quero que você coloque uma foto minha com meus dois filhos aí”<sup>8</sup>, disse certa vez *Maria Padilha*. Em

---

<sup>8</sup> Após esse episódio, cheguei a comentar com Carlos, que era quem incorporava Maria Padilha, que ela havia me pedido a foto. Carlos riu e falou que eu não ligasse, que Maria Padilha era “doída”. O episódio me colocou diante de um dilema ético: a quem obedecer? A Carlos ou à entidade incorporada por ele? Estive outras vezes com Maria Padilha e seus “dois filhos”, mas em nenhuma delas aconteceu de estar os três juntos, novamente.

meio a informações e segredos, também ouvi várias vezes: “Sá Dalva, venha assistir isso aqui, mas não é para escrever, não! É para a sua vida”.

Esta cumplicidade reinvidicada pelas entidades me remete para a discussão realizada por Cardoso (2009), quando a autora aponta que essa relação entre pesquisadora e espíritos leva a uma subjetivação que “contamina” a própria narrativização do encontro, pois “o espírito (re)coloca a antropóloga dentro de sua estória, num outro lugar dentro da própria fabulação do texto etnográfico” (CARDOSO, 2009, p. 15).

Assim, não tive alternativa senão me deixar afetar. Como nos sugere Favret-Saada (2005), aceitei ocupar esse lugar, experimentando os “afetos”: ajudei a “tratar das almas”, fiz café de São Benedito, “tratei” dos tambores de candombe, dei água para os santos, cachaça para os exus, cidra para as pombas gira. Limpei o *peiji*. Aprendi as bebidas e os cigarros preferidos de cada entidade. Acendi charutos, cigarros e até experimentei do “marafo”. Fui conhecendo pouco a pouco o temperamento de cada entidade. A calma dos pretos velhos, sempre distribuindo conselhos e a energia dos exus, com seus cantos e danças. Ouvi muitas histórias do preto velho *Pai José*, conselhos de *Maria Padilha*, e bebi com *Seu Sete Encruzilhadas*, com *Dama da Noite*, com *Sete Saias*.

Tive oportunidade não só de acompanhar Pedrina nos eventos públicos, como de partilhar da sua intimidade e de sua família - momentos que se davam ao final da noite, após o cumprimento das obrigações do congado ou das reuniões de umbanda, quando todos já estavam exaustos, mas ainda com energia para conversar sobre a reunião. Quem incorporava ouvia atentamente de quem assistira as histórias dos feitos das entidades naquele dia. Eram momentos de descontração, de riso, de seriedade, às vezes de choro, “discursos espontâneos”, para além dos momentos rituais (FAVRET-SAADA, 2005).

Para acompanhar Pedrina no cumprimento de sua agenda, andei muito de ônibus, de metrô, a pé, ajudei a carregar sacolas de materiais para confecção de uniformes e instrumentos. Passei noites em claro em volta da fogueira, ouvindo horas e horas de conversa, após o cumprimento dos rituais.

Não foram poucas as vezes em que precisei me esforçar para me manter acordada, quando depois dos rituais, se reuniam todos em um único quarto, amontoados nas camas para comentar o acontecido na noite. Algumas vezes, tudo terminava em roda de samba, com o batuque improvisado, feito em baldes, pratos e copos ou na palma da mão, com o sol já apontando no horizonte.

Também aprendi a fazer grandes quantidades de café e de comida; ajudei na confecção de enfeites, na faxina, na lavação da louça. Fui muitas

vezes à padaria, ao mercado, à costureira. Carreguei sacolas de lanche e água durante os cortejos. Dividi camas, colchões e cobertores nas muitas noites de frio. Ouvi muitas histórias de rainhas, de reis, de príncipes e princesas, histórias desse e de outros mundos. Tive a oportunidade de ver Pedrina em momentos de concentração, seriedade; a mulher forte, cuja “gunga não bambeia”, mas também em momentos de descontração, de leveza e de lágrimas.

A vivência da pesquisa etnográfica inside diretamente sobre esta escrita na medida que desnuda processos de subjetivação, coloca à prova a relação entre pesquisadora e pesquisada/sujeito de pesquisa, pesquisadora e texto/leituras literárias e escrita e tempo. Nesse sentido, esta tese foi configurada em seis capítulos.

No Capítulo 1 “*A casa de meu pai tem várias moradas*”: *os caminhos de Pedrina* eu narro a forma como a minha trajetória cruzou com a de Pedrina, apresento alguns dados biográficos sobre ela e os diferentes trânsitos que acompanhei.

No Capítulo 2 “*La haver a festa*”: *interseções entre o congado e o candomblé*”, eu usarei como mote a festa de inauguração de uma capela de Nossa Senhora do Rosário, construída dentro de um terreiro de candomblé, para falar da interpenetração entre congado e candomblé.

No Capítulo 3 *Olhos de ver: o trânsito pelo espiritismo kardecista* discutirei como Pedrina suspende temporariamente a posicionalidade de capitã de congado para assumir a de doutrinadora kardecista. Apresentarei a etnografia das reuniões espíritas kardecistas, públicas, mediúnicas e dos grupos de estudo da doutrina coordenados por ela, além das palestras em outros centros. Neste capítulo será discutida ainda a maneira como o trânsito pelo kardecismo impacta não só na experiência vivida no congado, como também na umbanda.

O Capítulo 4 *Notícias do lado de lá: as reuniões de umbanda e os atendimentos espirituais* apresentará um novo deslocamento da posicionalidade de Pedrina, de capitã de congado e de kardecista para umbandista. Trará a etnografia das reuniões de umbanda realizadas na casa de Pedrina em Belo Horizonte e em Oliveira, que, segundo ela são a sustentação da festa de Nossa Senhora do Rosário, sobretudo no plano espiritual. A ênfase do capítulo recairá na interpenetração entre congado, umbanda e kardecismo. Outra questão abordada será a forma como as entidades estão presentes não somente nos momentos rituais, mas também na vida ordinária dos sujeitos.

O Capítulo 5 *Põe Sentido: a África como lugar existencial* analisará Pedrina, enquanto capitã de congado, em outros espaços além dos ligados diretamente à religião. Destacará a sua experiência como

palestrante, discorrendo sobre as tradições do reinado em Minas Gerais no *Seminário África Diversa* realizado no RJ e no *Festival de Inverno da UFMG*. O capítulo discute como a participação de eventos desta natureza legitimam Pedrina enquanto uma importante liderança da manifestação em MG. Será apresentada outra dimensão do “congado” de Pedrina, para além da religião: seu letramento, pesquisa, busca de África, diálogo com pesquisadores, com a universidade, etc.

O Capítulo 6 *“Este rosário é meu, foi Nossa Senhora quem me deu”*: o congado de Pedrina trará

a capitã para o centro da análise, uma vez que a sua liderança no congado é um fator de empoderamento. Discute ainda que as múltiplas pertencas religiosas não concorrem, nem disputam umas com as outras, e que a trajetória de vida de Pedrina e sua vivência religiosa leva à construção de um congado que é peculiar.

Ao final serão apresentadas as considerações finais com a síntese dos aspectos centrais discutidos na tese.

## CAPÍTULO 1

### “A CASA DE MEU PAI TEM VÁRIAS MORADAS”: os caminhos de Pedrina

#### 1.1 Prenúncio

Nosso encontro estava marcado para as catorze horas de uma quinta-feira chuvosa. Cheguei pontualmente no horário marcado na casa de Pedrina, mas ela não estava. Fui recebida por sua filha Ester, que perguntou se eu não me importava de esperar sua mãe sozinha, pois ela precisava sair para entregar uma documentação referente a um edital de lei de incentivo à cultura e era o último dia de inscrição. Cerca de duas horas depois Pedrina chegou. Tínhamos combinado um “café com prosa”, à moda mineira. Eu levaria as guloseimas e Pedrina faria o café. Mas minha expectativa foi logo frustrada. Enquanto fazia o café, apressada, pois já estava atrasada para outro compromisso, Pedrina foi logo me contando sua agenda para definirmos o que seria possível ou não acompanhar. O encontro foi rápido, o café tomado ali mesmo, em pé, e as guloseimas ficaram lá, em cima da mesa. Nossa conversa durou tempo suficiente para que ela se aprontasse e saísse novamente, pois era uma quinta-feira, dia de reunião pública<sup>9</sup> no Centro Espírita Oriente<sup>10</sup>, onde ela ministra cursos sobre a doutrina kardecista. Fui embora para casa um pouco decepcionada, enquanto ela saía apressada para a sua reunião. Este encontro foi o prenúncio do que seria todo o trabalho de campo: para saber mais de Pedrina eu teria que seguir, literalmente, seus passos, num deslocar incessante entre diferentes sítios e moradas.

#### 1.2 A voz

Não se apaga, não se cala essa voz/  
 Não se esquece, permanece essa voz/  
 Voando livre no espaço essa voz.

Milton Nascimento, *Essa Voz*

---

<sup>9</sup> São reuniões semanais que consistem num primeiro contato com o espiritismo kardecista. Nestes encontros a doutrina é apresentada através de palestras das obras de Allan Kardec.

<sup>10</sup> O Centro Espírita Oriente – CEO, juntamente com a Casa Espírita André Luiz – CEAL, formam o Grupo da Fraternidade Espírita Irmã Sheila, um dos mais tradicionais centros espíritas kardecistas da capital.

Era 20 de novembro de 2005. A Serraria Souza Pinto<sup>11</sup> estava lotada. Na comemoração do dia da consciência negra, o músico mineiro Maurício Tizumba organizara o evento “Mil Tambores” que culminava em uma série de shows e oficinas realizados na capital e no interior de Minas. No evento, além de tamborzeiros de diferentes grupos de percussão, estavam presentes duas guardas de congado. O convite virtual, disponível na internet, anunciava:

Também participa do TIM Mov Perc<sup>12</sup> a congadeira oliveirense e **pesquisadora** Pedrina de Lourdes Santos, capitã da Guarda de Moçambique Nossa Senhora das Mercês que, com sua experiência de líder das Festas de Nossa Senhora do Rosário, em Minas Gerais, tem mostrado a importância genuína da história do Congado (grifo meu)<sup>13</sup>.

Na época, me chamou a atenção o termo pesquisadora ligada a uma capitã de congado. Como o local do evento estava muito cheio, não consegui me aproximar das guardas, e só ouvi o som dos tambores e uma voz feminina cantando em dialeto africano, amplificada pela acústica do ambiente:

Abá cuna Zambí pala oso  
 Aiabá q' uiana  
 Kana abá apaninjé  
 Ê ê aruê, aruê, aruê  
 Ê ê aruê, aruê, aruê  
 Messaquilibu baba Okê  
 Mulendi eledá  
 Muna ualê e do ayê  
 Acolofé cuna Zambí  
 Manu, manu gundelela  
 Pala oso  
 Mumu abanjá  
 Angana Musambê  
 Angana Lubambú  
 Anka utelezi

---

<sup>11</sup> A Serraria Souza Pinto é uma construção do patrimônio histórico de Belo Horizonte de 1913, que foi restaurada e é utilizada para eventos.

<sup>12</sup> Projeto de valorização dos tambores mineiros, idealizado pelo artista Maurício Tizumba e pelo grupo cultural Tambolelé, que percorreu várias cidades do interior de Minas com espetáculos e oficinas.

<sup>13</sup> <https://br.groups.yahoo.com/neo/groups/zumbiminas/conversations/topics/277>

Anka acalofé  
 oê – oiá, oê – oê – oiá  
 Okuassê aya ngana  
 Ararakolê  
 Okuassê aya ngona  
 Ararokê  
 Muenha cuna marungo  
 Na Aruanda saravá<sup>14</sup>.

Tempos depois tive acesso a um *compact disc*<sup>15</sup>, produzido pela cantora mineira Titane com os grupos de congado da cidade de Oliveira. Ali, reconheci a mesma voz e o mesmo canto ouvidos no evento na Serraria Souza Pinto. Na primeira faixa que abria o disco, a tal voz feminina cantava ali “Abá Cuna Zambi Pala Oso” à capela, sendo, em seguida, acrescida do som de caixas, gungas e patangomes<sup>16</sup>, além de um coro de vozes da Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês.

Os versos escritos em banto eram entrecortados por outros que falavam da origem africana, do passado dos negros no cativoiro e de uma libertação que não se concretizou de fato:

Olha eu vim de Angola  
 Eu vim aqui curimar [trabalhar]  
 Ah, eu vim do kalunga [mar]  
 Eu vim aqui trabucar [trabalhar]  
 No tempo do cativoiro  
 Vida de negro era só trabucar  
 Trabucava o dia inteiro e ainda

---

<sup>14</sup> Tradução: Paz de Deus para todos, porque aquele que não tem paz não tem nada. Louvor ao Grande Pai, criador do céu e da terra. A bênção de Deus eu rogo para todos os que estão aqui agora. Senhora do Rosário, Senhora das Correntes, dê força e dê a bênção. Boa tarde, senhoras e senhores, como vão vocês? Salve todos os irmãos do Rosário que já foram para a outra vida. (Encarte do *compact disc* “Os Negros do Rosário”, 1998. Segundo a capitã Pedrina, ela juntou tudo o que sabia, o que já tinha aprendido com o pai, o que cantava intuitivamente, com coisas que leu nos livros sobre os dialetos africanos, especialmente quibundo e nagô.

<sup>15</sup> “Os negros do Rosário”: registro da sonoridade de Moçambiques, Catupés e Vilões durante a Festa do Congo. Gravado em setembro de 1986 e 1987 nas ruas de Oliveira, MG, durante a festa de Nossa Senhora do Rosário. Produtora: Titane, Gravadora: Lapa Discos, 1998.

<sup>16</sup> ‘Gungas’ são uma espécie de guizo que os dançantes usam, preso ao tornozelo. Geralmente são construídos com latinhas recheadas de semente ou chumbinho e são usados como instrumentos de percussão. Os patangomes são instrumentos de percussão feitos de latas de doce ou biscoito, ou ainda calotas de carro, também recheadas com sementes ou chumbinhos.

Ganhava era o chiquirá [chicote]  
 Ora, viva a liberdade  
 Cativoiro já acabou  
 Mas ainda nos falta a igualdade  
 De negro para senhor  
 Cem anos de abolição  
 Não pude comemorar  
 Cadê a libertação  
 Que a Lei Áurea ficou de me dar?  
 Zumbi foi um grande chefe  
 No Quilombo dos Palmares  
 Sua luta não acabou  
 Ela ecoou pelos ares  
 O Quilombo dos Palmares  
 Já foi ponto de união  
 A união faz a força  
 Prá qualquer libertação.

Novamente, era a voz de Pedrina e, por algum tempo, essa foi a única referência que tive da capitã. Alguns anos depois, quando realizava a pesquisa de campo para a minha dissertação de mestrado<sup>17</sup>, durante um festejo de congado, ouvi de um jovem congadeiro: “se você quer entender o lugar da mulher no congado, precisa conversar com a Pedrina”. Imediatamente, lembrei-me da voz que já era familiar. Aceitei o conselho do jovem, e meses depois estava na casa da capitã, entrevistando-a para a minha dissertação.

Durante nossa primeira conversa, me chamou a atenção o discurso articulado daquela mulher, com citações de autores que pesquisam o congado - alguns inclusive, seus amigos. Pelo meio da conversa, a campainha tocou e Pedrina avisou que era uma senhora que chegava para ser benzida. Ela então pediu que eu desse licença e esperasse em outro cômodo da casa. Sentei-me junto a uma mesa na cozinha, onde notei o livro “Novo Dicionário Banto no Brasil”, de Nei Lopes (2006). Ali, uma pergunta começou a me inquietar: que capitã era aquela que cantava em lígua africana, estudava banto, pesquisava sobre as tradições do congado, era benzedeira, tinha curso superior e até a Paris tinha ido, com sua guarda de congado?<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> Em dezembro de 2009, defendi, sob orientação da professora Maria de Fátima Lopes, junto ao Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica da UFV, a dissertação “Salve Maria(s): mulheres na tradição do Congado em Belo Horizonte, MG”.

<sup>18</sup> A cada ano, a França convida um país diferente para apresentar em todo o território francês as diferentes facetas da sua cultura. São as “*Saisons Culturelles*”. No ano de 2005,

Voltei do trabalho de campo decidida a focar a pesquisa de mestrado na trajetória de Pedrina. A pesquisa tinha como foco a Guarda Feminina Nossa Senhora do Rosário, do bairro Aparecida, em Belo Horizonte - a primeira guarda de mulheres do estado. Após conversa com minha orientadora, que aprovou a ideia, refiz o projeto inicial. Porém, durante a qualificação, a banca achou melhor eu dar continuidade à pesquisa iniciada com a Guarda Feminina, devido ao investimento teórico e afetivo já realizado. O projeto sobre a trajetória de Pedrina foi engavetado, e só retomado, anos mais tarde, para realização do doutorado. Foi assim, num momento em que buscava compreender o lugar das mulheres numa manifestação que é tradicionalmente masculina<sup>19</sup>, que minha trajetória cruzou com a trajetória da capitã Pedrina.

O congado, enquanto um campo religioso, se revela como um espaço de poder, marcado por especificidades de gênero. Assim,

Enquanto as mulheres ficam no espaço tradicionalmente reservado a elas, isto é, nos bastidores, o conflito não aparece. Ele só surge no momento em que elas se deslocam para lugares mais valorados na hierarquia do ritual. No entanto, à medida que se apropriam do capital específico para o exercício da função, os questionamentos vão sendo eliminados, pois os mandamentos do ritual precisam ser respeitados e, como não existe nenhum preceito religioso que proíbe a participação delas, os homens acabam por aceitá-las, embora com resistências. O acesso das mulheres à espada<sup>20</sup> pode ser considerado, no plano simbólico, um ato de acesso ao poder ou, nos dizeres de Bourdieu, um “rito de instituição”. Símbolo do poder fálico, trata-se de um instrumento ao qual somente o capitão ou a capitã tem acesso. Representa autoridade, comando, e sua função é guardar a coroa, os reis, os integrantes da guarda, limpando os caminhos e lutando no plano simbólico contra as forças do mal. A apropriação do

---

o Brasil foi o país convidado. Várias manifestações culturais representativas da identidade nacional foram apresentadas. A Guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês, da qual Pedrina é capitã, foi uma das participantes representando a cultura de Minas Gerais.

<sup>19</sup> Em comunicação apresentada no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Salvador, em 2011, discuti aspectos relacionados a gênero e poder no Reinado de Nossa Senhora do Rosário. O foco da análise era a Guarda de Congo Feminina do bairro Aparecida, em BH, considerada a primeira guarda de mulheres do Estado. A esse respeito ver também SOARES e LOPES (2010).

<sup>20</sup> No congo, a espada é o instrumento símbolo de comando do(a) capitão(ã), no moçambique é o bastão.

instrumento proporcionou às mulheres o reconhecimento coletivo de uma competência social. Por meio desse rito, à capitã foi concedido o direito de falar e agir em nome do grupo, de se “tomar pelo” grupo que agora encarna, dando assim, um “corpo biológico” a um “corpo constituído” (SOARES e LOPES, 2011, p.10).

### 1.3 A dona da voz

Os rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário são uma importante expressão da religiosidade afrobrasileira presente em Minas Gerais. Consistem em um ciclo anual de homenagem à santa e envolvem a coroação de reis e rainhas, levantamento de mastros, procissões, cumprimento de promessas, cantos, danças, banquetes coletivos, entre outros.

As mulheres sempre estiveram presentes na organização dos festejos do reinado, porém, ocupando espaços diferenciados daqueles atribuídos aos homens. Durante muitos anos, só foi permitido às mulheres participarem como rainhas, princesas, bandeireiras, juízas, e como responsáveis pelos enfeites e preparação da comida; mas não podiam dançar ou tocar instrumentos. Portanto, a presença feminina em funções que antes eram exercidas exclusivamente pelos homens, como na dança, canto e comando de grupos é uma transformação que teve início por volta da década de 1970 e é considerada pelas mulheres como uma “conquista” da possibilidade de ocupar lugares de destaque e poder.

Pedrina Lourdes dos Santos é uma das pioneiras neste processo. Nascida em 1961, na cidade de Oliveira<sup>21</sup>, interior de Minas Gerais, começou a dançar e tocar aos onze anos de idade, quando seu pai, o capitão Leonídio João dos Santos, não conseguiu reunir o número de homens suficientes para sair às ruas, e permitiu que ela e outras jovens saíssem no grupo. Com a morte do pai, em 1980, Pedrina assumiu, juntamente com seu irmão Antônio, a capitania do Terno de Massambique Nossa Senhora das Mercês. Pedrina é considerada a

---

<sup>21</sup> Localizada a 165 km a sudoeste de Belo Horizonte, Oliveira possui cerca de 39 mil habitantes e uma história que remonta ao século XVI, quando viajantes portugueses caminhavam em direção a Goiás. A cidade é um das poucas cujo surgimento não está ligado diretamente à mineração colonial. Com uma situação geográfica privilegiada, que ligava quatro importantes capitânicas - Rio, São Paulo, Minas e Goiás -, o local era travessia obrigatória daqueles que iam para Goiás em busca de riquezas (FONSECA, 1961).

primeira capitã de Moçambique do estado de Minas Gerais, completando, neste ano de 2016, quarenta e seis anos de festa do rosário, sendo trinta e seis deles como capitã.

“Já nasci na luta”, foi o que me disse Pedrina, ao narrar a sua história. O pai era pedreiro; a mãe, Dona Ester Rufina Borges, parteira; ambos benzedores, conhecedores de plantas e raízes; ambos católicos, congadeiros e umbandistas. O pai era capitão da guarda de Moçambique Nossa Senhora das Mercês; a mãe, rainha conga da guarda de Moçambique de Santa Efigênia. Pedrina foi a décima sétima a nascer numa prole de vinte e um filhos. Segundo ela, “treze faleceram por aborto prematuro [espontâneo] ou doenças infantis”:

Minha mãe me contou que nasci antes de completar o sexto mês da gravidez e, em casa, com parteira. E ela, muito bem intuída pelos bons mensageiros divinos, fez uma incubadora rudimentar, mas que salvou minha vida, usando tijolos esquentados no fogão à lenha, enrolados em jornais e depois em panos e colocados ao meu redor, pois eu não tinha calor no corpo. Muito prematura, eu também não engolia, não respirava bem e não tinha as unhas formadas nem das mãos e nem dos pés. Com seis meses de idade, pesei 1.500kg. Sobrevivi (Pedrina, 2013)<sup>22</sup>.

Pedrina cresceu vendo a luta dos pais, capitão e rainha conga do Reinado da cidade de Oliveira, para realizar a Festa de Nossa Senhora do Rosário. Cresceu vendo a movimentação no terreiro de sua casa, o cuidado e o zelo de seus pais com a festa e a casa sempre cheia de pessoas à procura de conselhos, de chás ou de uma reza, “em meio as dificuldades de sobrevivência de quem foi muito pobre e vivenciando os festejos do Reinado que meus pais faziam com devoção, amor e carinho” (Pedrina, 2013).

Os pais, congadeiros, eram também umbandistas e realizavam suas reuniões de umbanda em um terreiro que foi apedrejado. Segundo Pedrina, receosos de mais violência, os pais passaram a realizar as sessões na própria residência, e como forma de proteger os filhos da intolerância religiosa, numa cidade cuja presença da igreja católica oficial era e é ainda muito forte, o casal encaminhou os filhos para o catolicismo:

---

<sup>22</sup> Todas as citações das falas de Pedrina com a data de 2013 foram transcritas de conversas realizadas durante o trabalho de campo, nos oito meses em que acompanhei seu cotidiano, de dezembro de 2012 a agosto de 2013.

Eu me afeição ao Catolicismo. Ganhei um exemplar do Novo Testamento, doado pelo então Capelão da Igreja dos Passos, Múcio Lu-Buono, aos 12 anos de idade e li com gosto os ensinamentos de Jesus e seus Apóstolos. Fiz parte do Coro *Mater Dolorosa* da Igreja dos Passos, onde aprendi cantos em latim, ladainhas, missas solenes, fiz várias vezes solos, corava Nossa Senhora. Até aos 16 anos eu coroei<sup>23</sup> Nossa Senhora (Pedrina, 2013).

Já adulta, Pedrina fez parte da Confraria Nossa Senhora das Dores, da Sociedade São Vicente de Paulo e da Renovação Carismática Católica. Ministrou cursos de batismo, de noivos e coordenou encontro de casais.

Pedrina conta que, desde muito pequena, alimentava o sonho de se tornar médica para cuidar das pessoas pobres. Por conta disso sempre foi muito estudiosa, tirando boas notas e sendo muito elogiada pelos professores. O sonho foi ficando distante quando se sentiu na obrigação de começar a trabalhar para ajudar os pais nas despesas de casa que eram altas, não só por conta do tamanho da família, como também por causa dos gastos realizados anualmente com a Festa do Rosário.

Assim, aos 17 anos de idade, Pedrina começou a trabalhar em um escritório, sendo obrigada a transferir os estudos para a noite. A mudança provocou dias de choro na adolescente, não só porque o ensino noturno era bem diferente do diurno, mas também porque o único curso disponível era o de contabilidade. O foco agora eram as disciplinas da área das ciências exatas e não as biológicas, fundamentais para quem queria cursar medicina. Mesmo assim, Pedrina não desistiu e tentou o vestibular na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Não passou e acabou fazendo outro exame, desta vez para ciências contábeis, em uma faculdade de Divinópolis, cidade próxima a Oliveira. Pedrina continuou trabalhando durante o dia e estudando à noite.

Em 1979, o pai, Seo Leonídio, adoeceu e pela primeira vez, desde os sete anos de idade, o capitão não participou do Reinado. Dona Ester decidiu, então, mudar-se para Belo Horizonte para cuidar da saúde do marido. Como precisavam de alguém que pudesse comprovar renda para alugar um imóvel na capital, Pedrina trancou a matrícula na faculdade, realizou testes numa empresa na cidade e conseguiu uma vaga em um escritório. Pouco tempo depois, Dona Ester decidiu retornar com o marido para a cidade de Oliveira.

---

<sup>23</sup> A coroação de Nossa Senhora é uma prática devocional católica celebrada nos meses de maio, onde crianças cantam em louvor à Nossa Senhora e depositam uma coroa na cabeça da Santa.

Em 1980, Pedrina casou-se e voltou a morar em Oliveira. Começou, então, a trabalhar no IBC - Instituto Brasileiro do Café, uma autarquia do governo federal, com sede na cidade de Santo Antônio do Amparo, MG. Cinco anos depois, ela foi transferida para a capital, para onde mudou-se novamente, agora com o marido, a filha Ester e grávida de seu segundo filho, Domingos.

Alguns anos depois nasceu Pedro, seu terceiro filho. O salário no IBC era pouco e o marido tinha problemas com o consumo de álcool. Pedrina, então, decidiu tentar um concurso para a Caixa Econômica Federal. Era outubro de 1989 e uma colega de trabalho deu-lhe algum dinheiro para que comprasse bombons para os filhos, pois era dia das crianças. Pedrina acabou usando este dinheiro para comprar uma apostila do concurso em uma banca de jornal. Segundo ela, a correria que levava trabalhando fora e cuidando da casa e dos filhos era tanta que mal conseguiu ler parte do material. Mesmo assim não desistiu, e foi fazer a prova. Só teve a dimensão do que era um concurso para um cargo público federal quando chegou ao centro da cidade e viu todos os pontos de ônibus tomados por candidatas a caminho do exame.

Este momento de importante decisão na vida de Pedrina foi, segundo ela, seu primeiro contato com exu<sup>24</sup>. Ela estava agora diante de uma encruzilhada, um momento de decisão, de tomada de posição. Já tinha completado 27 anos e, na época, a idade máxima para participar de um concurso público era 28. Somado a isto, as dificuldades financeiras exigiam um emprego com um salário melhor, o que só aumentava a pressão para que ela passasse nas provas. Aquela era, portanto, sua última chance de se tornar funcionária pública e ter todas as garantias de um emprego desta natureza. Ali mesmo, à procura da sala onde faria a prova de seleção, Pedrina conta que fez a seguinte prece: “eu estou aqui numa precisão, eu conto com deus e com o capeta!”

As salas de provas eram organizadas pelos nomes dos candidatos em ordem alfabética. Na de letra “p”, onde Pedrina realizou a prova, ela era a única mulher. Ela passou no concurso e tomou posse no novo emprego. Agora, empregada, com estabilidade, trabalhando meio período, decidiu voltar a estudar e assim ampliar as possibilidades na carreira que iniciava.

Pedrina então prestou novo vestibular para uma faculdade particular em Belo Horizonte. À época, casada e mãe de três filhos, com

---

<sup>24</sup> Exu é um orixá considerado o mensageiro entre os homens e os deuses. Desde sua origem na África está associado ao poder de fertilização e à força transformadora das coisas (SILVA, 2005).

jornada tripla de trabalho, mãe, trabalhadora e estudante, ela enterrou de vez o sonho de cursar medicina, pois exigiria dedicação exclusiva. Pedrina decidiu retomar o curso de ciências contábeis, que já havia iniciado quando ainda morava em Oliveira. O novo emprego possibilitou a ela estudar de manhã, trabalhar à tarde e à noite dedicar-se aos filhos e às obrigações da casa.

Mesmo depois de terminada a graduação, Pedrina ainda ficou por nove anos exercendo a função em nível médio. Só quando mudou de agência teve a oportunidade de trabalhar como caixa, gerente e depois participou de um processo interno se tornando analista, cargo que exigia nível superior. Apesar de serem sessenta candidatas para uma única vaga, Pedrina foi aprovada e passou a exercer a função de analista júnior.

Trabalhar numa empresa pública, com um plano de cargos e carreiras, bem como, trabalhadores politicamente organizados em um sindicato forte foi fundamental para o crescimento pessoal e profissional de Pedrina. Alguns anos depois já era analista pleno, mas para ser sênior era necessário uma pós-graduação. Com o incentivo da empresa que pagava 70% da mensalidade, Pedrina iniciou o curso de especialização em contabilidade pública, sendo a primeira colocada na seleção da Universidade Federal de Minas Gerais. Quando se aposentou, Pedrina já ocupava o cargo de analista sênior e, se não fossem os planos econômicos do governo Collor, que impuseram grandes perdas salariais aos trabalhadores, teria, segundo ela, se aposentado com um bom salário.

Foram muitas as batalhas que Pedrina teve que enfrentar por ser mulher e negra. Segundo ela, “quando se é negro não é suficiente ser bom, tem que ser ótimo, excelente”, pois os desafios são muito maiores. Por isso ela insiste não só com os filhos, mas com todos aqueles com os quais convive sobre a necessidade de estudar:

Acho que todo mundo deveria ter essa oportunidade. Ainda que fossem seis meses numa universidade, numa faculdade, seja ela pública ou privada, pois muda totalmente a cabeça, a visão de mundo que a pessoa passa a ter é outra, não tem jeito. O grande benefício que traz é ampliar o raciocínio, a visão de mundo, de como o sistema funciona. É sem igual, sem comentários, até. Agora, tem muitas pessoas que melhoram a vida financeira ou melhora o conhecimento cultural e abandona as raízes. Eu adoro falar isso: eu convivi na casa grande sem perder a minha ligação com a senzala, porque eu consegui fazer tudo isso sem perder o meu foco (Pedrina, 2013).

Sua própria trajetória no congado é também uma trajetória de luta e superação. Por ser mulher, teve que aprender sobre os fundamentos do reinado apenas observando, pois, o pai só ensinava ao irmão. Foi longa a caminhada até ser respeitada como capitã de um guarda de congado da cidade de Oliveira, onde nasceu, pois muitos, até mesmo no próprio grupo, riam quando ela iniciava um canto. Capitães de guardas tradicionais de Belo Horizonte não a cumprimentavam. E durante muito tempo teve receio de estar infringindo algum fundamento ritual. No entanto, nenhum capitão ao qual ela inquiriu conseguiu responder por que motivo a mulher não podia dançar ou tocar:

Mas eu descobri com o passar do tempo, que em verdade, isso não tem fundamento. Pelo menos com as pessoas mais velhas que eu conversei, que eu fui chegando na parede, se não pode me explica por que. Eu sou muito contestadora, eu sou muito questionadora, e eles não conseguiram me dar uma resposta (Pedrina, 2007)<sup>25</sup>.

Com o tempo Pedrina foi se firmando como capitã. Hoje, tem seu nome conhecido e reconhecido dentro e fora do Estado e até mesmo fora do país. Em 2005, no ano do Brasil na França, esteve em Paris com seu grupo representando o estado de Minas Gerais. Por conta desta viagem, Pedrina recebeu em 2006 a Medalha Tiradentes, concedida pelo governo do estado a pessoas que contribuíram para o prestígio e a projeção de Minas e do país.

A militância pela Igreja Católica, a inserção no mundo do trabalho, a aprovação em um concurso público federal e o ingresso na faculdade são fatos que se articulam e configuram a singularidade de Pedrina enquanto capitã. Concomitante a tudo isso tem início uma circulação religiosa que começa com o seu contato com o espiritismo kardecista e a aproximação com a umbanda. É o que será discutido a seguir.

#### 1.4 “Muita religião, seu moço!”

Certo dia, em casa de Pedrina, li para ela um excerto do romance Grande Sertão Veredas, de Guimarães Rosa:

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por

---

<sup>25</sup> As falas de Pedrina datadas de 2007 são de uma entrevista realizada para o mestrado e que não foi utilizada, à época.

isso é que se carece principalmente de religião: para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável (ROSA, 2006, p. 16).

Quando terminei de ler, Pedrina abriu um sorriso e disse: “uai, sou eu! ”. Se trago aqui esta afirmação não é por enxergar a ideia de “muita religião” de Pedrina como a mesma do personagem Riobaldo, mas sim, como uma cena etnográfica que surgiu em um diálogo, a partir de uma fala de um personagem, com o qual Pedrina se identificou.

Em 1989, andando pelo bairro, procurando uma creche onde pudesse deixar os filhos para que pudesse trabalhar, Pedrina acabou entrando em um espaço onde acontecia uma reunião espírita em favor dos suicidas. Ela teve ali o primeiro contato com a doutrina espírita codificada por Allan Kardec; encontrando, segundo ela, as respostas para as suas indagações “sobre os porquês da vida, dos fatos, dos acontecimentos”.

Como o passar do tempo, o pequeno centro passou a não atender a necessidade de aprofundamento dos conhecimentos da doutrina, o que levou Pedrina a se aproximar do Grupo da Fraternidade Espírita Irmã Sheila, onde hoje, ministra cursos e dá palestras sobre a literatura espírita. Muito questionadora, a doutrina espírita trouxe respostas que Pedrina, sempre buscou “entender e compreender bem” “fortalecendo assim, a sua fé”:

Dessa forma questionava muitas coisas, muitos fatos e acontecimentos, não só da minha vida pessoal como também de acontecimentos da história humana. Por exemplo, eu meditava e dizia para mim mesma, não tenho dúvida da existência divina, sua bondade e nem de sua misericórdia. Mas indagava, porque tanta dor, tanto sofrimento no mundo, na vida de cada um de nós? Porque permitiu Deus, sendo Pai de todos nós que os negros sofressem um cativo por quase 400 anos? Porque

permitiu Deus o holocausto dos judeus? Porque tantos crimes, doenças incuráveis, crianças e velhos ao desamparo? Uns tem todo o conforto e outros não tem nada? (Pedrina, 2013).

Para quem durante anos militou na igreja católica, a transição para o espiritismo não se deu de forma tranquila:

foi uma travessia num mar revolto foi preciso rogar a ajuda divina para poder entender e compreender bem, tantas informações novas, profundas, renovadoras e consoladoras que enchem e enchem meu coração de alegria e esperança (Pedrina, 2013).

Pedrina, hoje, frequenta dois centros espíritas em Belo Horizonte. O primeiro, onde ela entrou em contato com a doutrina, está localizado no bairro União, num casa de fundos. Lá, toda terça-feira, à noite, ela participa de reunião mediúnica. Além deste pequeno centro, Pedrina frequenta um outro, bem maior e bastante tradicional na capital: o Centro Espírita Oriente. Nele acontecem atividades de assistência espiritual, e juntamente com a Casa Espírita André Luiz<sup>26</sup>, que desenvolve atividades de assistência social espírita, formam o Grupo da Fraternidade Espírita Irmã Scheilla. Uma parcela considerável da agenda de Pedrina é dedicada a este Grupo. Às quartas-feiras, ela é uma das responsáveis pelo estudo dos Livro dos Espíritos; as quintas-feiras são dedicadas para as reuniões públicas e as sextas-feiras são dias reservados para os ciclos de estudos; onde acontecem as reuniões mediúnicas.

Localizado no bairro Floresta, na região central de Belo Horizonte, o Centro Espírita Oriente funciona em um prédio de dois andares. No andar térreo estão as salas da secretaria, livraria, biblioteca, evangelização infantil, ciclos de estudos, banheiros masculino e feminino, bazar fraterno, atendimento fraterno, mocidade/pré-mocidade, reuniões de orientação espiritual e desobsessão e organização social cristã André Luiz - OSCAL. No segundo andar, um auditório para trezentas e setenta pessoas, cabine de passes e sala para reunião de educação mediúnica. Em todas as vezes que estive presente o auditório estava cheio.

---

<sup>26</sup> Na obra psicografada de Chico Xavier, André Luiz é, ao lado de Emmanuel, um dos espíritos-autores mais frequentes. Uma das obras mais importantes é o best-seller *Nosso Lar* que narra a vida numa colônia espiritual. Segundo Bernardo Lewgoy (2008), foi através dos livros de André Luiz que o espiritismo brasileiros estabeleceu um cânon textual para as exegeses das sessões espíritas.

Acompanhei Pedrina em algumas reuniões mediúnicas e nos ciclos de estudos, onde ela é uma das responsáveis por conduzir os estudos da doutrina. Além disso, na época, ela era a coordenadora responsável pelas palestras da reunião pública, além de ser palestrante de plantão. Como conhece muito da doutrina, está apta a falar sobre qualquer tema abordado, caso algum imprevisto impeça o palestrante designado a comparecer em uma das reuniões. Além do trabalho realizado no Grupo Sheilla, Pedrina é muito solicitada para palestras em outros centros espíritas.

Há alguns anos os filhos de Pedrina frequentam a umbanda e o candomblé, o que a levou a se aproximar dessas religiões. Ela conta que não queria se envolver com a umbanda, e que mudou de ideia quando soube, através de seu ex-marido, que existia um “trabalho” feito para ela e que se ela não fizesse algo, seus filhos seriam atingidos, o que a sensibilizou. Os três filhos de Pedrina são convertidos ao candomblé, mas também têm uma ligação com a umbanda, pois os centros que frequentam se formaram a partir da umbanda<sup>27</sup>.

Pedrina tentou fazer com que os filhos seguissem a doutrina espírita kardecista. Quando eram crianças ela os levava às reuniões e fazia o “culto do evangelho no lar”<sup>28</sup>, mas à medida que foram crescendo, eles abandonaram o kardecismo.

Seu filho Pedro conta que sempre se sentiu muito atraído pelas entidades da umbanda e que pedia que a tia, irmã de Pedrina, que já era umbandista, o levasse às reuniões. Depois conheceu o centro o qual frequenta hoje, que na época era de umbanda, e que à medida em que foi crescendo foi se transformando em centro de candomblé. Com o passar do tempo, os irmãos Domingos e Ester acabaram frequentando também. Hoje, os três são feitos no santo<sup>29</sup>.

---

<sup>27</sup> Prandi (2001) explica que nos últimos 20 ou 30 anos, nas regiões onde o candomblé chegou recentemente, os adeptos eram, frequentemente, umbandistas, e esta adesão não significou o abandono das concepções e entidades da umbanda. Assim, há um repertório umbandista que é agregado ao candomblé, com empréstimos rituais e doutrinários. Essa modalidade religiosa é identificada como umbandomblé (2001, p.60). Durante o trabalho de campo ouvi da filha de Pedrina esta mesma expressão “umbandomblé” para se referir a essa hibridização da umbanda com o candomblé.

<sup>28</sup> É uma reunião semanal realizada em casa, pelos familiares para orações e estudos do Evangelho Segundo o Espiritismo.

<sup>29</sup> A feitura do santo é o ritual de iniciação no candomblé, condição básica para o ingresso legítimo no culto. Consiste na segregação do fiel por um período de tempo, raspagem total da cabeça, sacrifício de animais e oferendas rituais, além de grande número de preceitos (SILVA, 2005).

A aproximação com a umbanda acabou se tornando inevitável. Com a morte da irmã, as reuniões de umbanda que aconteciam em casa de Amásia foram transferidas para a casa de Pedrina, e hoje acontecem mensalmente. Segundo ela, é nessas reuniões que a “espiritualidade”<sup>30</sup> transmite o que precisa ser feito para que a Festa de Nossa Senhora do Rosário aconteça sem problemas.

Se por um lado o espiritismo responde às inquietações de Pedrina acerca do mundo, por outro, o Reinado tem um lugar especial na sua vida e de sua família, que gira em torno desta festa. Herdada dos pais, segundo ela, tal herança cultural é “muito mais importante do que bens materiais”. Pedrina ressalta que a bela festa que todos os anos enche de cor e som as ruas da cidade de Oliveira é apenas a “casca”. É preciso ter olhos para ver além do exterior, ela diz. Para que a festa aconteça, existe todo um trabalho espiritual realizado durante o ano todo. A casa de Pedrina em Belo Horizonte funciona, segundo ela, como um ponto de apoio espiritual da festa e são as reuniões mensais que dão sustentação espiritual para os participantes da festa do Rosário.

Seguindo a tradição herdada dos pais, Pedrina faz mensalmente, em Oliveira, atendimentos espirituais a pessoas de todas as idades, com os mais variados problemas - de desemprego a problemas de saúde, de conflitos amorosos a dificuldades de relacionamento com os filhos. Durante o trabalho de campo, observei que nestes atendimentos Pedrina contava com a parceria de duas entidades da umbanda, o preto velho Pai José e Maria Padilha, ambos incorporados por seu sobrinho Carlos. Nesses atendimentos em Oliveira, pude observar uma cumplicidade muito grande entre Pedrina, Pai José e Maria Padilha.

A trajetória de Pedrina é intrinsecamente marcada por sua experiência de religiosidade<sup>31</sup>, seja sua militância na igreja católica, seja

---

<sup>30</sup> O espírita kardecista usa o termo “espiritualidade” para se referir aos espíritos desencarnados “mais evoluídos” que vem ajudar as pessoas. São também chamados de “amigos espirituais” (O livro dos Espíritos, cap. VI).

<sup>31</sup> No livro “Nas Margens”, Natalie Zemon Davis (1995) reconstrói a experiência de três mulheres do século XVII: Glikl bas Judah Leib, uma judia negociante de Hamburgo; Marie de l’Incarnation, uma religiosa que fundou o primeiro convento das ursulinas e a primeira escola para moças e Maria Sibylla Merian, pintora e entomologista protestante de Frankfurt. Em comum essas três mulheres tinham o fato de viverem à margem, no sentido de estarem longe dos centros de poder político, real, cívico e senatorial. As três não tiveram acesso aos centros formais de aprendizagem, mas eram letradas e se dedicaram à escrita. A experiência religiosa foi fundamental nas escolhas e condução da vida das três, sendo que a pesquisa religiosa teve grande influência sobre elas. Para essas três mulheres, o aprendizado se deu pelas brechas que cada uma conseguiu abrir. Glikl era uma estudiosa do Talmude e discutia muito com os religiosos que frequentavam sua casa; Marie de

sua experiência como espírita kardecista, como capitã de congado ou como benzedeira. Pedrina é uma mulher negra em espaços tradicionalmente reservados aos homens - como no reinado, e aos brancos - como no espiritismo codificado por Allan Kardec. Ser mulher e ser negra não são questões distintas, mas sim que se sobrepõem, se combinam e afetam sua vida. São intersecções importantes que impactaram suas escolhas afetando suas condições materiais e subjetivas e alterando os lugares e as práticas por onde ela transita.

O reinado é o lugar onde convergem todas as experiências religiosas de Pedrina, o espaço onde todos esses fios são entrelaçados; não só em termos cosmológicos com os santos católicos, os espíritos desencarnados do kardecismo e as entidades da umbanda, como também no campo social. Os públicos, ou seja, os ouvintes e interlocutores de Pedrina, são diferentes nas diversas vivências religiosas, mas o congado reúne todos eles. Durante a festa de Nossa Senhora do Rosário, a casa de Pedrina em Oliveira, recebe não só parentes biológicos, como de santo; além de produtores culturais, pesquisadores, políticos, artistas, etc.

Segundo Stewart e Shaw (1994), o termo sincretismo é usado frequentemente para designar inautenticidade, contaminação ou infiltração de uma suposta tradição pura por símbolos e significados vistos como pertencentes a outras tradições incompatíveis. Por outro lado, o conceito também recebe críticas por pressupor uma “pureza” inexistente, já que toda religião tem uma dimensão sincrética. Se olharmos para a etimologia do termo e seus usos, veremos que ela é historicamente contingente com as fronteiras religiosas a que se refere. Tem sua origem no grego antigo “syn” (com) e krasis (mistura), que são combinadas em palavras como syngkrisis (mistura, composto) ou idiosyngkrasia (peculiar, individual) (STEWART e SHAW, 1994).

João Leal (2011) elucida que o interesse atual em processos de sincretismos e anti-sincretismos não são fenômenos novos, mas novos pontos de vista sobre fenômenos antigos. Termos como crioulização, hibridismo e/ou sincretismos são, na verdade, termos diferentes para questões que já apareciam nos estudos sobre difusionismos e na teoria da aculturação. O interesse pelo estudo dos modos de circulação de pessoas,

---

l’Incarnation falava com os doutores da teologia durante as confissões nos conventos e através de correspondências; Merian lia todos os livros da biblioteca da família. Apesar da posição de marginalidade, as três construíram trajetórias singulares e suas vidas com suas virtudes e falhas, e revelam muito do contexto da sociedade de sua época. Penso que estes três exemplos analisados por Davis em seu livro se aproximam da experiência de Pedrina: uma mulher, que também pelas brechas se empodera via experiência religiosa, saindo de um lugar às margens para construir uma trajetória singular.

objetos e ideias não é novo na antropologia. Entre as décadas de 1890 e 1920, o difusionismo foi o grande paradigma da antropologia na Alemanha, nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha. Em seguida, teve como predecessor a teoria da aculturação desenvolvida nas décadas de 1930 e 1940 pela antropologia norte americana, influenciada pelo difusionismo de Franz Boas.

Pierre Sanchis (1995) se dedicou ao estudo do tema do sincretismo. Segundo o antropólogo, nas últimas décadas, no Brasil, o termo sofreu uma série de objeções; geralmente interpretado como um “ardil epistemológico”, o tema foi muitas vezes recusado pelos pesquisadores. Colocado sempre em oposição ao conceito de pureza, o termo sincretismo tendia a aparecer frequentemente em disputa de poder. Na década de 1940, sociólogos e antropólogos brasileiros adotaram o conceito de sincretismo para estudos sobre as religiões afro-brasileiras, mas, no final da década de 1970, o conceito foi criticado como parte de uma ideologia de dominação e instrumento de imposição cultural, sendo por isso, abandonado.

Para Sanchis, um dos grandes argumentos contrários ao sincretismo era que o conceito não passaria de instrumento de acusação desfechado pelas formas dominantes de religião, principalmente aquelas consideradas puras, em oposição às mais populares, menos dotadas de um corpo teológico racionalizador. As críticas ao funcionalismo e ao culturalismo passaram a enxergar no conceito de sincretismo um obstáculo para percepção das experiências de dominação e situação de exploração colonial. Considerado, então, arma de opressão como parte de uma ideologia dominante, o conceito foi abandonado.

Todavia, Sanchis se nega a reduzir o fenômeno do sincretismo a uma imposição da cultura daquele que detêm o poder político e econômico sobre os demais. Segundo o antropólogo, o sincretismo alcança a todos, pois a cultura dos grupos dominantes também se sincretiza. Para além do senso comum sociológico, que vê o sincretismo como simplesmente mistura, o estudioso chama nossa atenção para a necessidade de ampliar a compreensão de um conceito fundamental (SANCHIS, 1995).

Sérgio Ferreti<sup>32</sup> (1995) também se dedicou a repensar o sincretismo, sobretudo aquele ligado à religiosidade afro-brasileira. O antropólogo realizou pesquisa junto à Casa das Minas, em São Luiz, no Maranhão. Considerada uma casa de origem africana, das mais ortodoxas

---

<sup>32</sup> Bem antes de Ferreti, Roger Bastide discutiu o sincretismo como mosaico – coexistência de objetos discordantes, em sua teoria do sincretismo como resistência.

e puras, o tambor de mina desta casa tem muitos vínculos com o catolicismo, o espiritismo kardecista, religiões ameríndias, entre outras práticas.

Desde o início, os estudos afro-brasileiros concentraram-se, sobretudo, nos cultos de tradição nagô-queto em detrimento dos de outras procedências. Os cultos considerados mais misturados foram tradicionalmente menos valorizados por religiosos e pesquisadores da religião (FERRETI, 1995).

As relações sincréticas entre as Festas do Divino Espírito Santo e o Tambor de Mina, no Maranhão, também são objetos de pesquisa do antropólogo João Leal (2014). Segundo Leal, celebradas em vários estados brasileiros, só em São Luiz é que as Festas do Divino são realizadas “no quadro de casas religiosas afro-brasileiras”, onde cruzam “a devoção e a promessa a entidades espirituais católicas com o culto às entidades espirituais não católicas da Mina”. Estas são, em muitos casos, “festas de obrigação afro-religiosa” (LEAL, 2014, p.18).

Para o antropólogo, as entidades espirituais da Mina têm uma presença importante em muitas festas, determinando, inclusive, aspectos organizativos e sequências rituais, entre outros. Muitas entidades participam dos festejos “baixando” em alguns dos protagonistas e participantes. “O culto ao Espírito Santo surge articulado com os toques de Tambor de Mina para as entidades não católicas do terreiro” (Ibidem, p.19).

É interessante atentar para a observação de Leal, no sentido de que a integração ritual existente entre o culto às entidades da Mina e o culto ao Espírito Santo estão ausentes ou são referidas apenas de passagem na literatura disponível. Segundo a literatura antropológica consultada por Leal, esses “arranjos sincréticos” foram vistos como aculturação ou como estratégia de adaptação das populações subordinadas à uma sociedade preconceituosa. Isto é, as explicações se centram na dinâmica dos contatos, na dominação branca e nas estratégias de conformação e resistência por parte das populações afrodescendentes.

Leal salienta que, embora importantes, essas “razões maiores” devem continuar a ser investigadas, mas as “razões menores”, mais localizadas e inscritas no presente também merecem atenção. Para o autor, o sincretismo deve ser visto como uma “opção” que é permanentemente refeita no presente. No caso dessas articulações, entre Mina e Divino, as Festas do Divino “operam como uma tecnologia ritual capaz de produzir a abertura dos terreiros para o exterior e de os enraizar em espaços de relacionamento social - e mais recentemente de visibilização política - mais alargados” (LEAL, 2014, p. 20). Situadas

entre a devoção católica e a obrigação afro-religiosa, as Festas do Divino têm um papel performativo na constituição do sincretismo no Tambor de Minas.

Outras manifestações do catolicismo popular brasileiro também sincretizaram com religiões de matriz africana, como é o caso da taeira, em Laranjeiras, interior do Sergipe. A taeira é uma dança religiosa que tem por excelência o dia da festa dos santos padroeiros dos negros, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. As dançantes acompanham as rainhas de Nossa Senhora do Rosário dançando e cantando louvores aos santos e se apresentam na igreja ou diante de presépios montados nas casas dos moradores (DANTAS, 1972).

Segundo Dantas (1972), embora os dados coletados em Laranjeiras não permitam afirmar a vinculação da dança da taeira ao reinado dos congos, essa era conhecida no passado como cordão do rosário, demonstrando que existem relações estreitas entre as duas manifestações. Em Laranjeiras, o sentido religioso original da taeira, inspirado no catolicismo, encontrou elementos afro-brasileiros porque o festejo estava intimamente ligado à pessoa da sua organizadora, Umbelina Araújo, ou Bilina, como era conhecida. Neta de africanos escravizados, Bilina nasceu em Laranjeiras, pouco depois da abolição da escravatura. Ela não frequentou escola e sofreu forte influência de sua avó nagô, de quem herdou a religiosidade que lhe proporcionou prestígio e fama como mãe de santo. Se da avó herdou o saber africano, da mãe recebeu a incumbência de dar continuidade à festa da taeira. Segundo Dantas, organizada e dirigida por uma mãe de santo por mais de cinquenta anos, a taeira acabou por receber influências do culto negro nagô.

Essa discussão em torno da religiosidade afro-brasileira ganhou contornos importantes na década de 1980 com os estudos de Beatriz Gois Dantas. Em seu livro “Vovó nagô, papai branco: usos e abusos da África no Brasil”, a autora aponta que os estudos sobre as chamadas religiões afro-brasileiras remetem constantemente à África e a uma busca de africanismos iniciada ainda no século XIX por Nina Rodrigues. Nessa busca, o modelo nagô acabou por ser apresentado como aquele mais autêntico e puro em detrimento da umbanda, da macumba e dos candomblés de caboclo e de angola, tidos como “menos interessantes”, degenerados de sua pureza original (DANTAS, 1988).

Corroborando as atuais acepções e discussões sobre sincretismo, no panorama nacional e internacional, segundo Dantas (1988), a pureza nagô não resulta da fidelidade a uma tradição, mas de uma construção na qual os intelectuais têm um importante papel. A ideologia de uma pureza pressupõe a existência de um estado original, pois, a partir de uma

etnografia realizada em Laranjeiras, Sergipe, Dantas observou que os traços culturais que foram invocados para comprovar a pureza africana, foram diferentes do modelo nagô na Bahia. As dessemelhanças aparecem não só em termos de origem, como de significação - alguns traços culturais que são vistos como sinais de mistura na Bahia são sinais de pureza e fidelidade na tradição nagô. Assim, se os traços culturais não podem ser considerados provas intrínsecas de africanidade, a autora busca analisar a gênese da ideologia da pureza dos candomblés.

Nesse sentido, Dantas (1988) nos apresenta uma etnografia dos candomblés de Laranjeiras, em Sergipe, comparativamente aos da Bahia. Seu objetivo é buscar entender o que ela chama de “busca obstinada da África” e a “glorificação da tradição nagô”, considerada a “mais pura” por muitos estudiosos da religiosidade afro-brasileira. Para isso, Dantas utiliza como campo de observação o segmento afro-brasileiro de Laranjeiras, Sergipe, em terreiros de candomblé que se autoidentificam como nagôs. De acordo com a autora, na busca incessante da África no Brasil, o modelo nagô foi sempre tomado como referência de pureza e de fidelidade africana. No entanto, essa ideologia de pureza pressupõe a existência de um estado original; assim, traços culturais são recortados e utilizados como provas intrínsecas de africanidade. Quando comparou os terreiros de candomblé nagô de Laranjeiras e da Bahia, Dantas percebeu que os traços culturais invocados para atestar a pureza africana eram diferentes nos dois estados. Traços considerados marcas de pureza em um estado foram considerados marcas de mistura ou degeneração no outro.

Dantas salienta com esses pressupostos que, a partir dessa perspectiva, a cultura é concebida como uma entidade objetiva, um sistema autônomo onde os contatos interétnicos e culturais são ignorados, em que a ideologia da pureza pressupõe um estado original preservado de influências externas. Segundo a autora,

a cultura não é simplesmente uma bagagem que a sociedade carrega consigo e conserva como um todo, não é algo acabado, mas algo que se recorta de diferentes modos para a afirmar identidades e garantir interesses, sendo constantemente reinventado e investido de novos significados (DANTAS, 1988, p.148).

Para a estudiosa, os intelectuais tiveram um papel determinante na cristalização de traços culturais que passaram a ser tomados como expressão máxima de africanidade a partir do modelo jeje-nagô. Primeiro, com Nina Rodrigues, considerado o pioneiro nos estudos científicos sobre

o negro no Brasil. Convencido da inferioridade do negro, Nina Rodrigues apontava diferentes capacidades e graus de cultura entre eles. O autor construiu um esquema evolutivo onde os nagôs eram considerados superiores em relação a outros negros, sobretudo os bantos. Nina Rodrigues abriu portas que depois foram alargadas por seus discípulos, e que acabaram por transformar o nagô em símbolo distintivo da Bahia.

Stefania Capone (2004) observa que o trabalho de Dantas (1988) foi ignorado pelos antropólogos porta-vozes do candomblé nagô, uma vez que desconstruía o discurso deste como sinônimo de pureza africana. Segundo essa pesquisadora, os antropólogos exerceram papel decisivo na contribuição de um “modelo ideal de ortodoxia”, identificado com o culto nagô, que encontrou respaldo tanto nos praticantes dos cultos, quanto em outros pesquisadores. O discurso hegemônico dos chefes de terreiros tradicionais da Bahia foi legitimado pelo discurso dos antropólogos, que há quase um século vêm limitando seus estudos a três terreiros nagôs (Gantois, Engenho Velho ou Casa Branca e Axé Opô Afonjá), apesar da existência de milhares de outros.

Nos estudos afro-brasileiros, o candomblé é sempre colocado em oposição à umbanda, ou o candomblé nagô em oposição ao candomblé banto, mas será que essa oposição é realmente vivida na prática ritual dos cultos? - questiona Capone (2004). Segundo a antropóloga, as diferenças entre os cultos são bem menos claras do que pretendem seus pares e adeptos das religiões afro-brasileiras:

os complexos arranjos da ortodoxia do candomblé na prática ritual indicam que os cultos afro-brasileiros não são nem construções religiosas cristalizadas e imóveis, nem entidades que se excluem mutuamente. Além disso, os modelos ideais dificilmente correspondem à realidade ritual: nunca existiu uma umbanda ideal como aquela descrita por seus teólogos, nem um candomblé "puro africano" como os porta-vozes da tradição teriam desejado (CAPONE, 2004, p.28).

Em importante pesquisa sobre a busca da África no candomblé, Capone (2004) observa que é impossível uma ortodoxia que uniformize os milhares de centros da prática no Brasil. Segundo a antropóloga, as sistematizações que tentam cristalizar o candomblé acabam por caducar, devido à uma multiplicidade que domina e se impõe. O campo dos cultos afro-brasileiros é extremamente heterogêneo, e até mesmo terreiros considerados mais tradicionais como o Axé Opô Afonjá, na Bahia, não

estão a salvo de influências do espiritismo kardecista. Conforme a autora, nunca existiu um candomblé puro ou uma umbanda ideal como muitos discursos tentam reproduzir. A busca por uma origem africana sempre esteve presente nos cultos afro-brasileiros, desde Nina Rodrigues e Roger Bastide.

Em síntese, os autores e as ideias apresentadas acima são trazidos para salientar que, se por um lado, certas concepções de sincretismo não dão conta da complexidade das próprias relações entre as diversas práticas religiosas afro-brasileiras, por outro lado, elas também não nos permitem compreender a experiência religiosa de Pedrina.

O personagem sertanejo Riobaldo, citado no começo deste capítulo, confessa sua necessidade de muita religião, seja católica, kardecista ou metodista. Apenas uma religião parece não ser suficiente para responder às necessidades do sertanejo. Durante o trabalho de campo para esta pesquisa, este também foi o cenário encontrado: “muita religião, seu moço!” E é essa necessidade de “muita religião” que perpassa este estudo. Uma só parece não ser suficiente para responder às necessidades de Pedrina. Ela diz: “Sou ecumênica, sou católica, umbandista, espírita cristã, reinadeira, capitã de Reinado, benzedeira, raizeira, feliz e agradecida pela vida que Deus me deu, por tudo que vivenciei”.

Cabe ressaltar que a ideia de “muita religião” aqui, não é aquela ligada à instituições ou doutrinas, mas diz respeito aos trânsitos dos sujeitos por diferentes práticas religiosas. Sônia Maluf (2011) nos ajuda a compreender essa ideia quando faz a crítica aos limites do conceito de religião. Segundo a antropóloga, o Brasil apresenta como uma de suas características específicas, uma tradição eclética da vivência religiosa que está ligada a elementos históricos da configuração social e cultural brasileira. As práticas e vivências dos sujeitos são tão heterogêneas, e às vezes tão díspares, que não podem ser resumidas à uma filiação religiosa particular. Segundo Maluf, para compreender esse fenômeno é necessário sair da “lógica de se pensar o religioso e a religiosidade a partir de doutrinas, organização institucional e ritual, ou mesmo como um campo autônomo em relação a outras esferas” (MALUF, 2011, p. 7).

O mundo de Pedrina é um mundo habitado por santos católicos, espíritos desencarnados, exus e n+kises, um mundo ecumênico como ela mesma define. Segundo Giumbelli (2014, p.123), o termo ecumenismo “define-se, genericamente, pelo projeto de gerar algum tipo de aproximação entre povos, grupos ou tradições atrelados a diferentes religiões”. Segundo o autor, no Brasil, a história do ecumenismo remete às primeiras décadas do século XX, época em que surgiram temas ancorados na igreja católica e nas protestantes. Nesta perspectiva, o

ecumenismo pode ser definido como um diálogo teológico que não coloca em jogo aproximações doutrinárias. Em geral, são iniciativas que implicam em intervenções na sociedade, geralmente na forma de declarações e posições, por meio de projetos junto a público e localidades específicas. Para Van der Poel (2013), o ecumenismo acontece na vida cotidiana quando as pessoas vivem a experiência de Deus através de diversas confissões e culturas. A visão de ecumenismo de Pedrina difere dos autores citados, pois para ela, ser ecumênico refere-se à possibilidade de articular diferentes doutrinas e concepções.

A seguir, apresento uma das dimensões religiosas pela qual Pedrina transita: o Reinado de Nossa Senhora do Rosário ou congado. Ser capitã de congado não define o sujeito Pedrina, mas possui uma centralidade em sua vida, pois é a partir do universo do Reinado que Pedrina circula por vários outros. Constantemente ela é convidada para falar em congressos, seminário e encontros, além de ministrar cursos e oficinas sobre o congado.

### **1.5 O Reinado de Nossa Senhora do Rosário**

Novamente, busco auxílio na Literatura para demonstrar a importância da manifestação do congado em Minas Gerais. O escritor João Guimarães Rosa, em carta a seu amigo e editor João Condé, confessa que “quando chegou a hora de o ‘Sagarana’ ter de ser escrito”, imaginou seu primeiro livro como um barquinho descendo o rio, passando ao alcance de suas mãos, onde poderia colocar o que quisesse. Pressentindo que o livro não seria de poemas, decidiu-se pelas novelas e na hora de escolher o terreno onde localizar as histórias, decidiu-se pelo pedaço de Minas Gerais que era mais seu, porque, segundo ele, “o povo do interior – sem convenções, ‘poses’ – dá melhores personagens de parábolas”.

O escritor conhecia como ninguém o interior das Minas Gerais, seus bichos e suas gentes, e em várias passagens de suas obras encontramos referências da devoção do povo mineiro à Nossa do Rosário e às festas do congado:

Mas tinha esquentado aquele sábado.

Frei Sinfrão já começara uma missa, sempre mais povo chegando, a reio. Também muitos já revestidos, para figurar na festança do dia-seguinte. Os dos ranchos: os moçambiqueiros, de penacho e com balainhos e guizos prendidos nas pernas; grupos congos em cetim branco, e

faixa, só faltando os mais adornos; e a rapaziada nova, com uniforme da guarda-marinheira.

Imponente foi quando comungaram o preto Zabelino, todo sério, e a preta Maria-da-Fé, com um grande ramo de flores nos braços, quens iam ser rei-congo e rainha-conga.

Seo Alquistes estava presente, com seo Juca do Açude e seo Jujuca, e as senhoras da Fazenda, e acabada a missa seo Alquiste aproveitou para bater chapa de todos os fardados.

Música ia tocar era no outro dia, no outro dia era que era o registramento:

- Viva a Senhora do Rosário!

- Viva a grande santa Santa Efigênia!

- Viva o nosso santo São Benedito!

Mesmo, em diversas casas, na Rua dos Pequis e Rua dos Pacas, se ajuntaram pessoas, e era aquele guararape brabo: rufando as caixas, baqueando na zabumba.

Mor, lomba acima, indo para a Matriz do Sagrado Coração, uma turma se rodeara, à sombra de uma árvore grande, ali também ainda ensaiavam: era o pessoal do Mascamole - ele e o Tu, cunhado seu, vindos do Santomé. Muito reluziam. O povo vivava. E o Tu e o Mascambole, chefes, tribuzando no tambor: tarapatão, tarapatão, barabão!... Tudo era grande movimento (ROSA, 2001, p. 81)

Guimarães Rosa traduz bem o festejo: o povo chegando para missa, a diversidade dos grupos - os moçambiqueiros com seus “balinhos e guizos prendidos nas pernas”, os caboclinhos com seus “penachos”, os congos sem adornos, mas vestidos de cetim e com as faixas, os marinheiros com seus uniformes - todos “fardados”, em pose para o retrato. A simplicidade, mas também a imponência do rei e da rainha conga com um ramo de flores no braço, ao som das caixas, reverenciando Nossa Senhora do Rosário e os santos pretos Santa Efigênia e São Bendito, tudo num “grande movimento”.

Esse “grande movimento” narrado por Guimarães Rosa em sua novela, ainda hoje, segue espalhando sons e cores não só pelas periferias da capital mineira, como pelas cidades do interior de Minas Gerais. Em Oliveira, há cerca de duzentos anos, é possível conferir essa movimentação durante nove dias no mês de setembro. O Reinado de Nossa Senhora do Rosário - Festa do Congo - enche de cores e sons as ruas da cidade através da diversidade de seus grupos: moçambiqueiros com suas gungas presas aos tornozelos, vilões com seus cajados indo à frente limpando o caminho, catopês com seus reco-recos e movimentos

saltitantes e a guarda de congo com seus capacetes de fitas coloridas. Nesses dias, tudo é um “grande movimento”, confirmando as impressões de Guimarães Rosa.

Segundo Glauro Lucas (2002), o congado possui origem luso-afro-brasileira, uma vez que o catolicismo português ofereceu a devoção a Nossa Senhora do Rosário, enquanto que a igreja católica no Brasil reforçou essa crença e os negros deram forma ao culto e à festa por meio de elementos africanos.

Para Marina de Mello e Souza (2006), a devoção dos negros à Nossa Senhora do Rosário se deu ainda na África, com o processo de conversão da elite congoleza ao cristianismo. O contato dos portugueses com o reino do Congo aconteceu a partir do século XV, por intermédio da busca de metais preciosos, de novas aberturas de comércio e da disseminação da fé cristã. No entanto, essa conversão é definida por Souza (2006, p. 66) como a “institucionalização de um mal-entendido”, em que cada povo lia a realidade conforme suas concepções de mundo. Embora alguns conceitos análogos tenham sido tomados como idênticos, os ritos católicos eram lidos a partir dos códigos da nação congoleza:

(...) inseridos em universos culturais completamente diferentes, congolezes e portugueses criaram um campo de compreensão mútua a partir do qual se desenvolveram os ‘mal-entendidos’ propiciados pela leitura dupla dos mesmos eventos e idéias (SOUZA, 2006, p.66).

Em Minas Gerais, o culto à Nossa Senhora do Rosário foi difundido desde o início da colonização, cuja devoção esteve ligada às Irmandades, associações leigas que, além de propósitos religiosos, atuavam como verdadeiros canais de ajuda mútua. Assim, grupos étnicos de diferentes classes sociais e categorias profissionais se organizavam em torno de irmandades específicas. Existiam irmandades de brancos, pardos e negros. Os negros escravos, alforriados e livres compunham as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos ou as de santos negros, como Santa Efigênia e São Benedito (LUCAS, 2002).

Nas irmandades, os negros realizavam rituais africanos como a coroação de reis e rainhas, além de tocar instrumentos de percussão, cantar e dançar. Os rituais africanos de eleição de reis e rainhas foram comuns em todo o Brasil, durante o período colonial e ainda hoje, reis e rainhas congos estão presentes nos rituais dos Reinados de Nossa Senhora do Rosário, representando as nações negras africanas, sendo eles os que presidem, na ordem do sagrado, os ritos e celebrações dramatizados.

Segundo Leda M. Martins, “na ausência de sua sociedade original, onde os reis tinham a função de liderança, os negros passaram a ver, nos ‘reis do Congo’, elementos intermediários para o trato com o sagrado” (MARTINS, 1997, p.33).

Embora sejam tomados um pelo outro, os termos congado e reinado mantêm diferenças. Os grupos são denominados ternos ou guardas e podem existir individualmente ligados a santos de devoção onde não existe o Reinado. Este, por sua vez, é definido por uma estrutura simbólica complexa e por ritos que incluem, além da presença das guardas, a instauração de um Império que, por meio de atos litúrgicos, cerimoniais e narrativas, reinterpreta as travessias dos negros da África às Américas (MARTINS, 1997).

No congado existem duas dimensões ritualísticas distintas e complementares: o trono coroado e a capitania. O trono coroado representa o Reino de Nossa Senhora e é composto pelos rei e rainha congos, perpétuos, e festeiros, além dos respectivos príncipes e princesas. Os reis e rainhas congos e perpétuos são indivíduos de grande respeito na comunidade e representam a máxima autoridade nos festejos. Os reis festeiros são escolhidos anualmente. A capitania é composta por aqueles que cantam, tocam e dançam. O (a) capitão(ã) é quem comanda o grupo.

O Reinado tem um papel fundamental na vida de Pedrina. Segundo ela,

foi através desta festa, no convívio com as pessoas mais velhas, que eu fui entender a verdadeira história dos negros, no Brasil e antes de vir para o Brasil, e entender a essência do negro, a sua religiosidade, a sua cultura. Em verdade a gente não encontra isso em livros, não encontra isso em escola (Pedrina, 2007).

Em Oliveira, os festejos normalmente têm início num sábado, próximo ao feriado de sete de setembro, com a saída do *Boi do Rosário* que vem anunciar a festa; no domingo há a missa conga pela manhã e, à noite, iniciam-se os reinados. Durante toda a semana, à noite são realizados os reinados de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito e Nossa Senhora Aparecida. Durante o dia são feitas visitas cerimoniais a lugares e pessoas, incluindo pagadores de promessas, onde se canta, dança, come e bebe. Após a realização de todos os reinados, no domingo seguinte, tem-se uma procissão em agradecimento aos dias de festa e descimento das bandeiras

e dos mastros, que são entregues aos seus respectivos patronos que, por sua vez, os guardam até o ano seguinte.

Segundo a lenda geracional, Nossa Senhora do Rosário foi avistada por um negro que pediu autorização ao seu senhor para retirá-la das águas, mas o pedido foi negado. O homem branco construiu uma capela e buscou a imagem que, no entanto, se recusou a ficar no altar construído. Depois de muita insistência dos negros, o senhor permitiu que eles fizessem uma tentativa. Nossa Senhora, então, atende aos negros escravizados e senta em um de seus tambores. Pequenas variações no mito podem ser percebidas de um grupo para outro. Dependendo da localidade, há uma variação no espaço simbólico de aparição da santa. Enquanto em Belo Horizonte ela surge no mar, na zona oeste de Minas ela aparece no alto da mata ou à margem de uma lagoa. Em Goiás ela aparece numa gruta de pedra ou no deserto (COUTO, 2003).

É esse mito que fundamenta e estrutura os rituais do congado, sendo contado e recontado por intermédio dos cantos em louvor a Nossa Senhora, que falam de sua aparição, de seu resgate e do sofrimento dos negros, decorrentes da escravidão e da origem e da história dos antepassados africanos (LUCAS, 2002).

Segundo Leda M. Martins (1997), apesar das variações em torno da aparição, próprias dos processos de transmissão oral, em todas as narrativas três elementos estão presentes: a situação de repressão vivida pelo negro escravo; a reversão simbólica dessa situação, uma vez que a Santa somente atende ao chamado dos negros; e a instituição de uma hierarquia e de outro poder mítico. Ou seja, o ponto convergente em todas as narrativas é a identificação da Santa com o sofrimento do povo negro, através do atendimento de seu chamado. É para Nossa Senhora do Rosário que os devotos cantam, tocam e dançam. Além da Santa, os antepassados escravizados e os santos negros como São Benedito e Santa Efigênia são também reverenciados.

Se Nossa Senhora é a mãe nesta família, o pai é o candombe, que é considerado a primeira forma de expressão cultural dos congados (PUC, 1974). É um ritual de canto e dança que faz uso de três tambores (Chama, Santana e Santaninha), uma puíta – espécie de cuíca e um guaiá – chocalho de cipó trançado sobre cabaça contendo contas de lágrimas de Nossa Senhora ou sementes similares.

Os instrumentos são considerados sagrados, verdadeiras entidades, e não é qualquer pessoa que pode tocá-los. Segundo Pereira (2005), são os tambores que comandam a dança e é a eles que a mesma é dirigida. Um dos rituais necessários para o êxito da festa de Nossa Senhora do

Rosário é o toque de candombe, que deve acontecer sempre que se levantam e descem os mastros.

Segundo Saul Martins (1988), o congado é uma família de sete irmãos, onde Nossa Senhora do Rosário é a mãe e o candombe é o pai. O congo é o grupo considerado o irmão mais velho. Nos cortejos é ele quem vai à frente, abrindo e limpando os caminhos. Nas mãos, o(a) capitão(ã) leva a espada ou o tamboril ou tamborim. Os dançantes se postam em duas fileiras e movimentam-se com movimentos rápidos e saltitantes; na cabeça levam capacetes enfeitados com flores, espelhos e fitas coloridas.

Em Oliveira não existia nenhum grupo de congo até cerca de dez anos atrás, quando foi criada a Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário, que é uma das três existente no terreiro de Pedrina.

Na hierarquia dos grupos, o moçambique é responsável por conduzir o trono coroado (reis, rainhas, príncipes e princesas congos), pois foram eles que retiraram Nossa Senhora das águas e foi em seus tambores que Nossa Senhora do Rosário se sentou. Os integrantes usam saiotes por sobre as calças e gungas – pequenas latas recheadas de chumbo – presas ao tornozelo, usadas como instrumentos percussivos. Segundo os congadeiros as gungas são representações das correntes usadas para prender os escravos e o bastão é o símbolo de comando do capitão.

O catopê, catopé ou catupé usa calças brancas e blusas coloridas brancas e tem como função alegrar o ambiente com sua música e dança. Alguns grupos tocam o ganzuá ou ganzá, um instrumento feito de bambu que é apoiado na altura da cintura indo até um pouco acima do ombro. Em seu topo é enfeitado com fitas e flores e é tocado como reco-reco. Os marujos vestem-se como marinheiros. Além dos instrumentos de percussão, comuns a todas as guardas, o grupo usa também violas de doze cordas. Dentro da Irmandade do Rosário, o marujo tem a função de rememorar a travessia marítima da África para o Brasil. Os caboclos retratam a figura idealizada do índio brasileiro. Trajam-se com cocares de penas coloridas e carregam arco e flechas de madeira. Não possuem capitania, a guarda é dirigida pelo cacique.

Cavaleiro de São Jorge é o congadeiro montado. Segundo Martins (1988), até o final dos anos 60 foi o mais soberbo dos representantes da Irmandade, mas, com a falta de cavalos, entraram em decadência. Os cavaleiros usam capacete estilo romano e ornamentam-se com uma capa vermelha, de cetim. À mão direita, levam uma lança e com a esquerda seguram as rédeas que controlam o animal. A guarda é comandada por um centurião que representa São Jorge. Vilão é o mais novo dos “sete irmãos”, sendo o modelo da cidade de Oliveira um dos mais antigos e

tradicionais de Minas Gerais. Sua função nos cortejos é de abrir caminho pedindo passagem e sinalizar se houver perigo.

A cidade de Oliveira conta hoje com dezessete guardas de congado, sendo um vilão, um congo, sete catopés e oito moçambiques. Além do grupo capitaneado por Pedrina e seu irmão Antônio, a guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês, dois outros são ligados à sua família: a guarda de Massambique Nossa Senhora do Rosário, comandada por sua filha Ester e seus sobrinhos Carlos e Washington; a guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário é comandada por sua sobrinha Kátia. Esses três grupos são conhecidos na cidade como “Os Leonídios”, em referência ao pai de Pedrina, capitão Leonídio João dos Santos.

A centralidade do congado na vida de Pedrina e de sua família e a maneira como os diferentes trânsitos impactam na sua experiência de capitã serão analisadas no Capítulo 5.

## CAPITULO 2

### “IA HAVER A FESTA”: Interseções entre Congado e Candomblé

Ia haver a festa. Naquele lugar – nem fazenda, só um reposito, um currais – de gado, pobre e novo ali entre o rio e a Serra-dos-Gerais, onde o cheiro dos bois apenas começava a corrigir o ar áspero das ervas e árvores do campo-cerrado, e, nos matos, manhã e noite, os grandes macacos roncavam como engenho-de-pau moendo. Mas, para os poucos moradores, e assim para a gente de mais longe ao redor, vivente nas veredas e chapadas, seria bem uma festa. Na Samarra (ROSA, 2001, p.153).

Com a epígrafe acima, João Guimarães Rosa abre a novela *Uma história de amor*, onde descreve a festa realizada para a inauguração de uma capela, no interior das Gerais. A história de Guimarães Rosa me serve de mote para descrever a inauguração de uma outra capela, também no interior de Minas Gerais, bem no centro do estado, na região metropolitana de Belo Horizonte.

Era sábado, 24 de maio de 2013. “Ia haver a festa. Naquele lugar.” Um terreno grande, com mata, nascente de água, criação de animais – cabritos, uma ou duas vacas, patos, galinhas. Bairro novo, ainda pouco habitado na periferia de Juatuba<sup>33</sup>, quase zona rural.

Em sua novela, Guimarães Rosa prossegue na descrição dos preparativos para a festa:

Benzia-se a capela - templozinho, nem mais que uma guarita, feita a dois quilômetros da Casa, no fim de uma altura esplã, de donde a vista se produzia. Uma ermida, com paredes de taipa-de-sebe, mas caiada e entelhada, barrada de vivo azul e tendo à testa a cruz. Nem um sino. A imagem no altar sorria sem tamanho, desjeitada, uma Nossa Senhora feia (ROSA, 2001, p.153).

A capela ficara pronta. Três meses antes só havia o lugar reservado ao cruzeiro. Agora, ela estava de pé, entelhada, paredes caiadas de branco, chão de terra batida, janelas simples de madeira. Todas as recomendações do preto velho Pai João foram seguidas, “simples como

---

<sup>33</sup> Com uma população de cerca de 22 mil habitantes, Juatuba é um município da região metropolitana, distante 53 km da capital. Ver mapa no anexo A.

uma senzala”, como aquela em que o preto velho viveu no tempo em que era escravo na terra. Agora, Pai João precisava do corpo de seu filho Sidnei para andar por aqui e foi “montado” em seu filho que deu as orientações que foram seguidas para a construção da capela.



Figura 2 - Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário do Piratininga, no interior da capela. Festa de Preto Velho, Juatuba, MG, maio de 2013. Foto: Dalva Maria Soares.

Senzala. É assim que o preto velho se refere à construção. No altar enfeitado, as imagens dos santos observavam a tudo quietas. O chão, coberto de folhas de mangueira, assim como os troncos de árvore que serviriam de bancos, descansavam à espera dos pretos velhos, os homenageados da noite. “Ia haver a festa”, a festa de maio, comemorativa da abolição da escravatura. E como esta festa é mesmo dos pretos velhos, tudo estava preparado para recebê-los.

Pedrina e eu chegamos numa van, providenciada por pai Sidnei e que nos buscou em Belo Horizonte. Um banco do carro foi especialmente reservado para os tambores de candombe. “Dia de levantamento de mastros, tem que ter toque de candombe” - recomendou a capitã, em uma das inúmeras noites de ensaios. Considerados como entidades, os tambores não podem ser tocados por qualquer pessoa, muito menos serem transportados de qualquer maneira. Pedrina se ajeitou no banco com dois tambores ao seu lado e um outro no colo. A capitã recomendou: “só vocês [eu e meu filho João] podem tocar nos tambores, não deixem ninguém

mais fazer isso”. Levando em conta que em um dos nossos primeiros encontros fui impedida de carregá-los quando ofereci ajuda, me convenci que todos aqueles meses acompanhando a capitã e dividindo a intimidade de sua família me colocavam, naquele momento, em um lugar diferente.

Tensa, eu carregava no colo a imagem de Nossa Senhora do Rosário, não a “Nossa Senhora feia” e “desjeitada” da novela de Guimarães Rosa, mas uma Nossa Senhora bonita, com cerca de cinquenta centímetros de comprimento, que Pedrina pegou emprestada no altar de sua casa e levava para a festa.

Fomos recebidos ainda na entrada do terreno. Assim que o carro passou a porteira, a guarda de Moçambique, recém-criada, veio ao nosso encontro. Os cinquenta metros de tecido que arrastamos em sacolas pelas ruas de Belo Horizonte e em ônibus lotados em horários de pico viraram fardas que agora adornavam os corpos de adultos e crianças. As caixas, que exigiram noites de vigília para que fossem confeccionadas, ecoavam seu som grave pelo ambiente. As sandálias que tanto trabalho deram para encontrar alguém que as confeccionasse com preço razoável, encontravam-se nos pés de dançantes e capitães. Também não faltaram os rosários, as gungas, as toalhinhas de batismo, os turbantes, nem os patangomes.

O cortejo seguiu para a capela. A poucos metros da entrada, um arco feito de bambu marcava o espaço. Pai Sidnei, agora no papel de Primeiro Capitão da Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário do Bairro Piratininga, assumiu o comando dos rituais. Do lado do altar, Mãe Conceição, silenciosa, observava o filho puxando o canto:

*Lá vem o meu barquinho todo enfeitado de flor  
Ó Senhora do Rosário, entra nesta casa adentro  
Abençoa os quatro cantos com o Santíssimo Sacramento.*

Claudete assumiu a posição de meirinho<sup>34</sup> e ficava de olho nas crianças que, numa coreografia ainda meio desajeitada, tiravam som das gungas amarradas em seus tornozelos. Ao fundo da capela, o povo de santo compareceu em peso, vestidos a caráter, e a tudo observavam atentos. As mulheres, com suas saias engomadas e turbantes cuidadosamente arrumados nas cabeças, davam um ar de solenidade ao ritual. O pai de santo de Sidnei também estava presente, afinal “ia haver

---

<sup>34</sup> O meirinho exerce uma função de apoio durante os rituais e cortejos. Carrega água, cuida das crianças e fica disponível para auxiliar em qualquer emergência ou necessidade que surgir.

a festa”. E não era qualquer festa, era a inauguração da capela e a estreia da guarda de congado recém-criada.

Pai Sidnei trazia nas mãos o bastão de capitão de Moçambique. A bengala de seu preto velho aguardava pacientemente a hora de ser usada. O preto velho já havia comunicado que viria para o levantamento das bandeiras. Pai Sidnei inclusive, mostrou-se preocupado, pois o Marinheiro, outra entidade incorporada por ele, já tinha avisado que também viria para a festa, mais especificamente para o toque de candombe. Por essa circunstância, Pai Sidnei questionou: “Mas e eu? Que horas eu vou poder participar?” Afinal, emprestaria seu corpo para duas entidades na mesma noite, sobrando-lhe pouco ou nenhum tempo para aproveitar a festa. Durante a novena, o preto velho de mãe Conceição também havia avisado: “eu venho para o levantamento das bandeiras, minha menina vai ver, quando elas já tiverem levantadas”.

Enfim, havia chegado a hora de colocar em prática os cantos e os passos tantas vezes ensaiados. “É preciso aprender a confiar na intuição”, advertiu muitas vezes Pedrina, quando percebia alguma insegurança dos novos capitães durante as novenas e os ensaios. Como buscar uma bandeira, qual o canto exato para cumprimentar reis e rainhas, como se comportar ao receber uma outra guarda, o que cantar durante o levantamento dos mastros, como receber os convidados, isto, sem falar no toque do candombe. Para cada fase, cantos e gestos específicos.

Depois da abertura dos rituais, a guarda seguiu em cortejo pelas ruas do bairro para buscar as bandeiras que seriam levantadas. O pedreiro que construiu a capela era o mordomo da bandeira de Nossa Senhora do Rosário: “as bandeiras vão sair lá de casa. Vou oferecer um café com biscoitos. Afinal, os santos têm me ajudado”, disse ele certa noite, durante a novena. Neca veio de Oliveira para conduzir a bandeira de Nossa Senhora das Mercês. Uma outra filha de santo do terreiro assumiu a bandeira de São Benedito.

O cortejo seguiu pelas ruas do bairro. O branco das roupas era ressaltado na escuridão da noite pela pouca iluminação das ruas. As sandálias novas logo ficaram tomadas pela poeira vermelha e o som grave e vibrante das caixas chamava a atenção dos poucos moradores do bairro. Fomos recebidos por fogos de artifício. Da cidade de Oliveira vieram a Guarda de Moçambique de Nossa Senhora do Rosário com os capitães Carlos e Buiú, a Rainha Conga de Nossa Senhora das Mercês, a Rainha Conga de São Benedito e Neca, “mordoma”<sup>35</sup> de Nossa Senhora das

---

<sup>35</sup> Mordomo(a) é a pessoa responsável pelo enfeite e pela guarda da bandeira.

Mercês. Depois de cumpridos os rituais, seguimos de volta para a capela para o levantamento dos mastros.

No centro do terreiro uma fogueira iluminava a noite. O cruzeiro estava guarnecido com imagens e comidas para os nkisis. Não faltaram os fogos de artifício na hora da subida dos mastros aos céus. Foram levantados os mastros de Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês e São Benedito. Pedrina orientava Pai Sidnei na condução dos rituais. Ao lado do cruzeiro, o povo de santo, concentrado, assistia aos irmãos, agora, nos papéis de congadeiros. O branco das roupas do povo do terreiro e das fardas da recém-criada guarda de congado contrastava com o escuro da noite, quebrado apenas pelas fagulhas que escapavam da fogueira.

Terminados os rituais de levantamento dos mastros, todos adentraram a capela. Em seguida, as caixas de congado foram substituídas pelos atabaques e os bastões dos capitães pelas bengalas dos pretos velhos. Um a um, os pretos velhos foram chegando. Uma grande roda se formou em torno de uma outra fogueira, agora acesa dentro da capela. Durante algum tempo se dançou e cantou em torno da fogueira acesa no chão de terra batida. Depois, cada preto velho assumiu seu lugar em um dos inúmeros troncos espalhados pelo salão e foram distribuídos passes e conselhos.

Já era o início da madrugada quando começou o toque do candombe. Depois que o preto velho Pai João subiu, quem desceu foi o marujo de Pai Sidnei, que bebeu, comeu, tocou e cantou no candombe: “Não importa se é aqui, ou se é lá/o importante é a missão se completar”. E ainda: “Periquito e Papagaio, cantam junto no Rosário”, improvisou o marinheiro ao som dos tambores.

O candombe seguiu por toda a madrugada, encerrando-se somente às seis da manhã. Para acomodar a todos, foram distribuídos colchões pela capela recém-inaugurada e pelo templo do Seu Exu Tranca Rua, a poucos metros adiante. Era preciso descansar um pouco, pois às 10 horas da manhã aconteceria a missa conga na pequena igreja do bairro.

Às sete horas da manhã, Pedrina já estava de pé e ensaiava alguns cantos da missa com as pessoas que conseguiram levantar. A missa conga foi criada em 1960 pela Federação dos Congados em Minas Gerais e segue os rituais católicos tradicionais, com os cantares próprios do congado sendo entoados ao longo da cerimônia e acompanhados pelos instrumentos de percussão.

O cortejo chegou atrasado à capela do bairro; a missa já havia começado. Espalhou-se um certo constrangimento na guarda, pois existia

uma certa expectativa em relação à primeira missa conga do grupo, mas, ainda assim, Pedrina entoou o lamento negro na porta da igreja:

*No dia treze de maio  
A assembléia trabalhou  
Nego véio era cativo  
E princesa libertô, ô  
Nego véio era escravo  
E hoje já virou sinhô*

*No tempo da escravidão  
Era branco quem mandava  
Quando branco ia pra missa  
Nego cá fora ficava  
Branco entrava pra dentro  
Nego cá fora ficava  
Nego só ia rezar  
Quando na senzala estava  
Nego só ia rezar  
Quando na senzala estava  
E se falasse alguma coisa  
De chiquirá ele apanhava*

*Se falasse alguma coisa  
De chiquirá ele apanhava  
Vou pedir Nossa Senhora  
Pra tomar conta dessas almas  
Daqueles negros cativos  
Que morreram na senzala*

*Senhor padre abre a porta  
Congadeiro quer entrar  
Pra assistir a santa missa  
Que o senhor vai celebrar.*

As pessoas presentes manifestaram certa estranheza, dando a impressão de que era a primeira vez que viam um grupo de congado tocando dentro da igreja, mas ainda assim a celebração foi bonita. Após da missa, o cortejo seguiu para o almoço que foi servido na nova capela. Depois de todos serem alimentados e na presença das cozinheiras, Pedrina puxou o canto de agradecimento:

*Obrigado cozinheira que fez a comida com alegria  
Essa comida é igual a que São Benedito fazia.*

Mãe Conceição também arriscou, e numa troca de olhares cúmplices com Pedrina improvisou em versos um agradecimento. Era como se a mãe de santo estivesse entrando em um terreno que não era o seu, onde ainda se sente pouco confortável; ela não é congadeira, mas em algum momento as trajetórias se cruzaram e se identificaram. Era como se Mãe Conceição buscasse em Pedrina algum sinal de aprovação para o sua improvisação. Afinal, Pedrina já havia ensinado: o bom capitão tem que saber “versear”.

Bandeiras levantadas, toque de candombe realizado, missa celebrada, banquete servido, capela inaugurada. Enfim, aconteceu a festa.



Figura 3 - Bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Nossa Senhora das Mercês. Festa de Preto Velho, Juatuba, MG. Maio de 2013. Foto: Dalva Maria Soares.

Agora, Pai Sidnei acumulava mais uma função: além de pai de santo, era também capitão de congado. Em um momento de descanso após o almoço, ainda dentro da capela, enquanto conversávamos, Pai Sidnei me contou que o desejo de criação da guarda surgiu depois que conheceu a capitã. Como ele mesmo disse, “tudo amadrinhado por tia Pedrina”. Embora todos os anos recebesse em seu terreiro de candomblé uma guarda de congado para tocar nas festas de preto velho, o desejo de montar uma guarda nasceu depois que Pedrina foi até o terreiro rezar o “terço africano”:

Tudo começou com os terços, com as novenas. Os pretos velhos pediram para chamar ela [Pedrina] porque queriam o terço africano. Aí ela começou a ir no centro fazer a novena, o terço africano. Todo mundo começou a se interessar, até eu mesmo, com os cânticos. Aí, depois que ela ia embora a gente ficava cantando. Aí, tinha dia que a gente vinha aqui para o pé do cruzeiro, sentava todo mundo, ia cuidar dos pretos velhos e com isso começava a cantar as toadas de moçambique. E daí, foi despertando o interesse em todo mundo ali, que foi chegar em [ao preto velho] Pai João. E Pai João falou que estava esperando, realmente, eles chegarem nele para montar a guarda. Começou tudo com o interesse por causa do terço, da novena. Nem foi indo em Oliveira, nem o Carlos<sup>36</sup> [sobrinho de Pedrina] incentivou, foi mais com o terço que nós fazemos todo ano. E aí nós criamos isso, Tia Pedrina com nós, nós com Tia Pedrina. (...) Tia Pedrina que é a responsável por nossa guarda até o dia que ela tiver... acho que depois da morte também (Pai Sidnei, 2013).

Diferentemente do terço católico<sup>37</sup> tradicionalmente rezado no mês de maio, na novena de Nossa Senhora do Rosário, o terço africano substitui as orações por cantos do congado. Segundo Pedrina, estes cantos têm o poder de desfazer mágoa, ódio, tristeza não só de quem canta, mas do lugar por onde se passa quando se está cantando. Ou seja, os cantos possuem a propriedade de limpar o ambiente espiritual das ruas. Segundo a capitã, esses cantos eram entoados pelos escravos nas senzalas quando viam os outros negros sofrerem no tronco e não podiam fazer nada.

Em Minas Gerais, a data de 13 de maio, dia da abolição da escravatura no Brasil, é comemorada não só por muitos grupos de congado, como também nos terreiros de umbanda. É um dia de festa dedicado aos pretos velhos, que são considerados espíritos de pessoas que foram escravizadas.

A primeira vez que vi o preto velho Pai João incorporado por Pai Sidnei foi na casa de Pedrina, no encerramento da festa de Nossa Senhora

---

<sup>36</sup> Nã época, Carlos, sobrinho de Pedrina, frequentava o terreiro de candomblé de Pai Sidnei.

<sup>37</sup> Cordão de contas para rezar e contar as orações feitas. Seu uso é conhecido em diversas culturas. No século XV, os frades dominicanos introduziram e divulgaram a devoção do rosário de Maria, assim como as irmandades de Nossa Senhora do Rosário. O terço é a terça parte do rosário (VAN DER POEL, 2013).

do Rosário, em Oliveira. Pai Sidnei e alguns dos integrantes de seu centro espírita compareceram à festa naquele setembro de 2011. Nos momentos finais do ritual, enquanto um dos capitães da Guarda de Massambique Nossa Senhora do Rosário, entre lágrimas, puxava um dos cantos finais, Pai João desceu e ficou durante horas distribuindo passes e conversando com Pedrina. O preto velho falava do desejo de dois de seus filhos, Thor e Rafael, que o haviam consultado sobre a possibilidade de criação de um grupo de congado. Thor, agora no candomblé, já havia participado de uma guarda de congado na periferia de Belo Horizonte. Durante horas, o preto velho e a capitã conversaram sobre as semelhanças e diferenças do congado e do candomblé e juntos exortaram os futuros capitães sobre a responsabilidade que envolvia a criação de uma guarda. Segundo Pai Sidnei, a iniciativa partiu de Thor e Rafael, que juntos consultaram o preto velho. O próprio Pai Sidnei foi o último a ficar sabendo.

Pai Sidnei divide, junto com sua mãe biológica, Mãe Conceição, a direção do *Centro Afro-brasileiro Nzo Atim Oiaoderim*. Pai Sidnei conta que nas festas de preto velho do seu Centro sempre recebeu uma guarda de congado. Com a decisão da criação da nova guarda, Pedrina passou a ir com mais frequência ao centro para realização da novena de Nossa Senhora do Rosário, bem como para ensinar os cantos e fundamentos do Reinado e toque dos instrumentos e dança. Segundo Pai Sidnei, seus filhos de santo ficaram tão encantados com os cantos ensinados por Pedrina que realizavam os afazeres do centro de candomblé cantando os cantos aprendidos nas novenas.

O centro de candomblé tem uma unidade localizada na zona norte de Belo Horizonte e outra na cidade de Juatuba, na região metropolitana da capital. Esta última funciona como um centro de quimbanda, um templo de Exu Tranca Rua. O pai de santo vem de uma família de umbandistas da cidade de Montes Claros, no norte de Minas. Seu avô fazia parte da guarda de caboclinhos daquela cidade e a avó, também, “muito católica”, levantava bandeiras do Senhor Bom Jesus e de Nossa Senhora Aparecida durante a tradicional festa de agosto.

O pai de santo conta que cresceu “acreditando em bandeira, acreditando em catolicismo, acreditando na umbanda, até chegar nos orixás”. Seguindo os passos da avó de Pai Sidnei, sua mãe “abriu a casa” *Centro Espírita Rainha Iansã*, em 1978. Em 1991 ela fez o santo no candomblé e em 1992 foi a vez de Pai Sidnei, então com 9 anos de idade. Com a conversão ao candomblé, a “casa” teve o nome alterado para *Centro Afro-brasileiro Nzo Atim Oia Oderim*, adaptando à “doutrina e hierarquia do candomblé”. Aos 14 anos, Pai Sidnei já morava sozinho

dentro do centro de candomblé. Aos 17 anos raspou seus primeiros filhos de santo.

Em 2010, um dia antes de falecer, a avó chamou Pai Sidnei e pediu que ele continuasse a tradição do levantamento das bandeiras. Além da umbanda e do candomblé, Pai Sidnei também se dedica à quimbanda. Segundo ele,

o significado da palavra quimbanda é o curandeiro, os feiticeiros. É a parte de feitiçaria, de cura. O povo acha que quimbanda é a parte obscura, mas na verdade, não é! Quimbanda quer dizer os curandeiros, que é os feiticeiros, que mexem com magia, fazem encantos. Eu trabalho com encantamentos. Hoje, quase ninguém tem a ciência do que é uma quimbanda. O povo acha que quimbanda é negócio do diabo, mas na verdade, a quimbanda quer dizer curandeiros que encantam com animais, com insetos, com folhas... (Pai Sidnei, 2013 ).

E agora, a casa de quimbanda *Templo do Senhor Tranca Rua* convive com a *Capela de Nossa Senhora do Rosário* erguida no mesmo terreno, a poucos metros uma da outra. A construção aconteceu porque Pai João, preto velho de Pai Sidnei, não queria “misturar as coisas de exu com as de Nossa Senhora”. Aqui cabe uma reflexão interessante. Embora em Minas Gerais os rituais do Reinado de Nossa Senhora do Rosário também tragam como um de seus traços o sincretismo entre o catolicismo e as religiões de matriz africana, muitas vezes, são as referências católicas que são reivindicadas e exaltadas por muitos congadeiros. “Nós somos católicos” - muitos congadeiros fazem questão de afirmar. O sincretismo com as religiões de matriz africana nem sempre é explicitado, e muitas vezes é considerado um tabu, ou, às vezes, é assunto até evitado.

Na década de 1970, uma equipe de pesquisadores ligados à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais realizou um estudo sobre o congado em Minas Gerais. A pesquisa coletou dados em 37 reinados, em seis cidades da região metropolitana de Belo Horizonte e se constitui em uma importante referência para os estudos do congado em Minas Gerais. Segundo a pesquisa, na “festa dos congados há fusão de culto católico aos costumes e práticas africanas” (PUC-MG, 1974, p.19). Os autores enfatizaram que embora o contato com a estrutura social brasileira em processo de formação tenha impregnado suas expressões culturais, o congado traz nas suas raízes as marcas das culturas africanas (PUC-MG, 1974). Cabe salientar que pesquisas como esta estavam inseridas num contexto onde os estudos sobre religiosidades buscavam as

“raízes” africanas que poderiam definir uma maior ou menor “autenticidade”.

Dessa forma, os estudos a respeito do congado sempre oscilam entre aqueles que abordam o sincretismo como associado às religiões de matriz africana, e aqueles que ressaltam a predominância do catolicismo popular:

Na verdade, em Minas Gerais os negros se convertiam e, inclusive, procuravam educar seus filhos na fé cristã. Aqui, não se encontram entre eles Orixás, nem Exus. Têm uma devoção toda especial a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, por ser preto (OLIVEIRA MELLO, 1965 apud SILVA e BARROS, 2002, p. 64).

Rubens da Silva e Mônica Barros (2002) nos advertem que essa oscilação nas análises sobre o congado sugere a necessidade de investigações empíricas mais cuidadosas, de modo a compreender melhor tal fenômeno religioso. Os antropólogos relatam que eles próprios foram criticados por seus pares em eventos acadêmicos por dar pouca atenção ao fenômeno do sincretismo entre o congado e as religiões afro-brasileiras, sendo, inclusive, acusados de “tentar catolicizar por demais o congado” (SILVA e BARROS, 2002, p. 63).

É também importante levar em consideração aqui, que o trabalho de Silva e Barros já oferece uma transformação na compreensão de sincretismo, na medida em que aponta para a transformação do catolicismo pela presença negra, contrapondo-se assim, ao viés do sincretismo que foca na influência da religiosidade europeia sobre as práticas de matriz africana.

É interessante observarmos que, quando os estudos abordam o sincretismo do congado com as religiões de matriz africana, ele aparece como magia, feitiçaria ou demanda, e a ênfase é dada ao conflito e à disputa existente entres grupos. Em uma pesquisa sobre os ciclos do Divino Espírito Santo e São Benedito, em Goiás, Carlos Brandão (1981) comenta sobre os relatos dos congadeiros a respeito dos rituais de proteção contra os males da feitiçaria e das disputas entre os grupos, ao que ele chama de “violência ritual” e “controle ritual da violência”. Em nota, no final do capítulo, Brandão afirma que muitos devotos do santo são também adeptos da umbanda e do candomblé, mas não faz nenhuma discussão a esse respeito.

Se, por um lado, o sincretismo no catolicismo popular com as religiões de matriz africana é assunto tabu entre alguns grupos de

congado, por outro, grupos formados mais recentemente já explicitam esse trânsito religioso. Flávia Amaro realizou uma pesquisa junto a grupos de congado da cidade de Ituiutaba, MG, entre os quais está o “Terno Libertação”. Fundado em 2004 e declaradamente umbandista, a mãe de santo da casa comenta: “eu posso dizer para quem vocês quiserem, porque isso não é segredo, somos todos umbandistas” (AMARO, 2013, p. 3). Segundo a autora, a origem do grupo está ligada, inclusive, ao Terreiro de Umbanda Casa de Caridade de São Lázaro, quando a tia da mãe de santo recebeu a orientação do próprio São Benedito, incorporado numa preta velha, que deu as orientações para a criação do grupo.

Em 2014, Talita Viana Neves defendeu uma dissertação de mestrado sobre um grupo de Moçambique de Itapecerica – MG assumidamente ligado à umbanda. Segundo a pesquisadora, muitas entidades, sobretudo pretos velhos que participam dos festejos do Reinado, também estão presentes no cotidiano dos congadeiros.

As pesquisas mencionadas acima são alguns exemplos de que o trânsito religioso dos congadeiros pelas religiões de matriz africana não é um fenômeno recente. O que parece recente é o fato de que não só os sujeitos que vivenciam esses diferentes trânsitos possam falar sobre eles, mas sobretudo fazem questão de falar. Como disse Pedrina, “essa história não pode ficar escondida mais, é assim que eu estou entendendo”.

Em relação ao sincretismo, Pedrina diz o seguinte: “o sincretismo, eu entendo ele por causa da repressão e foi a igreja que criou. Mas eu não posso nunca achar que São Jorge seja Ogum ou Nkosi. Não tem lógica isso, para quem está dentro, mexendo”. Entretanto, a crítica de Pedrina não é em nome de uma pureza ou de uma total separação onde ela precise optar por uma experiência religiosa, apenas. Pedrina separa suas vivências, mas de certa forma elas estão agregadas. Cultuar Nossa Senhora do Rosário e Dandalunda não é criar uma síntese entre elas, mas cultuá-las justamente na tensão de suas diferenças. Pedrina, inclusive, usa uma hierarquia onde os nkisis estão acima dos santos da igreja católica, trazendo a explicação do espiritismo kardecista, cuja lógica de progressão do espírito é usada para hierarquizar o santo critão e o nkisi africano.

Para a capitã Pedrina, o fato de uma guarda de congado ser criada dentro de um terreiro de candomblé faz desta uma guarda “diferenciada”, justamente porque

Tem muita irmandade por aí, muita mesmo, que por causa da repressão faz isso tudo na surdina, às escondidas. Aqui [na guarda de pai Sidnei] eles não vão fazer isso, entendeu? É muito diferenciado nisso. E é uma riqueza quando eles –

eu nem sei se eles agora, porque está todo mundo começando – se já conseguem ter esse alcance dessa riqueza, uma riqueza dupla, porque para mim é assim que eu estou vivendo, de poder saber e viver as duas coisas juntas. Que na verdade a festa do rosário tá fazendo tudo que o candomblé faz. Eles estão tendo a oportunidade de fazer as duas coisas, de entender bem. Aqui tem um futuro bonito dentro desse entendimento e dentro do jeito que eles estão levando, com vontade (Pedrina, 2013).

Para a capitã, candomblé e congado fazem a mesma coisa, porém de maneiras diferentes. No caso da cidade de Oliveira, por exemplo, no dia anterior ao início da festa do Rosário, normalmente um sábado, tem-se o Boi do Rosário, que sai acompanhado por alguns caixeiros e um guia. Ele vem comunicar à população que a festa começou. Para a capitã Pedrina, o Boi do Rosário seria o equivalente ao despacho de exu realizado no candomblé: “Quando vai fazer qualquer toque, o que faz primeiro no candomblé? Solta o exu na rua. Então... Nós fazemos isso que vocês chamam de despacho de exu, com o boi”. Para Pedrina, o boi do rosário assume esse lugar de mediação, de intermediação, de aberturas de caminhos que o exu tem no candomblé.

Em relação às outras similitudes entre congado e candomblé, a capitã fala que o batismo dos capitães no congado equivale ao corte realizado no candomblé; com a diferença que se usa neste último o “sangue verde” - no caso, a cachaça. Segundo o preto velho Pai João, a cachaça é considerada um sangue verde porque é natural, vem da cana-de-açúcar, assim como o vinho vem da uva. Pedrina, no entanto, salienta a seriedade da bebida usada durante os rituais do Reinado. No candombe, por exemplo, enquanto se realiza o toque, os participantes, sejam tocadores ou espectadores, tomam uma cachaça preparada com ervas e servida em um coité<sup>38</sup>, que circula pela roda. Segundo a capitã, a bebida é ritual e, portanto, não se deve abusar dela. Aqueles que não bebem, sobretudo as crianças e adolescentes, são orientados a molharem a ponta dos dedos na cachaça e passarem nos pulsos.

Vale lembrar que, assim como Pai Sidnei, Pedrina também tem diferentes referências e circula por diferentes espaços religiosos. A mãe, Dona Ester Rufina Borges, além de rainha conga de Santa Efigênia, era benzedeira; o pai, Senhor Leonídio João dos Santos, era capitão da guarda de Moçambique Nossa Senhora das Mercês, raizeiro e benzedor. Além de

---

<sup>38</sup> Coité é um recipiente feito de um fruto de mesmo nome que depois de cortado ao meio, raspado e limpo é usado como utensílio.

congadeiros, o casal era também umbandista. As trajetórias de vida da capitã Pedrina e do pai de santo Pai Sidnei revelam um trânsito por diferentes tradições religiosas: catolicismo, umbanda, candomblé e congado. Essa interseção de diferentes formas de espiritualidade e/ou religiosidade já foi analisada por Maluf (2003), que pesquisou a emergência do fenômeno da Nova Era junto às classes médias do sul do Brasil. Em seu trabalho, a antropóloga apontou uma especificidade da chamada cultura neo-espiritual. Segundo ela, o fenômeno possui, entre outras características, uma especificidade brasileira que é uma tradição de ecletismo de vivência e uma circulação religiosa.

Embora o foco do estudo de Maluf tenha sido as culturas espirituais e terapêuticas alternativas do sul do Brasil, a perspectiva pareceu-me apropriada para analisar o cruzamento e a interpenetração das diferentes tradições religiosas vivenciadas pela capitã Pedrina e por Pai Sidnei. Nesse contexto de interpenetração de diferentes formas de espiritualidade e/ou religiosidade, a análise deve ter como foco a prática dos sujeitos e não o sistema religioso.

Como observou Maluf em seu estudo sobre as novas experiências espirituais (e terapêuticas) no sul do Brasil, a trajetória de Pedrina e de Pai Sidnei revelam que uma prática religiosa não se contrapõe a outra. Pelo contrário, a participação em uma, acaba por servir de acesso a outras formas de religiosidade. Pai Sidnei explica que cresceu acreditando no catolicismo e na umbanda até chegar aos orixás. Neste caso, o candomblé é o ponto de chegada de uma trajetória religiosa que dá legitimidade às outras práticas.

Pedrina, por sua vez, conta que o amor por Nossa Senhora, por Deus e Nosso Senhor Jesus foi aprendido no Reinado e nos tempos de militância católica, mas as respostas para os seus questionamentos foram encontradas “nas religiões de matriz africana (umbanda e candomblé), e principalmente na doutrina espírita, codificada por Alan Kardec.

A trajetória de outra congadeira no universo pesquisado também apresenta características parecidas. Ana Luzia é rainha conga da Guarda de Massambique de Nossa Senhora das Mercês, capitaneada por Pedrina. Ana cresceu vendo os pais “comprometidos” com a igreja católica, e ainda na adolescência se envolveu com as pastorais:

Levada pela minha família, mergulhei profundamente nos serviços pastorais da igreja católica. Fui coroinha, participei da Associação dos Vicentinos, coordenei um grupo de adolescentes, participei da equipe de liturgia, cantei no coral infantil e depois juvenil durante quinze

anos e durante este mesmo tempo participei e coordenei a pastoral da Juventude do bairro de São Sebastião, na paróquia onde nasci, e fui secretária da pastoral da Juventude da Diocese de Oliveira (Ana Luzia, 2013).

Ana Luzia foi princesa conga ainda na infância, e anos depois, quando a rainha conga de Nossa Senhora das Mercês faleceu, ela recebeu o convite para assumir a coroa: “fui coroada no terreiro com os tambores de Candombe que retornaram naquele mesmo ano de 2005 a Oliveira e fui coroada também na igreja de São Sebastião pelas mãos do sacerdote Padre Márcio”.

Durante a inauguração da capela, em Juatuba, conversei muito com Ana Luzia, que me revelou dúvidas e angústias. Como foi uma momento de “confissão”, não gravei a conversa, mas Ana me enviou depois um depoimento por escrito, onde diz:

Confesso que fiquei muito insegura na coroação do terreiro, pois tinha medo do que pudesse acontecer. A Capitã Pedrina me disse que eu poderia levar a minha família, que nada do que aconteceria naquele momento era necessário manter em sigilo. Foi muito lindo, mas tinha mais gente lá do que minha família e as pessoas da casa, uma energia muito forte que viam dos tambores e de toda gente que se fez presente naquela coroação” (Ana Luzia, 2013).

A insegurança de Ana Luzia decorria de todo o processo de demonização que as práticas de matrizes africanas sempre foram vítimas. Mas, ao ser coroada no terreiro da casa de Pedrina, Ana Luzia entrou em contato com as entidades da umbanda. A rainha diz que as entidades reconheceram-na como uma serva do Rosário de Maria, lhe “contaram alguns segredos, fizeram curas diante de mim, deram o passe, abriram caminhos”. Somado a isso, Ana Luzia casou-se com um ogã<sup>39</sup>, o que a colocou mais perto das religiões de matriz africana. Hoje, a rainha diz acreditar nos santos e admirar as entidades da umbanda. Então, Ana Luzia se define como:

Rainha conga das Mercês, professora de história, casada com um ogan e caixeiro, filha de pessoas espiritualmente

---

<sup>39</sup> No terreiro, o ogã tem, entre outras funções, cantar e tocar os atabaques para que as entidades possam trabalhar.

evolúidas, neta de congadeiro e umbandista, católica e benzedeira se precisar. Acredito nos santos, admiro as entidades que conheço, tenho fé na vida e estou na busca pelo meu equilíbrio entre as coisas que passei a conhecer (Ana Luzia, 2013).

Segundo Ana Luzia, foi em 2004, durante um seminário onde se discutiu os significados e os simbolismos da festa, que ela se “surpreendeu com o que lhe parecia familiar”. Ela conta: “participei da festa daquele ano com mais fervor, com mais alegria e com muita paixão, pois passei a entender um pouco mais o significado de alguns elementos e práticas que compunham a festa”. Então, escreveu uma carta à capitã Pedrina oferecendo préstimos, pois “queria ajudar de alguma forma a permanência desta festa, em Oliveira”.

Um ano depois, com a morte da rainha conga de Nossa Senhora das Mercês, Ana Luzia foi convidada a assumir a coroa, uma vez que a rainha não tinha filhas e a coroa é hereditária.

Os dias de reinados daquele primeiro ano foram muito especiais e também muito difíceis, porque eu não sabia muito bem o que fazer ninguém me ensinou a ser rainha, a única coisa que eu sabia e sentia é que a minha missão era importante e que a Festa do Rosário era coisa muito séria. ‘Apanhei’ muito!’ (Ana Luzia, 2013).

Com a entrada na faculdade para realizar o curso de História, Ana Luzia diz o seguinte: “a graduação me ajudou a entender um pouco mais a minha vida, a minha religião, os costumes e as tradições da festa do Rosário. Muita coisa foi desconstruída e muitas outras eu construí, a única coisa que não se moveu foi a minha fé”.

O que intrigava Ana Luzia era justamente essas múltiplas pertencas religiosas:

No entanto, o “algo” que me chamava muito atenção na Festa do Rosário, a graduação não me ajudou a entender. Como pessoas de diferentes credos vivem nove dias de festejos e comungam de uma mesma fé, aparente. Essa questão se tornou tema do meu projeto de conclusão de curso e mestrado, três vezes. Mas só depois de dois anos de formada, despida de qualquer preconceito, quis buscar mais conhecimento sobre as religiões de matriz africana e descobri que a faculdade não me daria as respostas que eu buscava. Esse conhecimento tirou meu medo e me abriu

para as coisas que eu tinha feito opção por não conhecer. A ausência do medo e o sentimento de não trair tudo o que eu vivi na igreja católica, abriu as portas para eu conhecer um pouco sobre o que envolve os mandamento e fundamentos da Festa do Rosário. Passei a conhecer entidades que eu nunca desejei conhecer, como exus (em suas versões) e pretos velhos. Elas falaram comigo, cantaram para mim, me reconheceram como uma serva do Rosário de Maria, me contaram alguns segredos, fizeram curas diante de mim, deram o passe, abriram caminhos. Chegavam quando menos a gente esperava e iam embora, dizendo que precisavam de ir (Idem).

No congado, na festa de Juatuba, Ana Luzia foi muito reverenciada. As crianças se ajoelhavam pedindo bênção. Os capitães a cumprimentavam e até as entidades vieram conversar com ela, pois na estrutura ritual do congado, a rainha e o rei congo representam as nações africanas (MARTINS, 1997). Além disso, segundo Pedrina, a coroa que a rainha carrega representa também o nkisi, por isso eles são tão respeitados e venerados.

Experiências religiosas como as de Pedrina, pai Sidnei e Ana Luzia são exemplos que nos levam a refletir sobre os cruzamentos de diferentes tradições religiosas e a maneira como os sujeitos experienciam esta religiosidade. Pedrina e Ana Luzia nasceram e cresceram numa cidade majoritariamente católica, onde, com o apoio da igreja oficial, da elite e imprensa locais, não só o congado, como todas as manifestações negras sempre foram muito reprimidas. O Reinado chegou, inclusive, por determinação diocesana, a ser proibido. E embora, cerca de metade da população seja formada por pardos e negros, o discurso oficial é de que em Oliveira nunca se teve “notícia de fanatismos coletivos, guiados por ‘pais de santo’ e pseudo-profetas”, e a Igreja Católica continuou “tão forte e poderosa hoje como ontem” (FONSECA, 1961, p. 311).

O fato é que houve muita repressão por parte da igreja e da elite local a toda manifestação religiosa que não fosse católica. É este o contexto onde a rainha Ana Luzia e a capitã Pedrina nasceram e cresceram. A trajetória religiosa de ambas revela não só a força da igreja católica local, mas também as vivências de matriz africana de seus antepassados.

Pai Sidnei, por sua vez, nasceu em Montes Claros, município do norte de Minas. Lá, o congado faz parte da tradicional “Festa de Agosto”, com participação, sobretudo, de grupos de catopês, marujos e caboclinhos. O avô de pai Sidnei fazia parte de uma guarda de caboclinho.

Seus avós eram umbandistas, tradição que foi seguida por sua mãe Dona Conceição e por Sidnei, posteriormente. E é nesse contexto que Sidnei cresce, como ele mesmo diz, “acreditando em bandeira, em umbanda, até chegar no candomblé”.

As interseções entre práticas religiosas diferentes são visíveis nas trajetórias de Pedrina, Ana Luzia e Pai Sidnei. No entanto, como nos lembra Maluf (2003), uma prática não se contrapõe à outra; pelo contrário, acabam servindo de acesso à outras formas de religiosidade. Pedrina afirma que foram os filhos - todos feitos no santo - que a aproximaram do candomblé. Ana Luzia, ao ser coroada rainha conga, e posteriormente ao se casar com um ogã, se aproximou da umbanda. E pai Sidnei, umbandista, se converteu ao candomblé e agora é também capitão de congado.

As trajetórias de Pedrina, Pai Sidnei e Ana Luzia servem como exemplos da necessidade de se “relativizar a ideia de que novas formas de religiosidades substituem ou concorrem com as antigas” (MALUF, 2003, p. 156). No caso dos três congadeiros, as diferentes experiências religiosas se interpenetram e suas trajetórias ajudam a entrelaçar os fios e dar sentidos aos diferentes cruzamentos. Seria o que Maluf (2011) denomina de uma “religiosidade além do templo e do texto”, uma vez que as práticas vividas por estes sujeitos não se resumem a uma filiação religiosa particular. Segundo a antropóloga, práticas e vivências tão heterogêneas nos obrigam a sair da lógica de se pensar o religioso e a religiosidade a partir de doutrinas ou como um campo autônomo em relação a outras esferas da vida social. Dessa forma, não é possível pensar o conceito de religião como uma realidade entificada e substantivada, uma vez que a circulação dos sujeitos vai muito além de instituições específicas.

É interessante observar que, enquanto no universo das classes médias urbanas do sul do Brasil pesquisado por Maluf (2011) os sujeitos rejeitavam a definição de suas práticas como religiosas, no universo do congado, a reivindicação de muitos congadeiros é justamente o contrário - recusando a definição de suas práticas como folclore e afirmando que o que fazem é religião, uma estratégia importante de suas práticas. No universo pesquisado pela antropóloga, a ideia de religião está ligada a práticas institucionalizadas e/ou populares; no caso dos congadeiros, o conceito de religião está ligado não só ao discurso identitário dos sujeitos -específico no caso das religiosidades afro-brasileiras, como também à legitimação de suas práticas.

O universo de Pedrina, Sidnei e Ana Luzia é plural, diversificado e formado por intensos fluxos, trânsitos e circulação. Quando o foco passa

a ser no que os sujeitos fazem, percebe-se que a religião deixa de ser um produto natural e substantivo da vida social para tornar-se ela mesma produtora de agenciamentos. São experiências que nos obrigam a “rever os velhos modos de pesquisar religião para além da análise de doutrinas, textos religiosos e rituais”. Exercício que nos exige “repensar o conceito de religião com as rasuras da crítica” (MALUF, 2011, p. 10).

Na verdade, as experiências de Ana Luzia, Pedrina e Sidnei exemplificam a diversidade religiosa brasileira, não só no campo institucional, como também no campo das experiências e das subjetividades. Para Sanchis (1997), é impossível pensar o mundo afro no Brasil como puramente ‘africano’. No caso específico do congado, as experiências de Pedrina, Ana Luzia e Sidnei nos revelam um universo povoado por santos, espíritos, exus e nkisis, seres deste e de outros mundos. É um universo de “muita religião”, onde as várias pertenças religiosas dos sujeitos contrastam com uma ortodoxia muitas vezes reivindicada por líderes e estudiosos da religião. Um mundo encantado, onde as religiosidades de matriz africana englobam novas entidades a partir de uma lógica onde esta incorporação não é vista como contradição ou perda, mas como um movimento condutor.

Miriam Rabelo (2014), em seu livro sobre a vida cotidiana e a convivência no candomblé, demonstra através da análise da trajetória de vários de seus interlocutores que os percursos religiosos não são lineares, evidenciando que o deslocamento é o traço comum e não a exceção. As trajetórias dos sujeitos de pesquisa da antropóloga revelam um intenso trânsito religioso entre vários terreiros, igrejas evangélicas e espiritismo, sobretudo o de “mesa branca”. Rabelo aponta que até o processo de iniciação e de compromisso efetivo com o terreiro, o percurso é marcado por idas e vindas e muita hesitação. Além disso, a antropóloga também observou que as entidades extrapolam o mundo do terreiro e estão presentes no espaço doméstico, atuando de maneira direta no cotidiano dos médiuns. A adesão a determinado terreiro acontece por inúmeros motivos, entre eles o fato da entidade ter sido herdada de um familiar ou a necessidade de saldar uma dívida contraída no passado da família ou ainda para evitar o destino de sofrimento de algum familiar.

O caso específico de uma guarda de congado sendo criada dentro de um terreiro de candomblé acaba por explicitar práticas que, segundo Pedrina, “muitas guardas fazem às escondidas”. Talvez até por conta da intolerância e preconceito que historicamente as religiões de matriz africana sofreram e ainda sofrem.

O caso da Festa de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Oliveira é elucidativo. Existem registros da existência da Irmandade do Rosário na

cidade que datam de 1813, sendo que seus primeiros estatutos são de 1860. Foi durante o período colonial que as irmandades do Rosário mais floresceram. Por ocasião da Proclamação da República, com a separação entre Estado e Igreja e com a disseminação das ideologias positivistas de progresso e civilização, as festas do Rosário, a exemplo de outras manifestações negras, ficaram sob ataque direto da Igreja e das elites locais, chegando a ser interrompidas em todo o Estado de Minas, nos anos de 1930 e 1940 (KIDDY, 2001).

Quem ousava desobedecer e realizava a festa era preso. É comum, relatos entre os congadeiros, de capitães que descumpriam a proibição,, levantavam suas bandeiras e eram presos. Esta história, inclusive é narrada em um dos cantos do congado que diz:

*Nego não matou, nego não roubou, fez nada  
Mas o povo tá dizendo que amanhã é o meu jurado  
Vou pedir Senhora do Rosário que ela mesma seja minha advogada.*

Há uma lenda de um capitão que descumpriu a proibição de realização da festa e levantou bandeira, sendo por isso preso. Então, dentro da cela, ele entoou esse canto que sensibilizou o soldado, que o soltou. Toda essa repressão vivida pelos congadeiros explica, em parte, porque muitas vezes as práticas relacionadas à umbanda e ao candomblé nem sempre são explicitadas e, como diz a capitã Pedrina, “são feitas na surdina”.

Muitas vezes, as referências ao sincretismo entre congado e religiões de matriz africana estão implícitas, e não são declaradas. Dessa forma, uma guarda de congado que nasce dentro de um terreiro de candomblé é, como fala a capitã Pedrina, uma “guarda diferenciada”, porque pode fazer às claras o que muitos grupos fazem às escondidas. Ou seja, esta guarda pode cultuar explicitamente os santos católicos, as entidades da umbanda e os nkisis do candomblé, deixando à luz, a interpenetração de congado e religiões de matriz africana.

\*\*\*

Trinta dias após a inauguração da capela, eu e Pedrina voltamos a Juatuba com os tambores de candombe para o descimento das bandeiras. Novamente, a guarda veio nos receber na entrada do terreno, desta vez, com todos os pretos velhos já incorporados. Pedrina demonstrou certo descontentamento com o ritmo do que estava sendo tocado. Pai João carregava, não sua bengala de preto velho, mas o bastão de capitão de moçambique de seu filho, Sidnei. Enquanto Pai João puxava os pontos de

candombe, nove outros pretos velhos tentavam sincronizar o andar encurvado com os passos da dança.



Figura 4 - Descimento dos mastros da Festa dos Pretos Velhos, Juatuba, MG. Junho de 2013. Foto: Dalva Maria Soares.

Depois do descimento das bandeiras, os pretos velhos se acomodaram dentro da capela, cada um em seu tronco feito banco, e atendiam quem queria conselhos. Era possível ouvir o sussurar das orientações das entidades nos ouvidos de quem se aconselhava, assim como o estalar dos dedos enquanto as pessoas recebiam passes.

Pedrina também se sentou em um dos bancos e acendeu seu cachimbo. “É um fumo ritualístico”, ela já havia me afirmado. Na expectativa de receber um passe, um senhor se ajoelhou aos pés da capitã, que recusou a reverência se ajoelhando também e o cumprimentando da forma como é feito no congado, pegando a mão um do outro e fazendo um gesto em forma de cruz. Ao contrário do que faziam os pretos velhos, que ficavam sentados nos bancos enquanto prestavam atendimento, Pedrina trocou de lugar com o senhor que estava atendendo, que se sentou no banco enquanto ela ficava de pé. A capitã pediu um pouco de água, retirou o rosário do peito e começou a benzê-lo. Outras pessoas foram até Pedrina para também serem benzidas. O preto velho Pai João, ao invés de distribuir passes, começou então a benzer como a capitã fazia, também com o copo de água e o rosário.

Depois da sessão de passes e dos benzimentos, os ogãs assumiram os atabaques. No entanto, os cantos entoados eram do congado. Pai João colocou as gungas e dançou. Após alguns cantos e danças, o preto velho subiu e quem desceu foi o marinho de Pai Sidnei. Como em todos os toques de candombe, ele veio participar. Já passava da meia noite quando começou o toque, “a hora que os inimigos estão dormindo, nós estamos rezando”, explicou a capitã. A preta velha Mãe Cassiana do Pilão também veio participar através do corpo de Mãe Conceição. O toque foi até às três horas da manhã.

A experiência religiosa, não só de Pedrina, mas dos outros sujeitos que estão à sua volta, revela que o modelo de religiosidade afro-brasileira para o encontro das diferenças é muito mais rizomático do que sincrético. Este lugar onde entrecruzam catolicismo, reinado, umbanda, kardecismo e candomblé é “um ponto de encontro de diferentes caminhos que não se fundem numa unidade, mas seguem como pluralidades” (ANJOS, 2008, p. 80).

Por isso, a orientação do preto velho Pai João para a construção da capela para que não se misturassem “as coisas de exu com as coisas de Nossa Senhora”, uma vez que o templo do Senhor Exu Tranca Rua está localizado a poucos metros de onde foi erguida a capela.

Segundo Goldman (2014, p.2), existe na antropologia um certo clichê, que embora hoje em dia seja difícil de ser sustentado, ainda persiste, sugerindo que não temos nada a aprender com os sujeitos das nossas pesquisas. Para o antropólogo, se seguirmos o que esses sujeitos “dizem, fazem e pensam a respeito de si mesmos e dos outros e dos mundos que participam”, o aprendizado será inevitável.

Para José Carlos dos Anjos (2008), essa imagem do Brasil como o país do sincretismo encontrou um solo fecundo na ideologia da democracia racial onde a diferença está mais próxima de um certo modelo biológico onde espécies diferentes se misturam resultando numa síntese mulata. A ideia de intercruzamento no sincretismo pressupõe “uma nova unidade resultante da mistura de valores de origens diversas”. Para Anjos, a lógica rizomática da religiosidade afro-brasileira não dissolve as diferenças, pelo contrário, conecta o diferente ao diferente, permitindo que as diferenças subsistam enquanto tal. “Um caboclo permanece diferenciado de um orixá mesmo se cultuados no mesmo terreiro e sob o mesmo nome próprio (como por exemplo, ogum)” (ANJOS, 2008, p. 77). O que nos revela a experiência de Pedrina, Pai Sidnei e Ana Luzia é que esses sujeitos não se veem na obrigação de optar por uma experiência religiosa apenas, mas conciliam múltiplas pertenças.

### CAPITULO 3

#### OLHOS DE VER: o trânsito pelo espiritismo kardecista

Uma existência é um ato.  
 Um corpo - uma veste.  
 Um século - um dia.  
 Um serviço - uma experiência.  
 Um triunfo - uma aquisição.  
 Uma morte - um sopro renovador.  
 Quantas existências, quantos corpos, quantos séculos,  
 quantos serviços, quantos triunfos, quantas mortes  
 necessitamos ainda?  
 Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito André Luiz,  
*Nosso Lar* (2011 p.14)

O reinado tem um lugar central na vida de Pedrina, pois segundo ela, a sua vida e a da sua família gira em torno da Festa do Rosário. No entanto, o espiritismo kardecista responde muitas das suas inquietações acerca do mundo. A doutrina kardecista oferece a lógica explicativa com a qual Pedrina junta os diferentes fios através dos quais ela consegue amarrar suas experiências religiosas.

Segundo Pedrina, para quem, durante tantos anos, havia militado na igreja católica, a transição para o espiritismo não se deu de forma tranquila:

foi uma travessia num mar revolto, foi preciso rogar a ajuda divina para poder entender e compreender bem, tantas informações novas, profundas, renovadoras e consoladoras que enchem e enchem meu coração de alegria e esperança (Pedrina, 2013).

Uma parte considerável da agenda semanal de Pedrina é dedicada às tarefas nos centros espíritas. Pedrina frequenta, semanalmente, o centro localizado no bairro União, região nordeste da capital mineira, onde, pela primeira vez, ela teve contado com espiritismo. Embora originalmente em outro endereço, foi com este grupo que Pedrina conheceu a doutrina espírita. Hoje, ela frequenta outros espaços do movimento espírita, mas às terças feiras ela participa da reunião mediúnica no pequeno centro, onde tudo começou.

Em uma terça-feira, do mês de fevereiro de 2013, pude conhecer aquele centro. Era dia de reunião mediúnica. É nestas reuniões que ocorrem comunicações de espíritos desencarnados através de médiuns.

Passei na casa de Pedrina e, juntas, descemos de ônibus. Chegamos poucos minutos antes do início da reunião. Pedrina, como sempre fez, me apresentou aos médiuns presentes, explicou o que eu fazia ali e pediu autorização para que eu assistisse aos trabalhos, pois a reunião mediúnic é fechada, normalmente participando somente espíritas que já estão no processo de aprimoramento da mediunidade. Além dos médiuns presentes, estavam eu, uma senhora e uma criança que me pareceram moradoras do lugar, já que o centro funciona num barracão, nos fundos de uma residência.

Pedrina se assentou à mesa, juntamente com o irmão que presidia a reunião e mais três outras médiuns. Deu-se início à preparação do ambiente com a redução das luzes. Para os espíritas, a luz normal queima ou dispersa os fluidos, veículos responsáveis pela comunicação espiritual. O presidente solicitou que Pedrina fizesse a prece de abertura e, em seguida, cantou-se o hino espírita, “*Prece*”, que eu ouviria muitas outras vezes, inclusive em casa de Pedrina, antes das reuniões de Umbanda:

*Oh! Jesus todo amor  
Flor de luz do Senhor  
Mestre amado luz divina  
Abençoa a nossa doutrina  
E que esse dia de fraternidade  
Seja coroado de felicidade  
Oh! Meu Jesus ouve a oração  
Joia de luz do meu coração<sup>40</sup>.*

Depois, foi lido o capítulo dez - “Bem-aventurados os misericordiosos” - do livro “Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. Neste capítulo, Kardec usa trechos do livro de Mateus, do Novo Testamento, para abordar a necessidade de sermos misericordiosos. Misericórdia, segundo Kardec “consiste no esquecimento e no perdão das ofensas” (Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 142).

O presidente da reunião chamou a atenção para o fato de que a morte não nos livra das nossas dívidas, o que só aumenta a necessidade de perdoar as ofensas sofridas, citando esta passagem do livro de Mateus:

Reconciliai-vos o mais depressa possível com o vosso adversário, enquanto estais com ele no caminho, para que

---

<sup>40</sup> Autoria de João Cabete (1919 – 1987), compositor e instrumentista espírita que nasceu na capital paulista. Escreveu mais de duzentas composições interpretadas por vários grupos e corais espalhados pelo Brasil.

ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metido em prisão. Digo-vos em verdade, que daí não saireis, enquanto não pagar o último ceitel (MATEUS, 5:25 e 26).

Segundo o Livro dos Médiuns, a falta de perdão pode gerar a obsessão, que é o domínio que alguns espíritos inferiores (desencarnados ou não) exercem sobre outros espíritos (capítulo 23). Mesmo no mundo espiritual, o espírito desencarnado que se sentiu ofendido e não perdoou atormentará o encarnado que lhe fez a ofensa. Por isso, a necessidade do perdão: para que a vingança não sepetue em existências futuras.

Uma narrativa recorrente na fala de Pedrina é a teoria da evolução do espírito, num processo contínuo de busca da perfeição. É claro que essa busca é um processo longo que pode levar séculos ou até milênios e são necessárias muitas encarnações, desencarnações e reencarnações. Por isso, a necessidade do perdão. Uma pessoa que tem mais conhecimento, tem obrigatoriamente que compreender e perdoar aquele que tem menos conhecimento. Segundo Pedrina, esta é a atitude dos anjos em relação a nós. Todos nós temos um anjo da guarda, um espírito que vela por nós e que já passou por diferentes etapas de evolução até chegar na categoria de anjo, e que por isso nos compreende.

Após a leitura e comentários do Evangelho, passou-se para a segunda parte da reunião, que é a sessão mediúnica propriamente dita. Pedrina é médium de sustentação ou vibracional, ela não incorpora, mas fica encarregada da “sustentação espiritual do ambiente”. Se for necessário, ela auxilia na doutrinação do espírito que se comunica, ou ainda ministra passes, caso algum outro médium necessite.

Neste dia, dois espíritos se comunicaram e receberam palavras de consolo para que aceitassem a desencarnação. Depois desse momento e com os médiuns já recobrando os sentidos, discutiu-se a reunião, falando dos espíritos que se comunicaram. Antes da prece de encerramento, foram distribuídos passes aos presentes. O passe é a transmissão de fluidos magnéticos provenientes do encarnado ou dos espíritos. É usualmente transmitido pelas mãos por intermédio de irradiações mentais e tem por objetivo sanar desarmonias físicas e psíquicas. Depois do passe, todos tomaram da água fluidificada, que é uma água normal adicionada dos fluidos magnéticos que circulam durante a reunião.

O espiritismo kardecista foi criado na França, em meados do século XIX, por Allan Kardec, pseudônimo de Leon Hippolyte Denizard Rivail. É uma doutrina filosófica e religiosa que tem como base doutrinária o mesmo Deus criador da tradição judaico-cristã. Para o

kardecismo, o Universo é constituído de dois elementos básicos, o espírito e a matéria, e é a relação entre esses dois mundos que funda o movimento e o devir do mundo espírita (CAVALCANTI, 2008).

Toda a fundamentação da doutrina espírita pode ser encontrada nos cinco livros da codificação, quais sejam: “O Livro dos Espíritos”, “O Livro dos Médiuns”, “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, “A Gênese” e “O Céu e o Inferno”. Allan Kardec foi o codificador destas obras, isto é, ele foi o responsável por reunir, compilar e sistematizar os textos recebidos do Espírito da Verdade, por ele e outros médiuns. É essa literatura que Pedrina estuda há cerca de três décadas e que ela apresenta nas reuniões públicas, nos grupos de estudo e nas palestras que ministra em outros centros espíritas kardecistas.

No trato intermediário entre Deus e os seres humanos, estão os espíritos dos mortos, ou “desencarnados”. Embora a comunicação entre o mundo dos encarnados e o dos desencarnados possa ocorrer em qualquer lugar, o centro espírita é o lugar privilegiado para que ela aconteça. Potencialmente, todo ser humano é, em sentido amplo, um médium, mas é o médium ostensivo que se coloca a serviço do mundo invisível, sobretudo na reunião mediúcnica, lugar sistemático de comunicação entre os dois mundos. É este um dos trabalhos de Pedrina no Centro: estar disponível para dar sustentação espiritual a esta comunicação entre mundos, sobretudo nas reuniões mediúnicas.

Junto com a mediunidade, o estudo é uma categoria central na prática espírita. Lewgoy (2000) sustenta que existe um conjunto de relações necessárias entre espiritismo kardecista e cultura letrada. O autor caracteriza esse tipo de espiritismo como uma “religião dos livros, da leitura e da escrita.” Lewgoy salienta que até é possível participar do espiritismo sem essa imersão na cultura escrita, mas não é possível “explorar as possibilidades mais valorizadas de participação no movimento espírita sem absorver um certo cultivo literário de si, pressuposto no hábito de leitura das obras espíritas” (LEWGOY, 2000, p. 337).

Por sentir necessidade de aprofundar os conhecimentos da doutrina, Pedrina acabou se aproximando do Centro Espírita Oriente, um dos maiores e mais tradicionais da capital mineira. Este centro, juntamente com a Casa Espírita André Luiz<sup>41</sup>, formam o Grupo da

---

<sup>41</sup> Na obra psicografada de Chico Xavier, André Luiz é, ao lado de Emmanuel, um dos espíritos-autores mais frequentes. Uma das obras mais importantes é o *best-seller* *Nosso Lar*, que narra a vida numa colônia espiritual. Segundo Bernardo Lewgoy (2008), foi

Fraternidade Espírita Irmã Scheilla. O Grupo se define como “uma sociedade civil religiosa, filantrópica, educacional e cultural, sem fins lucrativos”. Seu leque de atuação é bastante amplo, “sendo prioritariamente a assistência espiritual à família e às crianças de todas as classes sociais, carentes tanto no campo moral, como no material”<sup>42</sup>.

Uma parcela considerável da agenda de Pedrina é dedicada a este Grupo. Às quartas-feiras, ela é uma das responsáveis pelo estudo do “Livro dos Espíritos”; às quintas-feiras é coordenadora e palestrante de plantão nas reuniões públicas, e às sextas-feiras, é uma das responsáveis pelos ciclos de estudos da doutrina; aos sábados, Pedrina é médium de sustentação nas reuniões mediúnicas. Pedrina se desdobra para conseguir conciliar as “tarefas” nos dois centros espíritas que frequenta com todas as outras atividades relacionadas ao reinado, à umbanda e aos atendimentos espirituais realizados em Oliveira.

Numa tarde de sábado, fui com Pedrina em uma dessas reuniões mediúnicas do Centro Oriente. Exatamente às catorze e trinta, horário previsto, teve início a reunião. A pontualidade é extremamente valorizada no espiritismo kardecista. Pedrina tenta levar esse rigor com o horário para as reuniões de umbanda que acontecem em sua casa, mas ainda não obteve sucesso. Ainda que ela comece na hora marcada, durante vários minutos as pessoas ainda continuam chegando.

Como sempre fez, Pedrina foi até o presidente da reunião e pediu permissão para que eu assistisse. Deu-se início à preparação do ambiente com a redução das luzes. No centro da sala havia uma mesa com cadeiras onde, concentrados, estavam sentados os médiuns. Com a redução das luzes e depois de vários hinos entoados, foi feita a prece inicial. Pediu-se a Jesus, a Maria e aos amigos espirituais pelos encarnados e pelos desencarnados. Em seguida, Pedrina, oradora oficial da reunião, leu e comentou o capítulo dezesseis do “Evangelho Segundo o Espiritismo” - “Não se pode servir a Deus e a Mamom”. Em uma das passagens do capítulo, é narrado o encontro entre Jesus e o publicano Zaqueu:

E tendo entrado em Jericó, atravessava Jesus a cidade. E vivia nela um homem chamado Zaqueu, e era ele um dos principais entre os publicanos, e pessoa rica. E procurava ver Jesus, para saber quem era, e não o podia conseguir, por causa da muita gente, porque era pequeno de estatura. E correndo adiante, subiu a um sicômoro para o ver,

---

através dos livros de André Luiz que o espiritismo brasileiros estabeleceu um cânon textual para as exegeses das sessões espíritas.

<sup>42</sup> C.f. [www.gruposcheilla.org.br](http://www.gruposcheilla.org.br)

porque por ali havia de passar. E quando Jesus chegou aquele lugar, levantando os olhos, ali o viu, e lhe disse: Zaqueu, desce depressa, porque importa que eu fique hoje em tua casa. E desceu ele a toda pressa, e recebeu-o gostoso. E vendo isto todos murmuravam, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um homem pecador. Entretanto Zaqueu, posto na presença do Senhor, disse-lhe: Senhor, eu estou para dar aos pobres metade dos meus bens, e naquilo em que eu tiver defraudado alguém, pagarlho-ei quadruplicado. Sobre o que Jesus lhe disse: Hoje entrou a salvação nesta casa, porque este também é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que tinha perecido (Lucas, XIX: 1-10) (Jesus em casa de Zaqueu, Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XVI, p. 216-217).

Depois da leitura, Pedrina teceu comentários sobre o trecho lido. Segundo ela, o capítulo chama a atenção para o desapego. Como o próprio título sugere, ou se vive para a materialidade ou para a espiritualidade. Quando terminou os comentários, o presidente da reunião informou quem seria o orador da reunião da semana seguinte, que disse em tom de brincadeira: “estou encrencado, não posso baixar o nível, pois Pedrina fala muito bem”.

Ler e comentar a literatura codificada não só diante do público, nas reuniões públicas, como também diante de seus pares, nas reuniões mediúnicas, é o que se espera de um espírita. Segundo Cavalcanti (2008, p. 63), “o estudo é um componente essencial do modo de ser espírita”. E, como dito anteriormente, foi justamente em busca desse conhecimento que Pedrina se aproximou do Grupo Sheila. O estudo como mediador de saberes é um tema recorrente na trajetória de Pedrina. Essa busca pelo saber letrado, que é uma das características fundantes do espiritismo kardecista, também está presente nas pesquisas que Pedrina realiza sobre a África, sobre as tradições do reinado e no estudo da língua banto.

Na segunda parte da reunião, quando os espíritos dos desencarnados se comunicavam através dos médiuns, Pedrina foi solicitada a auxiliar um espírito que apresentava muito sofrimento. Calmamente, ela foi conversando com ele, explicando-lhe que seu coração estava machucado, que o ódio é uma dor moral, mas que todos temos o que merecemos e que, por isso, ele deveria aceitar a sua nova condição de desencarnado, pois, ainda que não entendamos, a lei de Deus é justa para todos.

O espiritismo que caracteriza o centro Oriente, frequentado por Pedrina, é do tipo mais convencional, compartilhado por segmentos de classe média mais letrados. Esse espiritismo confere um status diferenciado à leitura e interpretação de bibliografia religiosa própria: “socializar-se no espiritismo significa familiarizar-se, estudar, falar bastante sobre os autores e obras canônicas, ou seja, ingressar num universo de debate e reflexão dominado por uma tradição religiosa escrita e letrada” (LEWGOY, 2004, p. 256).

Além da experiência religiosa, o espiritismo kardecista potencializa a dimensão letrada de Pedrina que, a partir da sua educação formal, amplia seus conhecimentos sobre a doutrina espírita. Essa busca acaba influenciando no processo de autoconhecimento, necessário para o aperfeiçoamento do espírito.

O estudo está plenamente integrado às atividades espíritas no Centro Espírita Oriente, não só nas reuniões públicas e mediúnicas, como nos ciclos de estudos. Além de todas as atividades onde são lidos e comentados trechos das obras de codificação, as preces, sejam elas iniciais ou finais, também demonstram o domínio da doutrina pelo orador, uma vez que não são preces decoradas. Iniciada na doutrina espírita há quase trinta anos, hoje, além da participação nas reuniões públicas e mediúnicas, Pedrina também ministra cursos nos ciclos de estudos do Centro. Os ciclos são reuniões semanais que objetivam o estudo metódico e contínuo da doutrina espírita através das obras de codificação.

Numa sexta-feira de maio de 2013, acompanhei Pedrina em um desses encontros do ciclo de estudos. Neste dia, como sempre acontecia, a reunião começou pontualmente no horário programado, às dezenove e trinta. Pedrina solicitou a um voluntário que fizesse a prece inicial e em seguida passou à leitura do capítulo quatro - “Ninguém poderá ver o Reino de Deus se não nascer de novo”, do “Evangelho Segundo o Espiritismo”, onde o tema abordado era a reencarnação.

A doutrina espírita pontua diferenças entre a reencarnação, que é a volta da alma ou espírito à vida corpórea, e a ressurreição, defendida por algumas religiões, que seria a volta à vida, mas no mesmo corpo. A reencarnação é base do espiritismo. A cada encarnação o espírito colhe os frutos bons ou maus de suas vidas passadas, expiando sua culpa pelo mal feito, mas também tendo oportunidade de se renovar, evoluir e progredir, pois, “ao mesmo tempo que a encarnação é regida pelo mecanismo cármico, ela o é também pela lei da evolução e do progresso. Os espíritos tendem necessariamente a progredir em cada encarnação” (CAVALCANTI, 2008, p. 35).

O ciclo de estudos é um lugar de construção do expositor espírita, uma vez que é caracterizado por amplo debate e questionamentos dos participantes. Os exemplos pessoais são sempre trazidos e analisados à luz da doutrina. Notícias do cotidiano também ajudam a extrair ensinamentos doutrinários. Ao expositor, cabe a competência para articular a doutrina com o vivido pelo grupo.

Naquele dia, a discussão girou em torno dos objetivos da encarnação. Segundo a “Lei da Encarnação”, o espírito só evolui a partir das múltiplas existências. A cada encarnação, o espírito colhe os frutos bons ou maus do seu passado em outras vidas. Através do livre arbítrio, cada um escolherá entre o bem ou o mal e, dependendo da escolha, a encarnação se transformará numa oportunidade de expiação e/ou provação, ou de evolução e progresso. Só a reencarnação “pode dizer ao homem donde ele vem, para onde vai, porque está na Terra, e justificar todas as anomalias e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta” (Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 72).

Durante a exposição, Pedrina salientou que para

Uma pessoa que não acredita na reencarnação, não acredita em outras existências, o que parece o mundo? Injusto, não é? Na reencarnação cumpre-se a justiça divina, porque é através das outras existências que nós vamos acertando com a justiça divina. (...) isso nos dá uma tranquilidade e nos ajuda a perdoar, porque nós temos certeza que existe uma lei que vai cuidar de nós todos. Dos nossos acertos e dos nossos erros. Então, não precisamos mais nos preocupar com a vingança, porque essa lei é de justiça e vai reparar tudo. O que nós devemos fazer é perdoar completamente. Fulano fez assim, certamente porque não sabe que existe uma lei de causa e efeito. Se soubesse não faria. Porque se ele está achando que vai sair bem... há uma lei que nos obriga, a cada um, a ficar justo dentro dessa lei maior (Pedrina, 2013).

O “Livro dos Espíritos” explica que o que funda o dogma da reencarnação é justamente a justiça de Deus, entendida aqui, como uma ética ou moral da convivência terrena, ainda que descrita em termos de lei divina. É por ser justo que Deus concede a todos os Espíritos existências sucessivas para que os erros possam ser resgatados por novas provações. Essa “justiça divina” é sempre acionada por Pedrina como justificativa das dificuldades vivenciadas por ela. Segundo Pedrina, se

Deus permite que ela passe por determinadas “provações” e dificuldades é porque o débito dela com Ele ainda é grande.

É essa lógica da evolução e progressão do espírito que orienta a vida de Pedrina. Todas as outras experiências religiosas dela são lidas através das lentes da doutrina espírita. Pedrina constrói, diariamente, uma metanarrativa onde reflete a respeito das religiões à partir desta lente pessoal. Para ela, Jesus, assim como os nkisis, foi evoluindo ao longo de várias existências, em outros quadrantes da Terra. Jesus, hoje, tem uma posição grandiosa, como governador da Terra, mas teve que reencarnar há cerca de dois milênios. Segundo Pedrina, os nkisis estão acima dos santos católicos, mas ela ainda não conseguiu descobrir nesta hierarquia, entre Jesus e os nkisis, quem está acima de quem.

Se, de uma maneira geral, as reuniões públicas são o espaço onde acontece o primeiro contato entre a casa espírita e aqueles que buscam o espiritismo, as reuniões mediúnicas, por sua vez, são reservadas para os médiuns, pois é nelas que acontecem a comunicação entre o mundo físico e o mundo espiritual. Já o grupo de estudos é o lugar de interiorização da doutrina, e, portanto, é um espaço de muitos questionamentos. Durante cerca de uma hora e meia, um expositor encarregado da leitura e comentário da obra codificada debate com cerca de quinze a vinte espíritas já iniciados na doutrina.

Naquele dia, houve muitas intervenções e questionamentos dos participantes. Um dos presentes questionou se as habilidades que adquirimos em uma encarnação são mantidas em outra encarnação. Segundo Pedrina,

A bagagem que nunca se perde é a do conhecimento, nós somos individualidade, vamos continuar sendo indivíduos no corpo ou fora do corpo e tudo que nós conquistamos é nosso, não se perde. Você pode hoje, ser uma pessoa políglota, amanhã você renasce não falando direito nem o português, mas o seu conhecimento dentro das várias línguas não se perde. Ele pode ser obliterado por um tempo, porque tem necessidade de você exercer um determinado papel. (...) mas esse arquivo permanece, ele está dentro de nós pela misericórdia divina, obliterado para que não nos lembremos dele. (...) então tudo o que você conquistou, tudo o que nós conquistamos é nosso. O que Jesus veio dizer e no livro de Emmanuel fala muito bem disso, nós somos reflexos de nós mesmos, nós somos os atos repetitivos que vamos acumulando ao longo das milhares de existência. Esses atos repetitivos são os

reflexos que nos condicionam. Toda vez que repetimos esses atos para o mal, viram vício, se repetimos esses atos para o bem, viram virtude. O que Jesus veio nos dizer? Que é bom que nós alijemos e retiremos os atos ruins e vamos substituí-los pelos bons, porque aí realmente seremos reflexos de Deus (Pedrina, 2013).

Em relação ao aprendizado ocorrido em existências anteriores e que não se perde, Pedrina me falou certa vez, do seu gosto pela dança e de como a dança sempre lhe fez bem à alma, segundo ela, muito provavelmente por conta do vivido em outras encarnações.

Diante da exposição de Pedrina, um outro participante questionou que, parece que dependendo das culpas, as pessoas reencarnam em determinados papéis exatamente para que possam aprender determinadas coisas. Ao que Pedrina respondeu:

Fatalidade só existe em relação à morte física. O resto é consequência dos nossos atos. E ele se torna fatal, no sentido de falar, só depois d'eu agir. Quando eu ajo, eu estou debaixo da lei. Nós somos compelidos a fazer isso ou aquilo, nós temos a lei divina e a liberdade de agir, o resto é consequência dos nossos atos (Pedrina, 2013).

O espiritismo não admite a existência do acaso. Ainda que determinadas provas possam ser lançadas à conta do destino, elas, na verdade, são na maioria das vezes consequências de nossas próprias faltas. Pedrina, então, leu um trecho do Livro dos Espíritos na parte que fala dos “Flagelos Destruidores”, onde Allan Kardec questiona os Espíritos se Deus não poderia empregar outros meios para fazer a humanidade progredir mais depressa, que não através dos flagelos destruidores. Pedrina lê a resposta dos Espíritos:

Pode e emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza (Livro dos Espíritos, p. 428).

Pedrina continua a leitura do livro, onde Kardec questiona: “mas esses flagelos, tanto sucumbem o homem de bem como o perverso. Será justo isso?”. Os Espíritos respondem:

Durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; entretanto, de maneira diversa pensa depois da morte. Ora, conforme temos dito, a vida do corpo bem pouca coisa é. Um século no vosso mundo não passa de um relâmpago na eternidade. Logo, nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses, de que tanto vos queixais. Representa um ensino, que se vos dá e que vos servirá no futuro. Os Espíritos que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real. Esses os filhos de Deus e o objeto de toda a sua solicitude. Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo (Livro dos Espíritos, p. 429).

Durante todo o tempo, Pedrina buscava relacionar as intervenções dos participantes com os temas previstos para a discussão no grupo: reencarnação, expiação e provas. As intervenções giraram em torno de dúvidas sobre a doutrina, mas uma em especial me chamou a atenção. Diante da discussão a respeito das expiações e provas derivadas da reencarnação, uma das participantes questionou: “Então por que Deus não criou todo mundo já pronto? Não existiria ressentimento, viveríamos todos bem, amando uns aos outros. Para que passar por tudo isso?”. Ao que Pedrina respondeu:

O que Deus quer é que nós façamos essa conquista com consciência. Se ele tivesse feito pronto, não haveria a consciência de conseguir. Eu vou dar um exemplo material: se você lutou para comprar o seu carro, você tem a exata dimensão de quanto custa ter o carro, de quantos anos você tem que trabalhar (...). É diferente quem trabalhou e lutou para adquirir as coisas materiais do que aquele que ganhou. O que ganhou não tem a dimensão da conquista. Deus nos quer felizes, mas conscientes dessa felicidade, fazendo a diferença do bem e do mal. Ele quer que nós optemos pelo bem, pela nossa escolha, não porque ele construiu (Pedrina, 2013).

Sem estar ainda muito convencida, a participante ainda continuou questionando. Pedrina então afirmou:

Isso que você está dizendo é entender a vontade de Deus e isso o Livro dos Espíritos fala que na nossa condição agora, nós não temos condições de entender. O que eu sei, que os Espíritos nos ensinam, que Jesus disse é que Ele

quer que nós consigamos diferenciar o bem do mal e tenhamos consciência da nossa escolha e que depois sintamos o resultado disso. Porque nós, espíritos imperfeitos, não conseguimos ainda avaliar o que é a sensação de sentir essa plenitude pela conquista, que é diferente (Pedrina, 2013).

Uma outra participante pediu a Pedrina que esclarecesse uma dúvida, que ficou da aula anterior em relação às várias moradas de Deus.

Nós estamos num momento de transição e esse tempo está aproximando. Esse tempo está acontecendo e ninguém está percebendo que o mundo está mudando depressa. Já foi falado isso, a ciência já provou que as 24 horas não são mais 24 horas. E esse tempo é o tempo que Jesus falou que a terra está passando por uma nova prova de regeneração e vão ser selecionados os que vão poder continuar estagiando aqui. Não quer dizer que aqui na terra, durante a regeneração só vão ficar as pessoas boas. Ainda vão ter pessoas más, mas aqueles mais reincidentes vão ser alijados, vão ser excluídos para não perturbar. Quando acontecer isso então, vai ser inaugurado uma nova era, novos tempos, nova terra. Está tudo lá no apocalipse, que foi escrito de maneira assim, muito alegórica e muitos têm dificuldade. A nova era aconteceu, por exemplo, quando Jesus veio inaugurar uma nova era. Ele esteve presente e no final o seu maior feito foi ter nos provado que a morte não existe no sentido de que acabou, finalizou e sim, que iniciou uma passagem e nós como espíritos continuamos vivos. Então, nessa nova era as pessoas que merecerem continuar estagiando na terra vão perceber uma atmosfera melhor, com menos problemas, o bem vai ser mais frequentado na terra (...). Vai haver uma mudança geográfica, mas mudanças geográficas a história e a ciência já mostram que sempre houve em determinados tempos. Agora, a mudança maior dessa nova era é isso aqui, o espírito da letra da morada de Deus. O universo todo é povoado, não é só a terra que está povoada. A casa de meu pai tem muitas moradas e há muitos lugares para ser habitado, tanto no plano espiritual, quanto no plano físico. E nós como humanidade, não somos só a humanidade que está na terra. E que a terra é um lugar que habita uma humanidade das mais atrasadas no entendimento da lei divina, no entendimento de por que

fazer o bem, de por que amar o próximo. Não compreende ainda que isso é condição *sine qua non* para nossa felicidade. Nós não conseguimos compreender isso, por que se compreendêssemos, faríamos. Nós não acreditamos que amando os outros como Jesus amou, nós vamos nos sentir felizes. Nós achamos que nós vamos ser bobos. Fulano faz isso comigo, eu vou ficar aqui? Eu não sou bobo não. Jesus trouxe a lei do perdão, mas nós estamos vivenciando como morada de Deus, na nossa intimidade a lei de talião: olho por olho, dente por dente. Eu amo Jesus, mas detesto você. (...) Hoje, eu digo que amo Jesus na teoria. **Ele está esperando, em qualquer das religiões, que nós façamos isso na prática** (...). Aí Jesus fala, como é que nós vamos amar a Deus, se nós não amamos ao próximo? (Pedrina, 2013, grifo meu).

Em várias situações de palestras, cursos ou doutrinamentos Pedrina fez referência à tolerância e ao respeito que é preciso ter com outras religiões, pois, segundo ela, todas levam a Deus. Se a casa do Pai tem muitas moradas e muitos lugares para ser habitado, a própria trajetória de Pedrina nos mostra isso através dessa coabitação experienciada em sua trajetória religiosa.

Pedrina salientou ainda, a importância da reencarnação, pois ela é fundamental para o entendimento das diversas situações de injustiças, de anomalias e de o exemplo da talidomida<sup>43</sup>:

Então, Deus ia deixar as pessoas fazerem uma droga dessa, as mães injetarem, só pelo prazer de ver o outro sofrer? Tem uma causa por trás disso. Inclusive, como sempre acontece, tem uns que tiveram, outros não. Em tudo por tudo é assim. Morreu pessoal no Rio Grande do Sul, outros não, tem uns que iam e não foram, tem os que foram e se salvaram. Tem um porquê coordenando isso. O problema é que nós achamos que quando esse poder vem a nosso favor: Oh, glória a Deus! Quando vem contra: O que será que eu fiz? Parece que Deus esqueceu de mim, tá muito ocupado. Será que eu joguei pedra na cruz? Jesus é tão ruim. Eu joguei pedra na cruz há dois mil anos e ele ainda está com raiva de mim. Se eu estou sofrendo hoje porque

---

<sup>43</sup> Ou “amida nftálica do ácido glutâmico” trata-se de um medicamento desenvolvido na Alemanha, em 1954, que gerou milhares de casos de “focomelia”, uma síndrome caracterizada pela aproximação e encurtamento dos membros junto ao tronco do feto.

eu joguei pedra na cruz há dois mil anos atrás (Pedrina, 2013).

Alguém comentou em tom de brincadeira: “ele é vingativo”. Pedrina então, continuou:

E Ele falou lá, que não seria fácil: “Pai perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem”. Ou seja, eles não sabem ainda, que existe uma lei de causa e efeito. (...) então são muitas moradas e essa nova era está acontecendo. Nós podemos participar dela, depende dessa nossa mudança de atitudes (...) (Idem).

É interessante observar que, também no espiritismo kardecista, Pedrina tem uma voz protagonista. Seja como médium de sustentação nas reuniões mediúnicas, seja ministrando palestras nas reuniões públicas, ou nos cursos sobre a doutrina nos grupos de estudos.

Pedrina contou sobre um programa que viu na televisão:

Eu fiquei maravilhada esses dias, assistindo pela madrugada, na televisão, um congresso internacional de pentecostes feito pela igreja católica, na terra santa. Eu ouvia o Padre Fábio de Melo e a fala dele era a seguinte: ‘cura a igreja a partir do seu coração’. Admitindo que a igreja está doente. O que vocês acham dessa frase? ‘Cura a igreja a partir do seu coração?’ (Idem).

Alguém respondeu: reforma íntima! Reforma íntima foi um tema que ouvi muito durante as observações no movimento espírita. Segundo Oliveira (2007), este é um dos temas preferidos dos espíritas. Para o escritor, a “reforma íntima não deve ser entendida apenas como contenção de impulsos inferiores. Muito além disso, torna-se urgente analisá-la como o compromisso de trabalho pelo desenvolvimento dos lídimos valores humanos na intimidade” (OLIVEIRA, 2007, p.14).

Pedrina então explicou que:

Um espírito da verdade está atuando na terra, não só no meio dos espíritas para que nós consigamos perceber, olha que lindo, falando abertamente da necessidade da compreensão, do perdão para que nós vivamos em paz. Não é bonito isso? Não é uma prova da nova era que está aí? Então, essas moradas novas, que são várias moradas, os que não puderem ficar aqui vão ser remanejados para

outras moradas adequadas ao estágio onde ele está. Se eu estou destoando daqueles que podem ficar é natural e é justo que eu vá para outro lugar. Mas há muitas moradas, tem lugar para todo mundo. Uns acham que o inferno não cabe mais; outros acham que o céu que não está cabendo. Então, o reino dos céus está dentro de nós. Ele não vem das formas exteriores. Então, céu e inferno é estado de espírito. Quantas vezes nós vivemos no mesmo dia o céu e o inferno, na nossa intimidade? Porque a consciência pacificada é o céu, a consciência atormentada é o inferno. Por isso a paciência com os outros, porque quem me atormenta é porque está atormentado. Porque quem está em paz não implica com ninguém não. Não gosto de fulano. Não sei o que que é. Meu anjo de guarda não bate. Eu é que não gosto. Que o anjo de guarda não tem nada disso não. Ele já foi escolhido para ser anjo de guarda porque tem uma condição melhor [risos]. Eu é que não gosto de você e falo que meu anjo de guarda não bate com o seu. Os fluidos que você emana é que devem me fazer lembrar alguma coisa e eu falo que não gosto de você. Por que eu não posso não gostar de você de graça. Eu nunca te vi, eu não convivo com você, como é que eu não gosto de você? Você nunca me fez nada, aparentemente. Então você toma cuidado, porque essa construção do reino dos céus tem que ser dentro de nós. E só vai ser feita através do sacrifício, sa-cri-fí-cio. Sacro-ofício. Ofício, trabalho, trabalho santo de reformulação dos pensamentos e dos sentimentos que afinal é o que somos. Nós somos o que nós pensamos e o que sentimos e não o que nós falamos. Então, aí eu posso trazer Deus para a minha intimidade. Se eu vivencio isso, eu estou no céu, eu não vou incomodar com ninguém. (...) porque quando a gente sofre é o ensino divino, é o amor de Deus nos corrigindo para o bem (Pedrina, 2013).

Pedrina ainda falou rapidamente sobre o histórico do cristianismo e sobre as mulheres que acompanharam Jesus em sua trajetória na terra. Segundo ela,

Jesus veio, sem dúvida, inaugurar também, uma nova era para as mulheres. Dizem aí, alguns estudiosos, que quando aquela mulher vai ser apedrejada, aquela mulher adúltera não é a Maria de Magdala, porque Maria de Magdala não era mulher adúltera, porque ela era prostituta e não era

casada. A outra é que tinha um relacionamento e depois foi descoberta em adultério. E Jesus fala aquela coisa bonita de que ninguém pode jogar a primeira pedra. E tem um livro que fala que aquela mulher apanhava muito do homem e que não aconteceu o adultério. Mas os judeus ficaram com raiva naquela hora não pelo sentimento da traição, mas eles consideravam que a mulher era propriedade do homem (...). Jesus eleva a mulher dizendo que ela está de igual para igual com o homem, mesmo porque nós nascemos homem e nascemos mulher (Pedrina, 2013).

Como o tempo da aula já chegava ao fim, estes dois últimos temas foram abordados rapidamente e Pedrina, então, solicitou a um dos participantes que fizesse a prece de encerramento.

Além dos grupos de estudo, as reuniões públicas também são espaços de construção do expositor<sup>44</sup> espírita. Consiste, geralmente, no primeiro contato entre a casa espírita e aqueles que buscam o espiritismo. Tem como objetivos não só o consolo e o esclarecimento por meio das palestras baseadas nas obras de codificação, como também a aplicação da terapia espiritual através do passe e da água fluidificada.

Estive presente em uma reunião pública no Centro Espírita Oriente. Neste dia, o auditório estava completamente cheio e no palco havia uma grande mesa onde sentavam os médiuns. Pedrina comunicou ao dirigente da reunião quem eu era e o que fazia ali e fiquei sentada, juntamente com outras pessoas, numa cadeira, também em cima do palco. Como os centros são locais abertos a todos aqueles que chegam em busca da doutrina, minha presença ali não causou nenhum estranhamento.

O dirigente da reunião iniciou os trabalhos fazendo uma prece, e em seguida o coral entoou vários hinos espíritas. Todos os trabalhos espíritas são abertos com uma prece e é através dela que se inicia o contato com a espiritualidade. Normalmente se pede a Deus, a Jesus e aos espíritos - sempre nessa ordem de hierarquia - a harmonização das energias e a bênção para que o aprendizado aconteça.

Após a apresentação musical, o expositor do dia foi apresentado e discorreu sobre o “suicídio”, tema do capítulo um, da quarta parte do Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Segundo o livro, o ser humano não tem direito de dispor de sua vida; só Deus tem esse direito e o suicídio implica em uma transgressão da lei divina. O suicídio “é sempre uma falta

---

<sup>44</sup> O expositor é um médium, estudioso da doutrina que ministra as palestras e os cursos no centro espírita.

de resignação e de submissão à vontade do Criador” (Livro dos Espíritos, p. 540).

À medida que as pessoas iam chegando, colocavam garrafas plásticas com água em cima do palco, onde permaneciam durante toda a reunião para fluidificar, isto é, absorver os fluidos curadores dos espíritos, não só dos desencarnados, como dos encarnados presentes na reunião. Ao final dos trabalhos, todos recolheram as garrafas que foram levadas para casa.

Enquanto a reunião acontecia, duas pessoas identificadas com um colete escrito “equipe do passe” orientavam os presentes, um a um, para irem até as cabines tomar os passes - tudo feito de uma maneira muito organizada. Ao final da primeira parte da reunião, o coral se apresentou novamente e na segunda parte foi a vez da palestrante falar sobre a importância do “Evangelho no Lar”, encontro semanal, cujo objetivo é reunir a família em torno do evangelho à luz do espiritismo.

Para o espiritismo, o lar tem uma importância fundamental na educação moral da família. É no lar que os espíritos reencarnados se encontram na condição de pais, filhos ou irmãos. Podem ser espíritos simpáticos, que se agrupam por afinidade, ou antipáticos, que possuem alguma dívida de outras existências que precisa ser quitada. Segundo Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, “a melhor escola ainda é o lar, onde a criatura deve receber as bases do sentimento e do caráter” (O Consolador, questão 110).

De acordo com Pedrina, enquanto seus filhos eram pequenos, ela realizava o Evangelho no Lar. À medida que foram crescendo, foi ficando mais difícil, e com a conversão dos filhos ao candomblé, hoje, ela realiza sozinha o estudo do evangelho. Os filhos de Pedrina são feitos no santo e frequentam terreiros de candomblé, assim como participam das reuniões de umbanda. Ester é ainda capitã da guarda de Massambique Nossa Senhora do Rosário. Seu irmão, Domingos, que no candomblé é ogã, na guarda onde Ester é capitã, é caixeiro. Pedro, da mesma forma, é do candomblé, da umbanda e foi coroado rei congo de Santa Efigênia em maio de 2013. Ou seja, as pertencas dos filhos também são múltiplas, no entanto eles não frequentam o espiritismo kardecista.

Depois desta segunda palestra, o coral cantou novamente e, em seguida, Pedrina foi convidada a fazer a prece de encerramento. Além do trabalho realizado no Grupo Sheilla, Pedrina é muito solicitada para palestras em outros centros espíritas. Estive presente em uma dessas palestras na Fraternidade Espírita Augusto Cezar Netto, no bairro São João Batista, em Belo Horizonte. Eu e Pedrina chegamos alguns minutos antes do horário marcado para o início da reunião. O espaço era uma

espécie de auditório, construído no segundo andar de um prédio. Em uma grande mesa estavam sentados os médiuns e alguns deles psicografavam.

Assim que chegamos, uma assistente veio até onde estávamos e perguntou-me se algum parente próximo a mim tinha desencarnado há pouco tempo. Eu respondi que a minha mãe havia morrido há alguns anos. Algum tempo depois, a mesma assistente que havia me feito a pergunta sobre a perda de alguém próximo a mim voltou e me entregou uma carta psicografada.

Aos poucos, as pessoas foram chegando e o centro ficou completamente cheio. No som ambiente ouviam-se hinos espíritas. Algumas luzes foram apagadas, ficando acesas somente as coloridas, azuis, verdes e vermelhas. O ambiente era de tranquilidade. A coordenadora fez a prece de abertura. Em seguida rezou-se o Pai Nosso e Pedrina foi apresentada. Ela já era conhecida da maioria, pois faz palestras neste centro com uma certa frequência.

Pedrina iniciou a sua fala afirmando a alegria de estar naquela casa e anunciou que o tema da reflexão do dia seria sobre a “Lei da Adoração<sup>45</sup>”. Abriu sua exposição com um questionamento para a assembleia: “você adora a Deus?”. Todos permaneceram em silêncio, aquele silêncio típico de uma plateia que ainda está conhecendo seu interlocutor. Ela perguntou novamente: “nós adoramos a Deus?”. E todos responderam: “Sim!”. Pedrina continuou o questionamento:

Em que consiste adorar a Deus? Só conseguimos adorar a Deus se acreditamos nele. Falamos que acreditamos em Deus, mas Emanuel faz uma diferenciação: acreditar é diferente de crer; crer é ter fé. O que favorece acreditar em um ser superior? (Pedrina, 2013).

Uma pessoa na plateia responde que é pela fé, que ela vê Deus em tudo, e Pedrina, depois de ouvi-la, retomou a palavra:

Nos dez mandamentos que Moisés trouxe e que depois foram reafirmados quando Jesus esteve aqui, o primeiro é amar a Deus sobre todas as coisas. Somos espíritos, logo, nossa origem é divina. É do mandamento honrar pai e mãe, porque precisamos deles para encarnar. Podemos ver Deus na natureza. Existe um ser superior a todos nós na terra. Se

---

<sup>45</sup> A Lei de Deus ou Lei Natural é dividida em dez partes compreendendo as seguintes leis: da adoração, do trabalho, da reprodução, da conservação, da destruição, da sociedade, do progresso, da igualdade, da liberdade e da justiça, amor e caridade. (KARDEC, s/d.)

Deus está em tudo, quando nós olhamos, nós precisamos ver Deus. Se nós não conseguirmos amar quem nós vemos, como vamos amar quem não vemos? A fé é inata, é uma reminiscência colocada desde quando Deus nos criou e que vai se desenvolvendo nas experiências de ida e vinda. **As nações acreditam e adoram deuses de formas diferentes.** No antigo testamento, Deus irava, punia e castigava. Quando Moisés trouxe a ideia de Deus, era necessária essa ideia desse Deus punitivo, mas quando Jesus veio, ele trouxe a noção de amor. A história usa alegorias para ensinamentos mais profundos. Por exemplo, Adão e Eva e a proibição de comer o fruto proibido. O pecado original é a desobediência à lei de Deus. A doutrina espírita nos apresenta Deus? “O que é Deus”, é a primeira pergunta do Livro dos Espíritos. Deus é uma inteligência suprema no Universo. Ninguém é bom ou mau por causa de sangue. De acordo com a lei de causa e efeito, cada um de nós recebe o que precisa. Deus existe e nos ama; é bom e justo. Em que consiste a adoração a Deus? Como deve ser a oração? Espontânea e sincera. Para Deus não adianta falar sem sentir. Na elevação do pensamento aproximamos a alma de Deus. Adorá-lo em espírito e em verdade é senti-lo em tudo e todos. A adoração está na lei natural porque é um sentimento inato no homem. A vida contemplativa não é agradável a Deus porque é inútil. Tenho que amar a Deus na figura do próximo. É o próximo que nos salva ou condena. Não basta não fazer o mal, é preciso fazer o bem. A prece agrada a Deus quando ela é bem-intencionada (Pedrina, 2013, grifo meu).

Pedrina sempre enfatiza em suas falas que não é que todo mundo precise virar espírita, mas é preciso entender a necessidade de se viver o evangelho, ou como dizem os kardecistas, realizar a reforma íntima que é ser tolerante, compreensível, perdoar. “A casa de meu pai tem muitas moradas”, ela sempre diz.

Enquanto Pedrina falava, as pessoas eram encaminhadas para as cabines de passes. Segundo o Livro dos Espíritos, a adoração consiste em elevar os pensamentos a Deus, mas com sinceridade no coração, fazendo sempre o bem e evitando o mal. As palestras doutrinárias são um outro domínio de técnicas retóricas na construção do expositor espírita, pois, além do domínio da doutrina, o palestrante acaba por desenvolver a habilidade em adaptar a sua fala ao tempo disponível, uma vez que a

observância do horário para os espíritas é sempre bem vista e valorizada, pois acaba por expressar a disciplina do expositor.

Além disso, o conhecimento da doutrina responde suas inquietações a respeito do mundo. Certa vez, comentei com ela que o kardecismo respondia melhor, ao que ela me corrigiu: “não responde melhor, responde!” Essas técnicas também acabam por pontencializar a oratória de Pedrina nas outras práticas religiosas vividas por ela, principalmente nas palestras, cursos e oficinas que ministra. A palestra foi encerrada exatamente no horário programado.

Em outra oportunidade, Pedrina foi convidada para falar em outra reunião pública, desta vez na Fraternidade Espírita Servos de Maria de Nazaré – Fesman, no bairro Paraíso, em Belo Horizonte. Chegamos em cima da hora e o salão já estava cheio. A coordenadora apresentou a palestrante, que já era conhecida da maioria. O tema do dia era “A porta estreita”, item três, do capítulo dezoito do Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec. Esta passagem do Evangelho comenta os versículos treze e catorze do capítulo sete do livro de Mateus, no Novo Testamento:

Entrai pela porta estreita, porque longa é a porta da perdição e espaçoso o caminho que a ela conduz, e muitos são os que por ela entram. Quão pequena é a porta da vida! Quão apertado o caminho que a ela conduz! E quão poucos a encontram! (MATEUS, 7:13 e 14).

Pedrina iniciou a fala explicando o significado da porta que, segundo ela, é a divisão entre dois mundos mentais:

No universo, a terra é a casa dos fundos, é escola, hospital. Somos ignorantes, desconhedores da verdade, somos espíritos enfermos, desconhedores da verdade. Temos no corpo o que temos no estado mental. O céu é uma conquista, um estado de espírito, é preciso esforçar diuturnamente para melhorar. A ideia de uma porta estreita é justamente nos alertar para as dificuldades (Pedrina, 2013).

Pedrina falou ainda sobre a simbologia das asas. Segundo ela, as asas dos anjos representam na verdade, a moralidade e a intelectualidade. Os anjos decaídos são aqueles que desenvolveram a intelectualidade, mas não a moralidade. A porta larga nos desvia dos fins mais elevados. Enquanto a estudiosa falava, uma a uma as pessoas eram chamadas pela

equipe do passe. A palestra terminou, mais uma vez, rigorosamente no horário.

Na verdade, a doutrina espírita é a lente através da qual Pedrina olha o mundo. “Quero entender, não gosto de fazer as coisas sem entender”. Várias vezes, em diversas ocasiões ouvi essa afirmação de Pedrina. Nesse sentido, sua necessidade de compreensão do mundo vai ao encontro da “fé raciocinada” pregada pelo espiritismo. Segundo Kardec,

A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, nenhuma obscuridade deixa. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. Fé inabalável só o é a que pode encarar de frente a razão, em todas as épocas da Humanidade (KARDEC, Allan. O Evangelho Segundo o Espiritismo, p. 256)

Pedrina é uma pensadora que reflete, que quer entender. Segundo ela, “a doutrina espírita veio para esclarecer, informar e por às claras tudo isso”. O catolicismo, a umbanda, os nkisis do candomblé, todos são lidos a partir dessa lente. Os nkisis estão acima dos santos católicos na hierarquia construída por Pedrina. Eles já evoluíram e não precisam mais reencarnar. As entidades da umbanda tiveram oportunidade de escolher reencarnar em situações deploráveis ou voltar como entidades para realizar trabalhos e assim, evoluírem. Diante das dificuldades enfrentadas, a justificativa de Pedrina passa pela “lei do retorno”, pois segundo ela, se Deus permite o sofrimento é porque o débito dela com a justiça divina ainda é grande. “Tudo está ligado em tudo, realmente”, ela diz.

## CAPITULO 4

### NOTÍCIAS DO LADO DE LÁ: as reuniões de umbanda e os atendimentos espirituais

#### 4.1 As reuniões de umbanda

Para Pedrina, a festa de Nossa Senhora do Rosário que acontece na rua é apenas a “casca” do que é verdadeiramente o Reinado. Segundo ela, “é preciso ter olhos de ver além do exterior, para perceber que a festa é das almas, do povo do outro lado”. Durante muitos anos, uma reunião de umbanda era realizada na casa de sua irmã Amásia, em Belo Horizonte. Nestas reuniões, entre outras coisas, as entidades – pretos velhos, pombas-gira, zé pelintras, entre outras – traziam notícias sobre questões espirituais relacionadas à festa, além de proporcionar aos participantes assistência no plano material e espiritual. Com a morte da irmã, os encontros passaram a acontecer na casa de Pedrina, transformando sua residência em um ponto de apoio espiritual da festa.

Na primeira reunião de Umbanda em que participei, Pedrina me orientou para que eu chegasse mais cedo para acompanhar toda movimentação. Cheguei em sua casa por volta das dezoito horas. Ela não estava, pois era sábado, dia de reunião mediúcnica no Centro Espírita Oriente. Quem me recebeu foi Pedro, seu filho, que preparava o jantar que seria servido mais tarde. “É que o povo fica com fome”, ele me explicou. Fiquei por ali, na cozinha, observando o movimento. Cerca de meia hora depois, Pedrina chegou e perguntou se eu não queria acompanhá-la ao supermercado, pois precisava comprar algumas coisas que estavam faltando para a reunião, principalmente as bebidas das entidades. Enquanto nos encaminhávamos às compras, ela ia me explicando os objetivos deste encontro mensal. Enquanto pegava na prateleira do supermercado as garrafas de bebida ia me contando o que cada entidade gosta de beber, quais as preferências de cigarro. Levou mais dois isqueiros para acender os cachimbos dos pretos velhos. “Guardo os meus no bolso, mas é impressionante como eles somem durante a reunião”, ela disse.

De volta à casa, com bebidas e velas, ainda a ajudei a terminar a arrumação do pequeno cômodo, onde acontecem as reuniões. No fundo do quintal, o pequeno salão construído exatamente para este fim, abriga no altar, imagens e bandeiras de santos. Pelas paredes, chapéus de palha, quepes de marinheiro e um cocar, usados pelas entidades. Algumas cadeiras dividem o pequeno espaço com os bancos reservados

especialmente para os pretos velhos, uma vez que eles geralmente atendem sentados. Ao lado de cada banco, os cuspidores, caixinhas de areia onde os pretos velhos cospem a intensa salivagem decorrente de fumar o cachimbo. Num canto do salão, os três tambores do candombe (Chama, Santana e Santaninha), mais a puíta e o guaiá, e do outro lado, os atabaques.

A reunião de umbanda começou pontualmente às vinte horas, com Pedrina lendo um trecho do Evangelho Segundo Allan Kardec. Pedrina tenta implementar na reunião, a mesma disciplina com o cumprimento de horário tão valorizada no kardecismo, mas ainda que as reuniões comecem no horário marcado, elas nunca tem uma hora certa para terminar. Participei de muitas giras que só terminaram com o dia amanhecendo.

Cerca de trinta minutos iniciais da reunião são dedicados ao estudo da obra espírita codificada. Esta inovação, incluída por Pedrina, ainda não foi assimilada pela maioria dos participantes, que fazem de tudo para atrasar a ida para o salão. Como apontado no capítulo dois, uma das características do modo de ser kardecista é o estudo da literatura espírita, sobretudo as obras da codificação. Em todas as atividades da prática espírita, seja nas reuniões ou nos grupos de estudos, se valoriza a leitura e o questionamento das obras. Diferentemente do espiritismo kardecista, na umbanda os saberes são mediados por outras formas de aprendizado, sobretudo aqueles que se dão através da oralidade, da observação, da convivência e da prática nos terreiros.

Além da dedicação ao estudo da literatura espírita, a reunião na casa de Pedrina guarda outras peculiaridades. A casa não se configura como um centro de umbanda com uma mãe ou pai de santo responsáveis, é quase que uma reunião familiar, com a participação de Pedrina, seus filhos, sobrinhos e alguns parentes de santo. Além disso, os participantes pertencem a diferentes centros de candomblé. Todos começaram inicialmente na umbanda e acabaram chegando ao candomblé, inclusive fazendo o santo, com exceção de Pedrina que não é “feita”<sup>46</sup>. Apesar disso, continuam frequentando as reuniões de umbanda. Ou seja, os filhos e sobrinhos de Pedrina também possuem múltiplas pertenças religiosas: são reinadeiros, candomblecistas e umbandistas.

---

<sup>46</sup> Em janeiro de 2016, nos momentos finais de escrita desta tese, recebi a notícia que Pedrina havia se recolhido para fazer o santo no centro de candomblé de Pai Sidnei, que seria o responsável pela feitura de sua cabeça. Pedrina entrou para camarinha no dia 7 de janeiro, com sua saída marcada para o dia 31 de janeiro de 2016. Fazer o santo é o ritual de iniciação no candomblé, onde o fiel fica segregado por um determinado período e tem sua cabeça raspada, além de passar por inúmeros rituais e preceitos.

Pedrina demonstra uma certa contrariedade com a pouca ou quase nenhuma adesão dos participantes a esse momento de estudo. Para Pedrina, é importante para os médiuns ouvirem esses ensinamentos, mas os participantes adiam enquanto podem a ida para o salão, até que essa primeira parte seja finalizada.

Por cerca de trinta minutos Pedrina fez comentários sobre o trecho lido. Esse momento de “doutrinação” gera reclamações das entidades, que durante as reuniões, sempre comentam que estão sendo doutrinadas. Cabe salientar que uma das características das entidades da umbanda, sobretudo os exus e pombas-gira, é justamente a sua natureza transgressora. De uma maneira geral, são espíritos de personagens que ocuparam espaços de marginalidade na sociedade, como malandros e prostitutas (CARDOSO, 2007).

A pomba-gira *Dama da Noite*, apesar de sempre reclamar “estar sendo doutrinada”, confessa que já melhorou seu comportamento e que se tornou um espírito melhor desde que passou a ouvir os ensinamentos espíritas. *Dona Dama*, como às vezes é chamada, disse que até diminuiu os palavrões, pois sabe como Pedrina se aborrece com isso. Segundo Pedrina, ainda que os médiuns não estejam presentes durante o estudo da doutrina espírita, as entidades estão e o simples fato de ouvir já faz com que elas evoluam espiritualmente. Para Pedrina, mesmo não estando incorporadas, as entidades estão presentes no plano espiritual. Ela inclusive comentou certa vez que achava engraçado, por exemplo, os pretos velhos dizerem “quando eu estou em terra”, pois, segundo ela, eles sempre estão.

Aos poucos, as pessoas foram chegando e ocupando seus lugares. A maioria dos presentes eram familiares biológicos ou de santo. Depois deste primeiro momento de reflexão sobre a doutrina kardecista, Pedro, que é quem normalmente comanda a segunda parte da reunião, puxou os pontos de abertura da gira:

*Na minha aldeia tem três caboclos  
E todos três tem seu valor  
Tem um que toca, tem outro que dança  
Tem um que faz defumador*

*Defuma com as ervas da jurema  
Defuma com arruda e guiné  
Benjoim, alecrim e alfazema  
Vamos defumar filhos de fé*

As primeiras entidades a descerem foram os pretos velhos, que distribuíram passes e conselhos. Pedrina me apresentou a *Pai José*, preto velho de Carlos, seu sobrinho, explicando que eu estava ali, enquanto pesquisadora, fazendo um trabalho sobre a sua trajetória. *Pai José* foi escravo em Oliveira e chegou a participar da Festa de Nossa Senhora do Rosário. O preto velho é um grande parceiro de Pedrina e é quem, juntamente com *Maria Padilha*, também incorporada por Carlos, auxilia nos atendimentos espirituais naquela cidade.

Embora não seja feita no santo, muitas vezes o comportamento de Pedrina é de uma mãe de santo. Segundo Dona Cleusa, rainha perpétua de Nossa Senhora das Mercês e também umbandista e do candomblé, Pedrina “não precisa ser feita”. Muitos adeptos de diferentes religiões de matriz africana no Brasil reivindicam que é possível “nascer feito” ou “nascer com um dom tão poderoso que dispensaria qualquer iniciação” (BOYER, apud GOLDMAN, 2012, p. 272). Goldman (2012) dá o exemplo de Joãozinho da Gomeia, que não “teria sido iniciado adequadamente”, mas que contribuiu como poucos para o crescimento do candomblé angola no Brasil. Ou ainda, Sabina, mãe de santo de um terreiro qualificado por Ruth Landes (2002) como de “tradição cabocla”, que também não foi iniciada.

Embora a umbanda já fizesse parte da família de Pedrina, primeiro com seus pais, em Oliveira e depois com sua irmã, em Belo Horizonte, Pedro foi o primeiro de seus filhos a fazer o santo. Ele conta que ligava para sua tia Amásia perguntando quando ia ter “toque” para poder acompanhá-la, pois “adorava ver preto velho e tomar passes”. Tempos depois, conheceu Danielle, amiga de sua irmã Ester. Danielle vivia falando de terreiro, o que acabou chamando a atenção de Pedro, que resolveu conhecer a “Casa” que a amiga frequentava:

Entrei lá e só tocava umbanda. As pessoas não podem tocar para orixá sozinho, tem que ter sempre um outro pai de santo para ajudar. Aí, eu continuei na casa e a gente foi crescendo junto com ele [o pai de santo]. Aí, depois, eu carreguei o Domingos [irmão] e depois a Ester [irmã] (Pedro, 2013).

Todos os centros que frequentei com Pedrina iniciaram-se como centros de umbanda e transformaram-se, algum tempo depois, em centros de candomblé, sem contudo abandonarem os rituais e entidades da umbanda.

Depois de Pedro e dos irmãos, também entraram para a Casa, os primos Washington e Carlos. Washington, na época, era evangélico, mas já estava vivendo um “processo de sair da religião”. Ele conta:

Eu quis ir lá conhecer. Era dia de candomblé. Eu vi o Ogum do Pedro e achei bacana, mas não sabia o que estava acontecendo. O povo cantava umas coisas que eu não entendia, eu até falava: ‘gente, não é assim não. Eu sei é: ‘eu vi mamãe Oxum na cachoeira...’ E lá era diferente, era umbanda. Quando começou a tocar para o que hoje é meu santo, eu comecei a passar mal (Washington, 2013).

Com a iniciação dos filhos e sobrinhos, Pedrina também acabou se aproximando da umbanda. Ela conta que, certo dia, recebeu através do ex-marido, um recado de uma entidade que dizia que ela precisava fazer alguma coisa, do contrário, seus filhos seriam atingidos. Para não vê-los prejudicados, Pedrina acabou por se aproximar da umbanda. Hoje, os três filhos e vários sobrinhos são feitos no santo. Alguns mudaram de terreiro, mas todos frequentam o candomblé e a umbanda.

Este trânsito é, inclusive, uma importante característica da umbanda. Segundo Patrícia Birman (1983), existe uma multiplicidade de terreiros autônomos onde convivem diferentes maneiras de se praticar a religião:

Encontramos adeptos de umbanda que praticam a religião em combinação com o candomblé, com o catolicismo, que se dizem também espíritas, absorvendo os ensinamentos de Kardec e, entre estes, as variações continuam: centros que aceitam determinados princípios do candomblé e excluem outros, que se vinculam a uma tradição por muitos ignorada etc. Não há limites na capacidade do umbandista de combinar, modificar, absorver práticas religiosas existentes dentro e fora desse campo fluido denominado “afro-brasileiro (BIRMAN, 1983, p. 26).

A experiência de Pedrina e seus familiares confirmam a assertiva de Birman. Washington, sobrinho de Pedrina, explica que essa mistura vem desde a chegada dos negros escravizados ao Brasil:

O candomblé na África era muito tribal. Cada tribo tinha seu orixá. Tinha tribo que cultuava Omulu, outra cultuava Xangô, outra Oxum. Quando os negros são trazidos aqui para o Brasil, você tem essa mistura de gente que veio pra

cá, houve uma troca de conhecimento, troca de saberes. Teve aquele processo de: ‘venha cá, como é isso aqui? De lá, onde eu venho, a gente coloca a banana assim, faz isso não sei quê’. Teve essa troca de conhecimento, criou-se uma lógica diferente de outros lugares. Teve que organizar, já que nós aprendemos a lidar com várias divindades, cada uma de uma forma, de uma situação, de um jeito. Teve a necessidade de reunir todo mundo e organizar o culto dessa forma aí que a gente chama de xirê, para você cantar para o santo tal, depois para esse, depois para o outro. Hoje, tem uma organização, você começa cantando para Exu, depois você vai cantar para N’zazi, que é Xangô. Isso se criou, aqui no Brasil, vai cantar para o santo, eles vão incorporar. O orixá é diferente do exu, da pomba gira, ele não tem essa conversa: ‘oi, tudo bem? Como foi o seu dia ontem?’. Ele emana a sua energia a partir da dança, é uma reverência ao santo e uma forma de absorver aquela energia que o santo está emanando ali através da dança” (Washington, 2013).

O que Washington afirma vai ao encontro do que Vagner Silva (2005) diz a respeito do candomblé. Segundo o antropólogo, no Brasil o candomblé se formou a partir de fragmentos de várias religiões africanas e a família-de-santo constituía-se numa forma de reconstruir as contribuições étnicas dos negros, cuja escravização desagregava.

Em relação à umbanda, Washington diz:

Eu costumo dizer que a umbanda é a única religião genuinamente brasileira. A umbanda nasceu aqui. O cristianismo não é daqui, o kardecismo não é daqui, o candomblé não é daqui. A umbanda é! A umbanda é nossa! E a umbanda é resultado dessa mescla de tudo. Então, é o negro que conversava com o índio, que aprendeu com o outro, que trouxe, mas chegou aqui e foi catequisado e que vê Nossa Senhora. É isso tudo! (Washington, 2013).

A fala de Washington se assemelha muito com a tese desenvolvida por Renato Ortiz no livro “A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira”, de 1988. No livro Ortiz analisa a integração e a legitimação da umbanda na sociedade brasileira, como uma religião original que sintetiza o Brasil. Washington é graduado em Jornalismo e,

como Pedrina, pesquisa a religião e a cultura afro-brasileiras e já participou de muitos seminários e eventos sobre o tema<sup>47</sup>.

As entidades da umbanda (pretos velhos, pombas-gira, os exus, de uma maneira geral), são espíritos que tiveram que optar entre ou reencarnar em situações “deploráveis” que exigiram muito deles, com deficiências físicas por exemplo, ou voltarem como entidades que, através do trabalho dedicado às pessoas, continuariam o processo de evolução.

A afirmação de que os exus precisam trabalhar para evoluírem é, geralmente, ligada muito mais a moralidade duvidosa de seu comportamento, do que a um lugar de subalternidade. Exemplo disso, os pretos velhos, que são considerados espíritos de negros escravizados e, portanto, em uma condição de subalternidade, são vistos como sábios não só pela bondade que carregam, como também - e principalmente - pelo aprendizado advindo do sofrimento que passaram com a escravidão, o que os eleva nessa escala de iluminação, mas complexifica ainda mais essa visão “evolucionista”, uma vez que se pode questionar em que lugar eles ficariam nessa evolução.

A feitura do santo para os sujeitos desta pesquisa é vista como ponto de chegada de um processo de evolução e legitimidade da prática religiosa. “Cresci acreditando em bandeira, em umbanda, até chegar no candomblé”, disse pai Sidnei. “Meus filhos são todos feitos no santo”, disse Pedrina. No entanto, uma prática não substitui a outra: eles são umbandistas e candomblecistas. Bárbara, cunhada de Pedro, filho de Pedrina, inclusive, me disse que tem necessidade de frequentar a igreja evangélica, pois há coisas que ela só encontra lá.

Para Pedrina, a energia que circula numa gira de umbanda, no candomblé ou na igreja evangélica é a mesma. Segundo ela, o que as

---

<sup>47</sup> Muito do que dizem meus interlocutores inter cruzam com o que está nos textos acadêmicos. Washington, assim como Pedrina e Ana Luzia (entre outros) são letrados, passaram por uma faculdade e o acesso a educação formal permite a eles “lerem” as tradições religiosas com outras lentes. Pedrina sempre chama a atenção para a necessidade da educação formal que, segundo ela, “abre a cabeça”. A circulação destes sujeitos pelo espaço acadêmico muda a forma de ver as tradições. Washington disse que o perfil dos congadeiros mudou, pois muitos hoje têm acesso à universidade. No livro “O antropólogo e sua magia”, Vagner G. da Silva (2000) analisa o impacto das etnografias e dos modelos de educação formal sobre as tradições religiosas, vistas a princípio, como eminentemente orais. Segundo Silva (2000, p. 146), “as etnografias acadêmicas possuem uma influente forma de transmissão ‘letrada’ das tradições de uma geração a outra (uma via ‘complementar’ ao modelo iniciático e hierático de aprendizado religioso), além de serem uma ‘tradução erudita’ da religião – ainda muito discriminada – para circuitos sociais mais abrangentes. Atualmente, muitos líderes religiosos procuram conhecer a literatura acadêmica sobre sua religião.

peças sentem é a presença dos espíritos, sejam eles, desencarnados ou entidades.

As igrejas que são chamadas pentecostais é por causa do pentecostes. O pentecostes foi a eclosão da mediunidade no meio dos apóstolos. Os católicos falam que é o Espírito Santo que desceu. Mas o Espírito Santo é o conjunto da plíade de espíritos que vieram. E os pentecostais exploram muito isso e é por isso que muita gente vai, porque, por exemplo, lá na hora, da mesma forma que a gente sente aqui [na umbanda, no candomblé] eles sentem a energia da presença espiritual que mexe com eles. E aí a igreja [católica] pega e faz a renovação carismática. Porque a renovação carismática é uma igreja pentecostal (Pedrina, 2013).

Pedrina conta que tem lembranças das reuniões que seus pais realizavam em Oliveira. Ela lembra de, aos três ou quatro anos de idade, receber o passe, juntamente com outras crianças que depois eram retiradas do Centro para que a reunião acontecesse.

Quando os pretos velhos subiram, as pombas-gira desceram, entre elas *Sete Saias*, incorporada por Pedro. Pedrina também me apresentou a ela, explicando a pesquisa, ao que a pomba gira respondeu que “o trabalho ficará muito bonito”. Além de *Pai José* e *Sete Saias*, conheci também o preto velho *Pai de Todos*, incorporado por Pedro, e a pomba-gira *Dama da Noite*, incorporada por Gledison, namorado de Pedro. A gira durou por toda a madrugada, terminando pouco antes do amanhecer.

#### **4.2 Os atendimentos espirituais em Oliveira**

Além das reuniões de umbanda em sua casa, Pedrina também realiza, mensalmente, atendimentos espirituais em Oliveira. Numa ida àquela cidade, encontrei-me com Pedrina na rodoviária de Belo Horizonte. Era sábado, dia de reunião mediúnica no Centro Espírita Oriente. Fomos, portanto, depois que Pedrina cumpriu seu compromisso com o kardecismo. Chegamos a Oliveira por volta das vinte e uma horas, e o preto velho *Pai José* já atendia as pessoas.

A sala da casa em Oliveira funciona como uma capela, local onde acontecem muitos dos rituais relacionados ao reinado. Pela parede, fotos do pai congadeiro, da mãe e da irmã, ambas rainhas congas, além de fotos de outros congadeiros, todos já falecidos.



Figura 5: Detalhe do teto e do altar da casa de Pedrina em Oliveira, MG. Setembro de 2014. Foto: André Santos

No altar, a bandeira da Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês, imagens dos santos – Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês e Nossa Senhora Aparecida, bastões de Moçambique e espadas de congo; uma pomba do divino, em argila, presa na parede.

Como *Pai José* já me conhecia da reunião de umbanda em casa de Pedrina, brincou comigo: “vosmicê está me acompanhando também, né minha fia”? O preto velho perguntou por todos que normalmente participam das reuniões, parentes biológicos e de santo. Depois de muita conversa e orientação, o preto velho disse a Pedrina que ela deveria marcar um horário para atendimento das pessoas, pois normalmente ela atende a todos que comparecem e é recorrente ela não ter tempo nem de comer. Por várias vezes, presenciei o preto velho solicitando alguém que trouxesse um prato de comida e exigindo que Pedrina só voltasse a atender depois de “raspar o prato”.

Depois de atendimentos, conselhos e muita conversa, *Pai José* subiu, e quem desceu foi *Maria Padilha*, que durante horas recebeu pedidos de emprego e de conselhos amorosos, entre outros. Algumas pessoas presentes solicitaram conversas reservadas, outros se aconselhavam ali mesmo, na sala. Os atendimentos foram até tarde da noite.

No dia seguinte, acordei por volta das sete horas da manhã e fui buscar pão. Pedrina pediu que eu trouxesse fubá e amido de milho para preparação do mingau das almas<sup>48</sup>. Quando retornei, já havia várias pessoas aguardando atendimento. Uma senhora pedia conselhos para lidar com a rebeldia do filho. Pedrina ouvia, conversava e dava o passe. No seu caso, diferentemente dos pretos velhos, Pedrina realiza o passe por imposição das mãos, como é feito na doutrina kardecista.

Pedrina atendeu, também, uma senhora a quem explicou: “tudo está na mente, mas ela precisa estar aberta.” Explicou que é “preciso correr da tristeza, levantar o ânimo, ter fé, ajudar com os pensamentos, pois a mente é poderosa, por isso é preciso mentalizar o que se quer”. Disse que “a música ajuda”, que pode ser “um hino belo ou até uma música de MPB”, pois tem uma boa vibração. Benzeu a senhora com o rosário e o copo d’água fluidificada e sugeriu um banho com folhas de pitanga para “ficar mais leve, para encorajar”; ainda aconselhou à senhora que, se não quisesse conversar com as pessoas, falasse com Deus.

Os atendimentos revezavam entre Pedrina e *Maria Padilha*. Alguns, normalmente aqueles com problemas amorosos, preferiam ser atendidos por Padilha. Outros, mais católicos e resistentes às entidades da umbanda, escolhiam Pedrina. Pedrina é vista como herdeira de uma tradição da qual seu pai, o capitão Leonídio, foi uma grande referência na cidade: um grande benzedor, raizeiro e conhecedor das propriedades das plantas. Quando, por volta das 18 horas de domingo, eu e Pedrina descemos para a rodoviária para pegarmos o ônibus de volta para Belo Horizonte, ainda deixamos *Pai José*, “em terra”, distribuindo passes e conselhos.

Estes atendimentos realizados por Pedrina são uma tradição herdada dos pais. Pedrina recebe em sua casa, pessoas de todas as idades, diferentes classes sociais, com os mais variados problemas; de desemprego a problemas de saúde; de conflitos amorosos a dificuldades de relacionamento com os filhos. Tão logo amanhece, as pessoas começam a chegar e, dependendo da quantidade, elas aguardam o dia inteiro para serem atendidas.

Normalmente, para os atendimentos Pedrina veste-se como é usual entre os umbandistas, com saia e bata brancas e turbante na cabeça. Mas é possível perceber também elementos do congado e do kardecismo. O rosário, que é um importante símbolo de devoção a Nossa Senhora, é um elemento ritual sempre presente no vestuário do congadeiro. Em todos os

---

<sup>48</sup> O mingau das almas é uma comida ritualística da umbanda ofertada aos pretos e pretas velhas.

atendimentos espirituais Pedrina carrega o seu atravessado no peito. Não só durante os atendimentos espirituais, como também nas reuniões de umbanda e até mesmo em visitas a centros de candomblé, Pedrina não abre mão do signo ritual: “o rosário é o meu brajá”<sup>49</sup>, ela diz. Além disso, ela sempre faz uso da água fluidificada, que depois das orações, é ingerida pela pessoa que foi atendida.

Pedrina explica que o rosário, a água, as roupas são elementos dispensáveis, pois, na verdade, “tudo acontece na mente”, mas como algumas pessoas ainda têm necessidade dos ritos, eles acabam sendo incorporados. Além da água fluidificada, Pedrina receita banhos de ervas como pitanga, que é um estimulante, e fortificante, além de abrir caminhos; manjerição branco, para combater cansaço e depressão; chá de canela e mel para a fortalecer a imunidade, entre outras.

Segundo Pedrina, os medicamentos nada mais são do que conjunções químicas que saem dos elementos naturais. Seu pai, capitão Leonídio, era um grande conhecedor de ervas e raízes, mas, segundo ela, talvez pelo fato de ser mulher, esse conhecimento não lhe foi transmitido. O que aprendeu foi observando o trabalho do pai:

Agora veja bem, eu sempre gosto de afirmar isso, as pessoas tinham um conhecimento fantástico sobre ervas e a medicina vivia ridicularizando. Aí, o povo foi perdendo esse conhecimento. Depois, o Sistema, vamos dizer assim, se apropriou desse conhecimento, transformou isso, denominou de homeopatia e cobra das pessoas um preço que o povo que tinha o conhecimento e perdeu em função dessa crítica negativa, não pode pagar um homeopata. Hoje, eu estarreço, o menino tem gripe, a mãe leva no SUS [Sistema Único de Saúde], se ela é atendida, fala que é virose. Tem muitas ervas que todo mundo tinha na horta, que melhorava o resfriado. As pessoas moram cada vez mais em prédios, podiam ter pequenos vasos, mas não conhecem. Tudo é a vontade que a gente tem de conhecer, ninguém nasce sabendo, mas a gente pode saber tudo, procurar conhecer, procurar saber. É fantástico, porque é um universo. Portanto, então, você está sempre aprendendo, conhecendo, conversando. Tem sempre alguém que conhece uma erva

---

<sup>49</sup>Diferentemente das guias ou contas, o “brajá” é usado pelos sacerdotes e por aqueles que estão em aprendizado para o sacerdócio. Considerado um símbolo de conhecimento, seu uso foi incorporado nas vertentes da umbanda que carregam os fundamentos do candomblé. Fonte: [http://www.ceenc.com.br/2012/10/estudo-de-grupo-ceenc\\_25.html](http://www.ceenc.com.br/2012/10/estudo-de-grupo-ceenc_25.html)

pra isso, outra pra aquilo, essa troca de conhecimento. Eu ainda pretendo fazer um trabalho de plantar, ensinar e transmitir conhecimento para os mais jovens, fazer com que eles entendam em que consiste esse conhecimento, fazê-lo cada vez maior (Pedrina, 2013).

A fala de Pedrina acima traz alguns elementos importantes para reflexão. O caminho da oralidade no congado, reservado para os homens, foi tensionado pela sede de conhecer de Pedrina. Excluída da transmissão do conhecimento pelo fato de ser mulher, ela foi levada a buscar outras formas de conhecer, sobretudo na educação formal. O trânsito de Pedrina pelo conhecimento acadêmico, juntamente com a experiência pelo mundo do trabalho, iniciada bem cedo na juventude, possibilitou a ampliação de seu repertório cultural e, sem dúvidas, reflete na oradora que ela se tornou. “Eu não gosto de fazer nada sem entender”, ela sempre diz. E esse “entender” para Pedrina passa, necessariamente, por uma reflexão racional e uma necessidade de se “formar” e se “informar” o tempo todo, a respeito de tudo. Não é sem razão que Pedrina é apresentada nos eventos nos quais participa como capitã e pesquisadora.

Foram muitas as batalhas que Pedrina teve que enfrentar por ser mulher e negra. Segundo ela, “quando se é negro não é suficiente ser bom, tem que ser ótimo, excelente”, pois os desafios são muito maiores. Nos últimos anos, Pedrina tem participado do Festival de Inverno da UFMG, um dos maiores programas de extensão universitária do país e do Seminário África Diversa, um evento da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Quando a capitã é chamada para esses eventos acadêmicos para diálogo com pesquisadores e professores universitários, ela é convidada para falar do saber tradicional. Saber este que lhe foi negado por ser mulher, mas que ela foi conquistando pelas brechas, pela observação<sup>50</sup>. Uma hipótese para essa invisibilidade das mulheres é dada pela dimensão cristã-católica (ou europeia) do congado, em detrimento da face africana e negra, uma vez que as hierarquias de gênero, tanto no ritual quanto na cosmologia, são muito sutis na umbanda e no candomblé,

---

<sup>50</sup> Em minha dissertação de mestrado “Salve Maria(s): mulheres na tradição do congado em BH/MG”, analisei a transição das mulheres dos bastidores da festa de Nossa Senhora do Rosário para outros espaços mais valorados na hierarquia do ritual, como os postos de capitãs. As mulheres sempre estiveram presentes na manifestação, ainda que invisibilizadas nos bastidores, cuidando da comida, dos enfeites, das roupas. Foi a partir da observação e do acesso aos instrumentos nos intervalos ou ao final dos rituais que as mulheres foram se apropriando do capital específico para o exercício da capitania. São anos de observação internalizando códigos, gestos e o ordenamento do ritual.

onde as mulheres têm uma grande visibilidade e poder. A própria Pedrina sinaliza neste sentido:

Assim como a mulher conseguiu espaço na vida profissional, então, da mesma forma eu descobri que isso não passava do mesmo machismo que estava no seio da sociedade, que não permitia a mulher dançar na festa do Rosário. Por quê? Porque muitas das comunidades africanas, até mesmo da religiosidade que vem da África para o Brasil são totalmente matriarcais, são as mulheres que estão ali determinando (Pedrina, 2007).

Ou seja, mesmo o conhecimento no reinado sendo oficialmente passado e exercido por homens, não significa que as mulheres não tomem parte nessa circulação de saberes, ainda que não sejam reconhecidas e ou sejam proibidas de ter acesso a tais saberes. Esse desejo de Pedrina de assumir para si publicamente este conhecimento acentua a excepcionalidade de sua trajetória.

Por outro lado, o acesso ao conhecimento formal legitimou ainda mais os saberes tradicionais. Se no reinado o aprendizado se dá pela observação dos homens, na umbanda as entidades ensinam Pedrina. São elas que dão as orientações do que precisa ser feito para o fortalecimento da festa de Nossa Senhora do Rosário, o que dá legitimidade ao seu reinado.

Além disso, os quase trinta anos de dedicação ao estudo da doutrina kardecista, construída nos grupos de estudos e nas reuniões mediúnicas, junto a seus pares e também diante do público desconhecido nas reuniões públicas e em palestras por diferentes centros espíritas, levou Pedrina a se transformar numa expositora com domínio de técnicas oratórias que fazem a diferença em suas exposições. Pedrina é também uma pessoa que lê e pesquisa, possui um discurso articulado que conjuga o conhecimento tradicional que ela foi acessando pelas brechas, somado ao domínio dos códigos da educação formal, aos quais ela teve acesso.

Apesar de ter se graduado em ciências contábeis, Pedrina ainda alimentou o sonho de um dia fazer medicina, talvez quando se aposentasse, “pois já teria um ganho”, não mais trabalharia e poderia enfim se dedicar. Mas segundo ela:

Deus transferiu isso. Ele, na sua bondade, me transferiu esse exercício, que a gente numa tese não pode falar que está exercendo a medicina, porque senão vou ser taxada de estar fazendo a medicina irregular. Mas é o conhecimento

de ervas, de chás, de benzeções que o resultado é o mesmo, porque é a medicina que trata o corpo e trata a alma, trata o espírito. E é incrível, você benze a pessoa e você consegue percebê-la na sua intimidade, nas suas dificuldades todas, assim como se a gente tivesse algum conhecimento da pessoa. E depois, foi bom porque eu não fiquei cética, né? Porque muitas vezes a pessoa vai estudar a ciência e quando a pessoa é desprovida dessa percepção maior, ela fica cética (Pedrina, 2013).

Os diferentes trânsitos de Pedrina estão conectados em sua experiência, também por uma questão de gênero. Pedrina mulher, negra, de origem popular, excluída de vários espaços tradicionalmente masculinos, faz uso desse saber para romper certos bloqueios impostos às mulheres, sobretudo no congado, manifestação tradicionalmente masculina:

Eu poderia ter aprendido muito mais se não fosse mulher, talvez. Porque o pai tinha um conhecimento de raiz muito grande. Ele era também... o meu pai e a minha mãe era dois médiuns que eu nunca vi igual. Ele também era raizeiro, fazia o que o povo chama até hoje de garrafadas. Mas eu era mulher... ou ele achava que não devia [lhe transmitir os conhecimentos], porque o preconceito era muito grande. Muito grande o preconceito das pessoas, até hoje (Pedrina, 2013).

O saber negado pelo pai por ser mulher, mas que ela foi acessando pela observação, levou Pedrina a assumir o lugar deixado vazio por seus pais na assistência espiritual em Oliveira. Como a demanda por atendimento é muito grande, Pedrina comprou um lote na cidade para construção de um terreiro de candomblé, que será o primeiro na cidade.

Em um dos atendimentos espirituais, conversei durante um bom tempo com *Maria Padilha*, que falou da nova casa a ser aberta. *Maria Padilha* disse que no começo existirá a necessidade de ajuda de um pai ou uma mãe de santo, mas as determinações serão de Pedrina. Para a entidade, não há necessidade de seguir “uma linhagem” só, uma vez que os filhos da casa são de terreiros diferentes. “É o povo que separa”, mas para as entidades não existe separação, ela diz. Segundo Padilha, “o que o Exu faz? Bebe dos dois”.

Dona Cleusa, rainha perpétua de Nossa Senhora do Rosário, disse que a raiz espiritual de todos os que circulam em torno de Pedrina é em

Oliveira. Por isso, segundo a rainha, “não há como ficarem presos a nenhum terreiro específico”. Hudson, filho biológico de Dona Cleusa, também feito no santo e caixeiro da Guarda de Massambique de Nossa Senhora do Rosário diz: “nós somos a renovação!”. Para *Maria Padilha*, não dá para ficar preso a estas diferenças, pois “a casa tem que andar; o povo que procura [por atendimento] tem que andar”.

A fama de *Maria Padilha* na resolução de problemas já circulava pela cidade de tal maneira que ela era responsável pelo aumento considerável das pessoas em busca de atendimento. O que levava algumas pessoas a brincarem que, além da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a cidade de Oliveira teria também a “Irmandade de *Maria Padilha*”.

Segundo Cardoso (2012), os espíritos são sujeitos dotados de agência própria e realidade diferente daquelas dos sujeitos que os incorporam. É através das estórias<sup>51</sup> contadas sobre eles que os espíritos vão se constituindo, enquanto sujeitos sociais.

Ou seja, é a uma *Maria Padilha* em particular ou ao Pai João, que é incorporado por um certo médium, que se confia a busca de soluções para os problemas que nos afligem. Essa busca é fomentada pelos poderes dos espíritos, mas é guiada pela eficácia atribuída a esta ou aquela entidade por estórias que se espalham entre clientes, médiuns e os próprios espíritos (CARDOSO, 2012, p. 43).

A esse processo, Cardoso dá o nome de individuação biográfica. Ou seja, o conhecimento biográfico a respeito dos espíritos circula entre clientes e médiuns através das estórias que se contam sobre eles. As estórias são tão importantes quanto os atos que os espíritos realizam, pois são essas estórias que dão vida a eles.

Para Birman (1983), com o passar do tempo, as entidades vão adquirindo contornos mais precisos, estilos inconfundíveis da sua presença, se transformando em “verdadeiros personagens de ‘carne e osso’”, conhecidas para além do espaço do terreiro. Cada entidade tem suas características próprias, que podem coincidir ou não com características dos seus médiuns. Muitas vezes presenciei discussões entre as pombas-gira porque uma sempre se impunha mais do que a outra. Ou as pombas-gira zombavam dos pretos velhos, chamando-os de babões.

---

<sup>51</sup> Cardoso usa o vocábulo estória não como oposição ao “real”, mas para enfatizar a dimensão produtiva da narrativa.

Além dos atendimentos mensais, em que Pedrina vai até Oliveira, especificamente para isso, quando tem atividades relacionadas ao Reinado como nos levantamentos e descimentos de mastros ou até mesmo durante as festas do congado na cidade, nos intervalos dos rituais, a casa fica cheia de pessoas aguardando atendimento de Pedrina, *Pai José* e/ou *Maria Padilha*.

Na abertura do Reino, em 2013, peguei carona na van alugada por Pedrina para os familiares irem para Oliveira cumprir os rituais. Saímos no sábado, logo pela manhã e na chegada à cidade já fomos todos ajudar na preparação do almoço. Quando chegamos, Pedrina e o preto velho *Pai José* já atendiam. O preto velho solicitou ajuda dos filhos e sobrinhos de Pedrina, que se mostraram resistentes. O preto velho, visivelmente contrariado, saiu da sala onde atendia e foi até o quintal, onde animadamente todos conversavam, quando perguntou “se a prosa estava boa” por que “todos não iam prosear com ele”? Depois de muita insistência, não só do preto velho, como também de Pedrina, Pedro, Gleidson e Washington resolveram ajudar nos atendimentos.

Depois que *Pai José* subiu, *Maria Padilha* desceu. A fila de pessoas aguardando por atendimento era imensa. Padilha solicitou das pessoas velas, flores, bebidas, ensinou “feitiços” para resolver problemas amorosos. Os atendimentos só foram interrompidos no finalzinho da tarde, quando as crianças e adolescentes da guarda começaram a chegar para os rituais relacionados à abertura do reino.

Rezou-se o rosário como sempre Pedrina faz, “como os negros escravizados faziam na senzala”. Ou seja, as rezas católicas foram substituídas por cantos do congado. Para cada ave-maria um canto diferente. Os panos roxos, que durante toda a quaresma cobriram as imagens dos santos, foram retirados. Os tambores, que também ficaram silenciosos no período, voltaram a tocar. Cada capitão presente pegou seu bastão e cantou cumprimentando uns aos outros. As rainhas congas que estavam presentes foram reverenciadas. Finalizado o ritual de abertura do reinado, a maioria das crianças e adolescentes da guarda foi embora. Foi iniciada então, uma gira de umbanda.

Nesta noite, o *Zé Pelintra* de Pedro me chamou para conversar e disse que a minha pesquisa serviria para o crescimento pessoal não só meu como também de Pedrina. Disse que era a hora de algumas coisas serem reveladas. A pomba-gira *Dama da Noite* também me pegou pela mão e conversou muito comigo. Entre um conselho e outro para a minha vida pessoal, ela mandou que eu escrevesse sobre ela no trabalho: “coloque aí, que eu sou mulher para mais de metro”.

Neste dia houve uma discussão demorada entre *Seo Zé Pelintra*, *Dama da Noite* e Pedrina. Normalmente, as entidades solicitam para a realização dos trabalhos espirituais, entre outras coisas, velas, flores e bebidas. Em alguns casos a pessoa atendida está desempregada ou não tem recursos financeiros para providenciar o que é solicitado. Na maioria das vezes, Pedrina providencia o que é pedido, bancando os custos do próprio bolso. Segundo as entidades, ela não deve fazer isso, pois as pessoas precisam enfrentar as próprias dificuldades e, se querem mesmo ser abençoadas, precisam pagar o preço. *Seo Zé Pelintra* e *Dama da Noite* insistiram com Pedrina para não comprar o que era pedido e deixar as pessoas “se virarem”. Pedrina então explicou que muitas vezes as pessoas são muito pobres e não têm como providenciar as solicitações. Para as entidades, se as pessoas querem ser agraciadas, existe um preço a ser pago, através do qual a pessoa demonstra sua disposição na retribuição da dádiva que receberão. A própria Pedrina fala que o “mundo espiritual funciona na base da troca”, em que os cigarros e as bebidas, entre outras solicitações são, na verdade, “instrumentos através dos quais as entidades trabalham”.

No dia seguinte, como de costume, quem não tinha incorporado narrou os feitos e as aprontações das entidades durante a reunião. Gleidson, que incorpora a pomba-gira *Dama da Noite*, reclamava da ausência de vida social, uma vez que a sua vida religiosa lhe toma muito tempo. Além das reuniões de umbanda em casa de Pedrina, em Belo Horizonte e em Oliveira, ele também participa de um centro de candomblé na região metropolitana da capital e são inúmeras as obrigações que tem que cumprir.

Neste dia, ainda pela manhã, uma jovem senhora que tinha sido atendida por *Seo Zé Pelintra* na noite anterior, chegou com o material que a entidade havia lhe solicitado para a realização de um trabalho espiritual. As entidades incorporadas por Carlos, principalmente *Pai José* e *Maria Padilha*, são parceiras de Pedrina nos atendimentos, mas Pedro e Gleidson ficaram meio inseguros e fizeram uma reunião para decidirem se realizavam ou não o trabalho solicitado por *Seo Zé Pelintra*. Washington, Carlos, Pedro e Gleidson pertencem a centros de candomblé diferentes. Gleidson inclusive, disse que os atendimentos em Oliveira guardam uma peculiaridade, pois não tem um pai de santo responsável, sendo gerenciado pelas próprias entidades.

Tomada a decisão pela elaboração do trabalho, *Maria Padilha* continuou auxiliando Pedrina nos atendimentos, enquanto Washington e Gleidson foram assessorar *Seo Zé Pelintra*, que a esta altura já estava em terra, na execução dos trabalhos. O atendimento durou toda a tarde e só

parou quando, no final do dia, as crianças e adolescentes da guarda começaram a chegar para os rituais do congado.

Nestas reuniões é possível perceber como as referências da umbanda e do reinado se interpenetram. Em certa ocasião, a preta velha *Mãe Maria Conga*, incorporada por Ester, filha de Pedrina, solicitou três bastões do congado e a bandeira de Nossa Senhora do Rosário para fazer um atendimento a uma senhora que estava com dores na perna. Enquanto um participante segurava a bandeira, os pretos velhos seguravam os bastões e cantavam cantos com a senhora no meio da roda que se formou. Os símbolos rituais do congado são usados às vezes nas reuniões de umbanda e vice-versa.

### 4.3 As entidades presentes no cotidiano

Além dos momentos rituais, é igualmente possível perceber que a presença das entidades na vida de Pedrina e de sua família também se faz na vida ordinária, no cotidiano. Pude vivenciar isso numa reunião de condomínio em que estive presente. Há cerca de dois anos, Pedrina fez um empréstimo bancário para a compra de um grande terreno, em Sabará, na região metropolitana de Belo Horizonte. Além da compra do terreno, o dinheiro do empréstimo possibilitou a contratação de um grande projeto arquitetônico que contém, além do planejamento de cerca de quinze residências, a sede do Instituto Bambarê, uma ONG criada por Ester, filha de Pedrina. O projeto contém ainda, área de lazer, horta comunitária, espaço para criação de animais e até uma casa de candomblé. A prestação do empréstimo é dividida entre os futuros moradores, familiares de sangue e de santo.

Segundo Pedrina, a compra do terreno foi decidida primeiramente no plano espiritual e são as entidades que estão à frente do projeto. Como alguns dos prováveis moradores estavam com as prestações atrasadas, a pomba-gira *Rosa Vermelha* solicitou a reunião para discussão e decisão de quem realmente gostaria de ficar ou sair do projeto, além de negociações para colocar os pagamentos em dia. Como o empréstimo foi em nome de Pedrina, ela era quem arcava com as despesas de quem não pagava as mensalidades.

A reunião aconteceria depois de um churrasco para o qual os condôminos foram convidados. Enquanto preparavam o almoço, as conversas giravam em torno do reinado e do candomblé. A certa altura, enquanto cortava legumes, Pedrina comentou que a festa do rosário não é da igreja católica. Ao que seu filho Pedro respondeu: “a senhora que acha isso”, explicando que a forma que Pedrina tem de viver o rosário lhe é

muito própria, e muitas vezes não é compartilhada por outros congadeiros, nem mesmo de sua família.

Depois do almoço, Pedrina apresentou o projeto arquitetônico do condomínio feito em animação 3D (terceira dimensão) pela arquiteta contratada. Após a apresentação e explicações, descemos todos para o pequeno cômodo onde acontecem as reuniões de umbanda. Pedrina pegou seu cachimbo e seu rosário e deu início à reunião. Apesar de não incorporar nem no espiritismo kardecista, nem na umbanda, Pedrina sempre fuma o cachimbo junto com os pretos velhos. Segundo ela, é um “fumo ritualístico”.

Washington, seu sobrinho, ficou encarregado de escrever a ata que depois seria assinada pelos presentes. Pedrina iniciou pedindo bençãos aos santos do rosário e ao Divino Espírito Santo. Depois, rezou um pai nosso, três ave-marias e o glória<sup>52</sup>. Pediu a bênção ainda a Deus, ao pai Zambi e ao Senhor Jesus Cristo. Pedrina sempre inicia os rituais, sejam do reinado ou da umbanda com estas rezas católicas.

A intercessão dos santos e entidades se justifica na medida que, segundo Pedrina, a compra do terreno e o planejamento do condomínio foi definido primeiramente no mundo espiritual e são os espíritos que estão gerenciando tudo. Pedrina justificou a ausência de sua filha Ester, que cumpria compromisso no rosário, ao que Hudson, um dos condôminos e caixeiro em uma das guardas de congado no terreiro de Pedrina, comentou: “mas não é no rosário nosso, não!”. Ester, além de capitã de uma das guardas da família, participa também de outro guarda muito tradicional em Belo Horizonte, da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do bairro Jatobá. Pedrina respondeu à “provocação” de Hudson dizendo que “o rosário é um só!”. Pedro, seu filho, retrucou: “Depende...”. Esses incidentes demonstram que a visão que Pedrina tem a respeito das diferentes práticas religiosas vividas por ela e seus familiares nem sempre são coincidentes com a dos parentes biológicos e de santo.

Pedrina, então, procurou uniformizar as informações para todos os presentes, já que muitos não conheciam o projeto. Informou o valor das prestações e quem estava em dia ou em débito com os pagamentos. Foi então iniciada uma discussão para decidir se aqueles que não estavam presentes e não justificaram a ausência seriam retirados do projeto, uma vez que o não comparecimento, sem sequer uma justificativa da ausência pressupunha desinteresse, já que todos os condôminos foram avisados da reunião. Alguém sugeriu que a decisão fosse colocada em votação e um

---

<sup>52</sup> “Glória” é uma oração usada tradicionalmente no terço católico.

impasse se estabeleceu. Começou então uma discussão que durou longos minutos e parecia interminável, até que o burburinho das conversas foi interrompido com a risada característica da Pomba-gira *Rosa Vermelha*, que ecoou pelo salão, assustando quem não tinha percebido que Danielle já estava há algum tempo, de olhos fechados e cabeça baixa, numa postura de concentração. *Rosa Vermelha*, então, assumiu a reunião e explicou que, já que a assembleia não conseguia decidir os rumos do projeto, a própria pomba-gira decidiria, afinal de contas, tinha sido ela mesma quem solicitara a reunião. Com a chegada de *Rosa Vermelha*, não demorou muito e também foi possível ouvir as risadas das pombas-gira *Sete Saias* e *Dama da Noite*.

*Rosa Vermelha* me cumprimentou assim que me viu: “Sá repórter, jornalista”, que era como ela sempre se referia a mim. *Dona Rosa* disse que era “fiel a quem dava ao seu povo lugar de morar”, se referindo à iniciativa de Pedrina. A totalidade dos condôminos do projeto não possui casa própria e mora de aluguel, inclusive Pedrina. O que era então, pra ser uma assembleia de condomínio, acabou se transformando numa reunião de umbanda, com as entidades atendendo e distribuindo conselhos e transformando o quintal em um grande “consultório”.

Se, neste episódio, as entidades vieram retribuir as ações de Pedrina, intervindo em seu favor e afirmando serem fiéis a quem ajudava seu povo, em outros momentos já foram duras com Pedrina a ponto de fazê-la chorar. Em Oliveira, certa vez, em uma reunião a portas fechadas, as pombas-gira chamaram a atenção de Pedrina dizendo que ela precisava melhorar a cara, pois a sua fama de brabeza já estava se espalhando, o que afastava as pessoas da casa.

Antes de subir, *Sete Saias* chamou a mim e a Pedrina e disse que quando a tese ficasse pronta, era para juntar “o povo e os tambores” e ir assistir a defesa. Antes de se despedir, *Dama da Noite* ainda brincou: “Exu veio para resolver assunto da reunião e acabou trabalhando muito”.

O que esse episódio revela é que as entidades estão presentes não só nos momentos rituais, como também na vida ordinária, auxiliando na resolução de problemas práticos do cotidiano. Sobre isso, Cardoso comenta que

os espíritos transitam além destes limites, intervindo com seus atos e marcando com suas presenças o próprio cotidiano dos clientes e médiuns, [assim como] as estórias também circulam através de fronteiras, desestabilizando enquadramentos e demarcações (CARDOSO, 2012, p.45).

Em dissertação sobre um grupo de congado em Itapecerica, MG, Neves (2004, p.7) realizou pesquisa em que demonstra que “o tempo da festa apenas potencializa elementos que são constitutivos do cotidiano” dos integrantes do grupo. Os perigos e males que acarretam desequilíbrio no grupo no período da festa também estão presentes na vida ordinária dos congadeiros. Segundo a antropóloga, a festa e seus sentidos se revelam como parte de uma cosmologia e organização social muito maior do que aquela que constitui a vida ordinária das pessoas do grupo. O episódio da assembleia de condomínio que presenciei nos ajuda a compreender isso. Diante da dificuldade de resolver o impasse que se estabeleceu, *Rosa Vermelha* desceu e determinou o que deveria ser feito.

Depois dos atendimentos e de definido o que seria feito em relação ao condomínio, *Rosa Vermelha* se despediu cantando:

*Rosa vermelha vai embora,  
não dá adeus a mais ninguém,  
quando precisar,  
é só chamar que ela vem.*

Estas cenas etnográficas narradas acima, as reuniões de umbanda, os atendimentos espirituais em Oliveira e a reunião de condomínio solicitada por *Rosa Vermelha*, são importantes para pensar a multiplicidade religiosa de Pedrina. Em todos os cultos, Pedrina é mais que apenas participante: ela é uma liderança importante. Seja como expositora, coordenadora e palestrante no Centro Espírita Oriente, seja como “Sá Pequena” ou “Irmã Pequena” nas giras de umbanda ou como a Capitã Pedrina, tantas vezes solicitada para uma reza, um benzimento ou a receita de um chá.

O conhecimento adquirido nos diferentes trânsitos, dos saberes tradicionais ao saber formal, como também, o desenvolvimento de técnicas oratórias nos anos dedicados ao estudo da literatura codificada se espriam não só pelo seu cotidiano, mas também pelos diferentes rituais nos quais Pedrina participa. Sua experiência religiosa é tensionada na forma, nem sempre coincidente, em que Pedrina e seu grupo vivenciam a religiosidade.

Segundo Pedrina, existe uma “gestão divina” no plano espiritual, uma hierarquia onde cada espírito encarnado possui uma espécie de anjo da guarda, que é seu mentor. Além do mentor individual, existe o da família, o do bairro, o da cidade e assim, sucessivamente até chegar em Jesus, que é o governador da Terra. Em uma das reuniões de umbanda em

sua casa, o mentor espiritual de Oliveira esteve presente e agradeceu os esforços despendidos em favor da festa de Nossa Senhora do Rosário.

Para o espiritismo kardecista desencarnar não significa que a luta do espírito por aperfeiçoamento terminou. Uma vez desencarnado, tanto “lá”, como “cá” a batalha em busca da perfeição continua. Como nos diz Guimarães Rosa, “as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (ROSA, 2006, p.23). Para o espiritismo kardecista, são necessárias várias encarnações para que um espírito atinja o grau de pureza e não precise mais reencarnar. Através das encarnações, desencarnações e reencarnações, que podem durar séculos ou até mesmo milênios é que o espírito vai se aperfeiçoando. Como os exus e pombas-gira são vistos como espíritos “inferiores”, através do doutrinamento nas reuniões e dos trabalhos que realizam para seus fiéis, eles têm oportunidade de se transformar em “espíritos melhores”.

Por outro lado, como me disse certa vez a Pomba-gira *Menina*, “todas as energias colaboram para um só propósito. Os orixás, os santos são aqueles que mandam. Exu tá na rabeira, no fundo, mas são eles que caminham; quando precisam fazer alguma coisa é a ele que recorremos.” Segundo Dona Menina,

a cadeia espiritual tem tudo que precisamos, do mais puro ao mais impuro, do mais sagrado ou mais profano, é o equilíbrio que faz você andar; é a fé que faz as coisas andarem. Quem tá na matéria tem uma visão limitada, a gente não. A diferença de exu é que não há necessidade de falar. O “eu” está ligado na escolha humana. As possibilidades são muitas, as escolhas também. Exu não sabe ser de outra forma (Pomba-gira Menina, 2013).

Se os exus “são os operários que cumprem a lei de Deus no bem e no mal, fazendo o que os anjos não fazem” – como explica Pedrina, parece incoerência querer doutriná-los, já que as entidades existem para cumprir funções específicas. O preto velho *Pai José* disse certa vez que “misericórdia era com Nossa Senhora do Rosário” e não com ele. A pomba-gira *Dama da Noite* também sempre alardeava “eu não sou boa não, boa é Ela”, se referindo à Santa do Rosário. Esses apontamentos são importantes para se pensar os tensionamentos existentes quando são confrontadas duas formas diferentes de se conhecer o mundo, o espiritismo kardecista centrado no letramento e no estudo e as entidades

da umbanda, transgressoras por definição, que não se subordinam ao doutrinamento, como é o caso dos exus, por exemplo.

A trajetória de Pedrina nos remete para o conceito de circularidade cultural usado por Carlo Ginzburg, no livro “O queijo e os vermes” (2009), onde o autor se debruça sobre a trajetória e a visão de mundo singular de um indivíduo. Menocchio nasceu em 1532, numa pequena aldeia no norte da Itália. Era casado e pai de sete filhos. Além da atividade principal de moleiro, exercia, entre outras, as de carpinteiro, marceneiro e pedreiro. Sabia ler, escrever e somar e por isso foi magistrado da aldeia e dos vilarejos próximos, além de administrador da Paróquia de Montereale. Em 1583, foi denunciado ao Santo Ofício por heresia, pois afirmava que o mundo tinha origem na putrefação. Visto como um homem de bem, Menocchio conversava com todos e era amigo de muitos, mas sofria hostilidade do clero local, uma vez que o moleiro não reconhecia na hierarquia eclesiástica nenhuma autoridade especial nas questões da fé. Interrogado pelo Santo Ofício, Menocchio pediu perdão, mas não renegou suas ideias, mantendo-se firme, fazendo comentários, negando e rebatendo nos quatro longos interrogatórios aos quais foi submetido. O moleiro fazia duras críticas aos privilégios, dogmas, leis, mandamentos e sacramentos da Igreja.

A Reforma Protestante e a Imprensa contribuíram para que Menocchio tivesse acesso a diferentes livros, como a Bíblia, passando pelo Alcorão e Decameron; muitos dos livros eram tomados de empréstimo, o que revela uma larga rede de circulação que envolvia padres e amigos. O moleiro lia de tudo: livros de piedade, vida de santos, almanaques, poemas, crônicas, livros de viagens, etc. Mas, mais importante do que o fato de ler, era “como” Menocchio lia. Autodidata, não reproduzia opiniões e teses dos outros, mas “triturava” e “mastigava” cada livro que lia, “ruminando” durante anos palavras e frases, e reelaborando suas próprias ideias. O moleiro tinha paixão não só por pensar e falar, mas também por refletir, apresentando uma postura ativa diante do conhecimento.

Orgulhoso de suas ideias, Menocchio desejava expô-las às autoridades civis e religiosas. Achava absurdo o saber e o conhecimento serem monopólio apenas dos clérigos. O moleiro negava a criação divina, a encarnação, a redenção e a eficiência dos sacramentos. Para ele, mais importante do que amar a Deus era amar ao próximo. O que o moleiro desejava era um mundo novo e um novo modo de viver, com tolerância religiosa. As leis e os mandamentos da Igreja eram, segundo ele, mercadorias para engordar os padres.

Para Ginzburg, Menocchio era como nós, mas também era diferente de nós. O que o historiador buscou com o livro foi construir analiticamente essa diferença. Assim, uma investigação que girava em torno de um indivíduo acabou desembocando numa hipótese geral sobre a cultura popular da Europa pré-industrial, marcada não só pela difusão da imprensa e pela Reforma Protestante, como também pela repressão da contrarreforma, sobretudo nos países católicos. Ginzburg ligou essa hipótese ao conceito de circularidade, proposto por Mikhail Bakhtin (2010), segundo o qual existia um relacionamento circular, feito de influências recíprocas, entre as classes dominantes e as classes subalternas; este último conceito foi tomado de empréstimo de Gramsci (1999) e preferido por Ginzburg por ser mais amplo e não conter conotações paternalistas, ao contrário do conceito de classes inferiores.

As afirmações do moleiro revelam um confronto entre os livros lidos e a tradição oral, que lhe forneceu palavras para organizar suas ideias e fantasias. O caso de Menocchio revelou que as confissões às quais fora submetido não eram tortura; tortura para ele era ter a voz silenciada. Para Menocchio, dizer o que pensava era extremamente importante; tão importante que preferiu perder a vida a silenciar as ideias que acreditava. Através da trajetória de Menocchio é possível perceber a articulação entre a cultura letrada das elites e a cultura oral popular.

Assim como Menocchio, Pedrina articula diferentes dimensões sócio-simbólicas-culturais como os ritos e festas populares e ancestrais herdados de seus antepassados, com dimensões letradas e elitizadas como o espiritismo kardecista, por exemplo.

## CAPÍTULO 5

### “PÕE SENTIDO”<sup>53</sup>: a África como um lugar existencial

#### 5.1 *África Diversa: encontro de cultura afro-brasileira*



Figura 6 - “Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês”, Encontro África Diversa, Praia de Copacabana - RJ, Julho de 2011. Foto: Flávia Correia<sup>54</sup>.

Sob os olhares curiosos dos transeuntes e banhistas da praia de Copacabana, ao lado do ônibus de que acabavam de desembarcar, os integrantes da guarda de Moçambique de Nossa Senhora das Mercês e da guarda de Congos de Nossa Senhora do Rosário da cidade de Oliveira (MG) terminavam seus preparativos para a realização de um sonho há muito acalentado: o seu encontro com o mar. A viagem até ali fora longa e cansativa, mas ninguém se queixava. Apesar de terem passado quase vinte e quatro

---

<sup>53</sup> “Põe sentido” é uma expressão falada pelos capitães da Irmandade dos Arturos presentes no Festival de Inverno da UFMG que acabou sendo assimilada e repetida pelos participantes, inclusive nos textos do festival disponibilizados na internet. “Põe sentido” quer dizer, “olha”, “repara”, “preste atenção”!

<sup>54</sup> O uso nesta tese das fotos de Flávia Correia, fotógrafa oficial do *Encontro África Diversa*, foi autorizado pela curadora do Encontro, Daniele Ramalho.

horas no ônibus que os trouxera desde a região mineira do Campo das Vertentes até a chegada ao Rio de Janeiro, os olhares de todos brilhavam e nos lábios de cada um brincava um sorriso. Diante deles, o mar. Com seus mistérios, imensidão, com as águas em que haviam navegado os navios negreiros, em cujo bojo vieram seus ancestrais como escravos, na mais tenebrosa página da história da colonização portuguesa no Brasil.

*“Sereia, sereia,  
Saia do mar, sereia  
E venha brincar  
Na areia. ”*

E ao som do canto, entoado pela capitã Pedrina, e seguido em coro pelos membros das guardas, as ondas do mar não se fizeram de rogadas: vieram molhar os pés dos congadeiros trazendo, quem sabe?, em suas espumas a sereia do mar para vir “brincar na areia” (NEVES, 2011, p. 37).

O projeto *África Diversa: encontro de cultura afro-brasileira*, nasceu em 2011, ano proclamado pela ONU – Organizações das Nações Unidas, como o *Ano Internacional dos Afrodescendentes*. Para comemorar a data, a prefeitura do Rio de Janeiro, através da Secretaria Municipal de Cultura, decidiu realizar um evento. A gestora cultural e narradora de histórias Daniele Ramalho foi convidada para dar uma oficina. Recém-chegada do festival *Yeleen de narradores de história*, realizado em Burkina Faso, na África ocidental, Daniele confessou à gestora que gostaria não só de participar, como de produzir o evento. A representante da Secretaria Municipal solicitou, então, que Daniele apresentasse uma proposta. A gestora apresentou, e o que seria um seminário com duas palestras e quatro oficinas se transformou num grande encontro, com várias atividades, como minicursos, exibição de filmes, apresentações teatrais, contação de história, entre outras. Segundo a curadora, o objetivo do evento era “gerar reflexões sobre questões ligadas à nossa identidade, lembrando quem somos e o quanto as culturas africanas nos influenciaram, ampliando o conhecimento das experiências e realidades que encontramos hoje em nosso país”.

Participaram do evento escritores, atores, contadores de história, músicos, pesquisadores. Entre eles, esteve presente a Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês e a Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário, ambas criadas e capitaneadas por Pedrina, seus filhos e sobrinhos.

Daniele Ramalho, conheceu o congado de Pedrina, em 2002, durante o *I Festejo do Tambor Mineiro*, evento que celebra e difunde a cultura afro-mineira, em Belo Horizonte. Criado pelo músico e também capitão de congado, Maurício Tizumba, o evento reúne, há mais de uma década, guardas, artistas e grupos percussivos pelas ruas do bairro Prado, na capital mineira. Daniele conta que

Foi muito impressionante porque no evento do projeto, no dia do encontro de tambores do Tizumba, eu e a [cantora] Titane, a gente passou o dia lá e ela [insistia]: ‘não, você tem que ver essa guarda que é de Oliveira, minha cidade natal; capitã Pedrina, capitão Antônio... só que eles chegaram muito atrasados, não sei se teve algum problema, se era realmente essa agenda, então eu já tinha assistido pelo menos umas oito guardas o dia todo. Aí eles chegam de viagem e já descem para tocar, aquela coisa que acontece muitas vezes e eu lembro que foi tão forte, mesmo depois de ter visto outras guardas o dia todo, a guarda deles, eles têm alguma coisa aí que diferencia de outros grupos, assim, muito forte, que se traduz um pouco numa corporalidade, numa musicalidade, numa religiosidade muito latente (Daniele Ramalho, 2015, em entrevista para esta tese).

Daniele contou que durante oito anos alimentou o desejo de levar a guarda de Pedrina para participar de vários projetos culturais no Rio de Janeiro. A aprovação da proposta do encontro, em 2011, foi a oportunidade de efetivar a participação de Pedrina e sua guarda num projeto da curadora.



Figura 7: “Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês”, Encontro África Diversa, Praia de Copacabana - RJ, Julho de 2011. Foto: Flávia Correia.

O evento teve sua abertura num domingo, na praia de Copacabana, e contou com um cortejo das guardas:

Era dia de praia, domingo, e a praia estava cheia. Eles fizeram um grande trajeto na pista que fica fechada para lazer e depois eles entraram pela areia para ir de encontro ao mar e foi muito emocionante, não só por essa questão mítica de cantar o mar que não há em Minas Gerais, mas da África, do imaginário Olhar para esse horizonte pensando que de lá que vieram nossos antepassados e também porque para muitos deles, para todos talvez, era a primeira vez vendo o mar. Muitos deles choravam copiosamente. [A rainha congá] Ana chorava pra caramba, a gente se emocionou muito, pra todo mundo foi muito emocionante (Daniele, 2015, em entrevista para esta tese).

O mesmo mar tantas vezes cantados pelos congadeiros estava ali, diante dos olhos de todos. Segundo a lenda geracional do congado, é das águas que Nossa Senhora surge, as mesmas águas através das quais chegaram aqui os ancestrais negros. Essa travessia, essa história de mares e águas, de diáspora é contada e recontada através dos cantos. “Eu não

sou daqui eu sou do lado de lá, quando eu cheguei aqui, eu vim ouro batear” - é o canto sempre entoado pela capitã Pedrina.

No dia seguinte, após o cortejo na praia de Copacabana, aconteceu a abertura oficial do encontro com as presenças, entre outras, do secretário municipal de cultura do Rio de Janeiro, Emílio Kahlil, do diretor e curador do *Museu Afro-Brasil*, Manoel Araújo e do escritor e historiador, Alberto da Costa e Silva. A guarda abriu os trabalhos do dia com um cortejo na parte externa do *Centro de Artes Calouste Goubenkian*, local onde ocorreram as atividades.



Figura 8: “Curadora recebendo o rosário das mãos da rainha conga de Nossa Senhora do Rosário”, Encontro África Diversa, RJ, Julho de 2011. Foto: Flávia Correia.

Segundo Daniele, o público acabava de tomar café quando o espaço denominado de Terreirinho foi invadido pelo som de tambores, gungas e patangomes e pelo canto da guarda convidando a todos para a abertura oficial no teatro. Antes, porém, foi realizado um ritual de bênção, onde a curadora recebeu o rosário. Em seguida, foi a vez da equipe da secretaria municipal de cultura ser abençoada. Segundo Daniele,

Foi muito emocionante. Ees todos choraram e eu acho que isso trouxe um engajamento outro deles com o projeto, uma compreensão outra e que não passa por um entendimento racional, por um entendimento corporal,

orgânico. É uma conexão mítica com uma África do imaginário e a partir dali a Secretaria Municipal veste totalmente a camisa do projeto de uma maneira assim, absurda. É Deus no céu e Pedrina na terra. O secretário [municipal de cultura] ficou profundamente emocionado, a certa altura ele sumiu e segundo alguém da equipe mencionou na época, ele foi visto chorando copiosamente. As pessoas sabiam que ia ser bonito, bacana, interessante. Eles tinham visto fotos das guardas, mas não esperavam daquele tamanho, com aquela força (Daniele Ramalho, em entrevista para esta tese, 2015).



Figura 9: “Equipe da Secretaria Municipal de Cultura do RJ recebendo a bênção do rosário”, Encontro África Diversa, Praia de Copacabana - RJ, Julho de 2011. Foto: Flávia Correia.

Receber o rosário é mais do que um simples gesto de agradecimento. É uma espécie de consagração, pois ao conceder uma dádiva a algum filho de Nossa Senhora do Rosário, é à Santa que se está agradecendo e, por isso, receber este símbolo significa ser acolhido como uma conta no imenso rosário que é a irmandade.

Esta primeira edição do evento<sup>55</sup> contou com a presença de pesquisadores, escritores, artistas e fazedores de cultura como o músico e

---

<sup>55</sup> Nesta primeira edição do encontro eu não estive presente. As informações foram levantadas na *Revista África Diversa*, uma publicação decorrente do encontro, que traz

percussionista Naná Vasconcelos, o dramaturgo e diretor João das Neves, o ator e escritor Haroldo Costa, entre outros. Além dos cortejos e dos rituais, Pedrina ministrou uma oficina de contação de histórias, onde falou sobre a tradição do congado e outra sobre os cantos e danças. A capitã participou ainda, juntamente com o contador de histórias de Burkina Faso, Francois Moises Bamba, da mesa “Oralidade e transmissão de saberes”, mediada pelo escritor e compositor Nei Lopes.

O contador de histórias de Burkina Faso, Francois Moises Bamba, também recebeu das mãos de Pedrina um rosário que, durante todos os dias do evento, ficou pendurado em seu pescoço. Ao final do encontro, o *griot* confessou à curadora que estava partindo impactado com o encontro que tivera com Pedrina. Moises Bamba vem de uma sociedade oral onde o *djeli* ou *griot*, o mestre da palavra, é personagem central: “A base de todas as coisas na terra é a palavra. Dizemos que tudo começou pela palavra e tudo termina por ela” (BAMBA, 2011, p. 49).

Os *griots* dizem que existem quatro tipos de palavra: a palavra-palavra, aquela dita por todo mundo, a toda hora; a palavra-provérbio, que possui outro sentido; a palavra-antiga, que é aquela que fala das origens, dos ancestrais, de onde viemos e a palavra-sagrada, que é aquela que faz a ligação entre o mundo visível e o invisível, conforme Bamba. Pedrina, enquanto capitã, também é uma guardiã da palavra-antiga e da palavra-sagrada.

A capitã Pedrina, além das reminiscências da língua que recorda do pai, é uma estudiosa das línguas bantas, e diz:

Eu gosto de usar o dialeto, eu sempre que uso o dialeto eu faço questão de explicar o que que é, porque não adianta você falar uma coisa que as pessoas não estão entendendo. Acho de suma importância conservar o dialeto porque nós somos guardiões da língua africana, sim! Mesmo com as variações que ela tem sofrido com o contato com o português, com o indígena (Pedrina, 2007).

Segundo a curadora do evento, Daniele Ramalho, a participação de Pedrina nesta primeira edição do projeto foi fundamental. Para a curadora, a presença da capitã deu “liga na relação da produtora com o patrocinador”, no caso, a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Mas não só. Também “deu liga na relação do nosso público com o projeto, porque as pessoas saíram profundamente tocadas”; “as pessoas

---

reflexões dos participantes do evento. Além disso, realizei uma entrevista com a curadora do evento, Daniele Ramalho.

voltaram no ano seguinte e foi uma loucura, todo mundo queria saber se Pedrina ia estar”. Para Daniele, todo esse envolvimento reflete questões que não passam pela racionalidade:

Eu acho que ela reconecta a gente com questões profundas da existência humana. Ela sabe o lugar de cada palavra, ela tem esse domínio da oralidade. Tem uma coisa também que eu acho que é uma comunicação não verbal, que é uma comunicação gestual, quando levanta o bastão, quando conversam com a Santa, uma conversa muito próxima, muita íntima, você vê como essa conexão, ela é natural, eles estão ali, parecem que cochichando com a santa, falando: ‘Ó, deu certo, estamos aqui.’. Eu acho também, que essa comunicação gestual muito simbólica que toca as pessoas profundamente (Daniele Ramalho, em entrevista para esta tese, 2015).

Em 2012 aconteceu a segunda edição do *África Diversa*<sup>56</sup>, desta vez com a participação de Pedrina como convidada e não maisicineira e/ou palestrante. Segundo Daniele, isso possibilitou à capitã conviver mais de perto com a equipe organizadora, estabelecer redes e contatos com o público presente, além de poder participar das oficinas.

Entre outras atividades, Pedrina participou das palestras “Formação da Pequena África na Cidade Nova e sua construção como centro de cultura popular no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX”, ministrada pelo historiador Milton Teixeira e “O Cais do Valongo”, ministrada pela arqueóloga responsável pelas escavações no local considerado o maior porto de escravos das Américas. A capitã participou também do minicurso “O griot e a tradição da palavra”, do griot, ator e diretor teatral Hassane Kassi Kouyaté, de Burkina Faso, África. Estas três atividades impactaram especialmente Pedrina. As palestras, por abordar a região portuária onde desembarcaram a maioria dos negros escravizados vindos de África, inclusive os bantos, que seguiram para a região das minas. A exemplo da relação com Francois Moises Bamba na primeira edição, em 2012, Pedrina também se aproximou de Hassane Kouyaté, que em uma conversa, inclusive, reivindicou um possível parentesco, ainda que simbólico. “Somos primos”, ele disse à capitã.

Pedrina também participou da palestra “A caneta é a arma do pioneiro”, onde o escritor angolano Ondjaki falou sobre a poética do lugar

---

<sup>56</sup> Nesta edição eu estive presente em trabalho de campo financiada por recursos do IBP – Instituto Brasil Plural, a qual eu agradeço.

da infância na imaginação e na literatura do escritor, ressaltando a importância do tempo e dos “mais velhos” na construção de lugares internos e literários. Durante a palestra, Pedrina que estava na plateia assistindo, no momento das perguntas dos participantes, se apresentou para o escritor como capitã de congado. Ela disse que não queria fazer nenhuma pergunta, mas pediu licença para cantar três cantos aprendidos com seus ancestrais. Ela pediu que o escritor levasse a sua palavra para os ‘irmãos’ em Angola, pois tinha aprendido com seus antepassados que eles vieram de lá. A capitã, assim como os *griots*, é guardiã de uma memória ancestral e é a responsável por contar essa história através dos cantos e das danças do congado. Pedrina cantou os cantos aprendidos com reminiscências em língua banto que aprendeu com o pai e depois explicou o significado de cada palavra. Apesar de um certo estranhamento demonstrado por Ondjaki, o escritor ficou de levar a saudação para os “irmãos angolanos” de Pedrina.

No ano seguinte, em 2013, a terceira edição do África Diversa aconteceu dentro do projeto de reinauguração do Centro Cultural José Bonifácio, um centro de referência e memória da cultura afro-brasileira localizado na Gamboa. Devido à escolha da cidade do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas de 2016, deu-se início a uma série de obras na cidade, entre elas a revitalização da região portuária. Em conjunto com a transformação da área veio o desafio de preservar a identidade e as características do local, uma vez que a região possui importância histórica e cultural no processo de compreensão da diáspora africana.

A região portuária abriga o Cais do Valongo, construído em 1811 e aterrado em 1911. Com as obras de revitalização, um importante sítio arqueológico foi resgatado no local. Estima-se que mais de 500 mil africanos, a maioria vindos do Congo e de Angola tenham desembarcado ali. Com as obras também foi descoberto o Cemitério dos Pretos Novos, que é o local onde foram jogados os corpos dos negros escravizados que não resistiram aos maus tratos durante a travessia do atlântico. Estima-se que tenham sido enterrados de vinte a trinta mil pessoas entre 1824 e 1830, fazendo o lugar ser considerado o maior cemitério de negros escravizados das Américas. Conhecida como “Pequena África”, a região do Cais do Valongo abriga ainda a Pedra do Sal, no Morro da Conceição, local onde eram feitas oferendas aos deuses negros e várias comunidades remanescentes de escravos.

Nesse contexto, foi restaurado o Centro Cultural José Bonifácio com o compromisso de preservar e valorizar a cultura afro-brasileira. A reinauguração contou com a presença do representante da Unesco, uma vez que o Cais foi considerado patrimônio material da humanidade.

Segundo Daniele, quando ela soube que a terceira edição do África Diversa seria uma edição especial, maior e com mais recursos, não teve dúvida de que mais uma vez a guarda de Pedrina deveria estar presente, porque, segundo a curadora, “em cinco minutos eles vão transportar todo mundo para a África e para um outro tempo, um outro espaço, isso que a gente estava falando desse tempo mítico, com as gungas e principalmente com a força do canto deles”. Segundo Daniele, mais do que nunca, o momento pedia a presença da guarda, até por conta de todo o simbolismo do lugar, um porto onde chegaram os escravos, muitos dos quais foram para as regiões das minas. A fala de Daniele demonstra uma busca por parte da organização do encontro de uma articulação com manifestações consideradas por eles representações de África no Brasil, o que acaba por legitimar o congado de Pedrina, alimentando a reinvenção da manifestação e também da capitã.

A abertura do evento contou com a presença do prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, a ministra da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – Seppir, Luisa Bairros, representante da Unesco, entre outras autoridades municipais e estaduais. Contou também com representantes da Imperial Irmandade de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Rio de Janeiro.

Novamente, a guarda fez o ritual de bênção com o rosário com as autoridades presentes e depois seguiu para o Cais do Valongo e para o Cemitério dos Pretos Novos onde cantaram e dançaram louvando a memória dos antepassados que ali chegaram.



Figura 10: “Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês”, Encontro África Diversa, Cais do Valongo - RJ, Novembro de 2013. Foto: Flávia Correia.

A participação de Pedrina nestes eventos da política cultural traz algumas questões boas para se pensar. A primeira diz respeito a esse silenciamento e apagamento da história dos negros no Brasil. A própria Pedrina já havia me dito que, no Brasil,

Todo mundo que veio tem um nome, mas os negros não têm um nome. O nome que nós temos, não é um nome africano, é o nome que nos deram aqui com o batismo. Por exemplo, eu sou Pedrina de Lourdes Santos. O Santos, tanto pode ser de todos os santos, como pode ser do fazendeiro que era dono da família e que veio vindo até chegar aqui (Pedrina, 2010).

Essa ausência e esse apagamento da história dos ancestrais, o direito ao nome que foi sequestrado, isso tudo leva Pedrina a construir uma África própria. Mais do que um lugar mítico, de origem ou retorno, a África de Pedrina é um lugar existencial, um território habitado por ela. É uma construção realizada a partir de um afastamento da África real, separada por águas e mares, que é reconstruída pelos fragmentos da memória e pelas relações estabelecidas com essa “África Diversa”.

No texto “O olhar etnográfico e a voz subalterna”, José Jorge de Carvalho (2001) narra a história de Dona Valeriana, uma negra escravizada que foi em um navio para uma viagem com o irmão e o “seu senhor” para ser exibida em uma cidade onde “não existia preto de jeito nenhum”. Um ano de viagem dentro de um navio, seis meses para ir e seis meses para voltar. Lá chegando, Dona Valeriana se recusa a descer do barco, só o irmão desceu “para amostra”. Segundo Carvalho, com essa recusa, Dona Valeriana se nega a uma re-subjetivação que lhe é imposta e permanece nesse “terceiro espaço”, esse “lugar meta”, uma terceira margem.

De forma análoga, no conto “A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa, um pai abandona a família e o mundo para viver numa “canoinha de nada” dentro do rio. A África de Pedrina funciona como uma terceira margem, esse navio, tal qual Dona Valeriana viaja, mas de onde não desce. Mas Pedrina não está só. Quando canta e dança, ela o faz como representante de muitos outros, em memória do pai, da mãe, da irmã, uma memória familiar, mas não só. Toda uma história da diáspora é acionada, o “atlântico negro” é acionado. Por isso tem um alto significado simbólico não só participar do “*África Diversa*”, como tocar e cantar no *Cais do Valongo* e no *Cemitério dos Pretos Novos*.

No texto citado acima, Carvalho (2001), também relata a história da quebradeira de coco que, numa ação de despejo de suas terras, dá um ‘coque’ – um toque de leve com o punho fechado - na cabeça da juíza que comandava a desocupação, chamando-a a recobrar o juízo, ela também uma mulher, mãe de filhos. Pedrina, ao realizar o gesto de colocar o rosário no pescoço das autoridades presentes, também realiza uma espécie de ‘coque’, chamando a atenção para o lugar que as manifestações afro-brasileiras ocupam e do tanto que elas contam de uma história ainda hoje desconhecida e silenciada. Esse trânsito de Pedrina pelo espaço da política pública funciona como um ‘coque’ junto aos representantes do poder público, que chama a atenção para a importância e a necessidade de trazer à tona essa cultura da diáspora. É disso que o congado fala, da diáspora, da relação com o mar, da escravidão e da libertação.

Segundo Martins (1997), a história dos negros nas Américas é escrita nessa narrativa de migrações e travessias. Os africanos transplantados à força para as Américas através da diáspora negra tiveram seu corpo e seu corpus desterritorializados. Assujeitados pela perversidade e violência da escravização, o corpo negro individual e coletivo foi tatuado com emblemas e códigos europeus. E a memória coletiva desse processo é revivida através dos cantos do congado:

*Zum, zum, zum  
Lá no meio do mar...  
Zum, zum, zum  
Lá no meio do mar...  
É o canto da sereia  
Que me faz entristecer  
Parece que ela adivinha  
O que vai acontecer.  
Ajudai-me, rainha do mar  
Ajudai-me, rainha do mar  
Que manda na terra  
Que manda no ar  
Ajudai-me, rainha do mar!*

O canto entoado pelos congadeiros revela toda a angústia de quem não sabia para onde estava indo, nem o que esperava do outro lado do oceano. Kehinde, protagonista do romance “Um defeito de cor”, de Ana Maria Gonçalves, narra esta mesma angústia diante do desconhecido. Depois de ter sido capturada com a irmã gêmea e a avó e ver o assassinato de sua mãe e de seu irmão, ela ouve que todos estavam sendo levados para o estrangeiro para serem sacrificados como carneiros pelos brancos

que gostavam da sua carne. Durante a travessia no tumbeiro, Kehinde perdeu sua avó e sua irmã que foram jogadas ao mar. Já em terra, exposta para venda junto com outros africanos, enquanto aguardava comprador, a menina percebeu que muitos negros ali, pareciam completamente indiferentes em relação ao próprio destino, não se importando se seriam comprados ou não, se viveriam ou não:

Mas eu queria viver e conseguir arrancar uma gargalhada daquele que seria meu futuro dono, o que foi um sinal de permissão para que todos fizessem o mesmo. Como percebi que estava agradando, resolvi continuar. Dava um salto, levantava os braços, mostrava a planta dos pés, punha a língua pra fora, berrava, corria ao redor do círculo imaginário, me agachava e ficava de pé, dava pulos no ar e repetia tudo em seguida. Eu já estava ficando cansada quando o homem também se cansou de rir e passou a conversar em português com o empregado, e eu sabia que estava perguntando o meu preço. Fiquei muito feliz por ter sido aceita e me lembrei da minha mãe, da minha avó, da Taiwo e do Kokumo, e achei que eles também teriam rido se tivessem visto o que eu tinha acabado de fazer, e que estariam mais felizes ainda por eu ter sido escolhida no meu segundo dia no armazém. Mesmo não sendo mais para presente, eu não iria virar carneiro (GONÇALVES, 2008, p. 72).

É essa memória que é contada, cantada e performatizada no congado. É a partir dessa matriz africana que os sujeitos congadeiros encenam e são por ela constituídos. A esses atos de fala e de performance, Leda Martins denominou oralitura, uma

inscrição do registro oral que, como littera, letra, grafa o sujeito no território narratório e enunciativo de uma nação, imprimindo, ainda no neologismo, seu valor de litora, rasura da linguagem, alteração significante, constituinte da diferença e da alteridade dos sujeitos, da cultura e das suas representações simbólicas (MARTINS, 1997, p. 21).

A experiência de Pedrina nestes encontros anuais, realizados desde 2011, possibilitou estabelecer relações com políticos, artistas, escritores, pesquisadores, produtores e agitadores culturais que trabalham com a temática africana ou afro-brasileira. Além disso, Pedrina também conheceu os *griots* Francois Bamba e Hassane Kouyaté, de Burkina Faso

e o escritor angolano, Ondjaki. O fato de tocar no *Cais do Valongo* e no *Cemitério dos Pretos Novos* também possibilitou um contato com essa África que, mais do que um lugar geográfico, é um lugar existencial habitado por Pedrina. Assim como Dona Valeriana se recusou a descer do barco, não indo nem para uma margem, nem para outra, a África de Pedrina funciona como esse barco, essa “canoinha” de onde ela não desce, essa terceira margem. Quando Pedrina coloca o rosário no prefeito do Rio de Janeiro, no representante da UNESCO, na ministra da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial – SEPIR, é como se ela estivesse reptindo o gesto da quebradeira de coco do texto de Carvalho, e dando um “coque”, chamando a atenção para esse lugar que as manifestações de origem negra, afro-brasileira ocupam e do tanto que elas contam de uma história que o país ainda não conhece. Esse trânsito pelo espaço da política pública é como se fosse um “coque” junto aos representantes do poder público da importância e da necessidade de trazer à tona essa cultura da diáspora. É disso que o congado fala, dessa terceira margem, é nessas águas que o povo congadeiro navega.

## 5.2 O Festival de Inverno da UFMG



Figura 11: Teatro Santa Isabel, Festival de Inverno da UFMG, Diamantina, MG, Julho de 2013. Foto: Dalva Maria Soares.

O *Festival de Inverno da UFMG* é um evento cultural realizado em Minas Gerais desde 1967 e é considerado um dos maiores programas de extensão universitária da área de artes e cultura. Além da capital, o

festival já foi realizado em várias cidades do interior do estado, como Ouro Preto, São João Del Rei, Tiradentes e Diamantina.

Em 2012, Pedrina participou pela primeira vez, atendendo ao convite de uma das curadoras, a professora Leda Maria Martins. Com o tema “o bem comum”, o evento propunha o diálogo entre os saberes tradicionais e acadêmicos, por meio da troca de conhecimentos das culturas indígenas, afro-brasileira e popular. Naquele ano, as oficinas foram pensadas como espaços de acolhimento, e, em alusão às malocas indígenas, foram distribuídas em seis casas: casa da palavra, casa do canto e da escuta, casa das imagens, casa da cidade, casa do corpo e casa da memória Chica da Silva.

Juntamente com outros mestres da cultura popular, Pedrina participou na casa da memória, na oficina “Cantares em línguas africanas rituais”, cujo objetivo era através dos cantos, pensar os resíduos de língua africana que permaneciam ativos através de algumas manifestações culturais negras, sobretudo os reinados. Além dos capitães de congado, participaram também, a professora Sônia Queiroz da UFMG que realiza pesquisa sobre línguas africanas e a professora etnolinguista da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Yeda Pessoa de Castro, especialista em língua africana.

Segundo a professora Leda Martins, o resultado foi tão bom que o projeto não só permaneceu em 2013, como foi ampliado com a participação de várias irmandades. Além das apresentações artísticas, todas gratuitas e das itinerâncias – conjunto de ações e intervenções temáticas realizadas em diversos pontos da cidade, o festival foi organizado em três coletivos, “Margens e arredores da cidade”, “Cineastas indígenas” e “Imagens do bem comum: territórios e retratos”.

Em 2013, Pedrina foi novamente convidada a participar, dessa vez no coletivo “Cantares afro-brasileiros”. O coletivo propunha diversas experiências com os saberes negros oriundos das matrizes afro-brasileiras e africanas, dentre elas, a música, o canto, os ritmos, as danças, as línguas e as ervas medicinais.

O coletivo ofereceu quatro atividades. “Cantos afro-brasileiros – brincando e resistindo na tradição” era a primeira, cujo objetivo era propiciar aos participantes o contato com cantos, danças de tradição afro-brasileiras, através da vivência de práticas com os mestres da cultura popular. Além de Pedrina, participaram capitães das Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos, em Contagem e Irmandade do Jatobá e Irmandade Treze de Maio, em Belo Horizonte. A segunda atividade, “Cantares em línguas africanas rituais”, apresentou, por meio de cantos e falares dos mestres, repertórios rituais dos reinados, onde ainda existem

presente palavras de língua africana. A terceira atividade, “Oralitura quilombolas”, desenvolveu atividades de trocas de experiências entre participantes e mestres, que envolviam cantos, danças, contação de histórias e saberes medicinais. Por fim, a quarta atividade, “Tambores mineiros: despertar do ser”, ofereceu experimentações de ritmos afro-brasileiros, inclusive os do congado, onde foram abordadas várias formas de expressão corporal, facial e vocal.

Em 2013, durante o festival, optei pela mesma pousada onde ficaram hospedados os congadeiros e parte da produção do coletivo “cantares”. Na madrugada do dia 23 de julho de 2013, quando cheguei a cidade, por volta das quatro e meia da manhã, encontrei com Pedrina indo rezar. Com seu rosário na mão, ela me disse que faria a mesma preparação que é realizada quando do levantamento dos mastros, na festa do reinado. Como eu estava chegando de viagem e Pedrina já saindo para o ritual, não pude acompanhá-la. Mas na manhã seguinte, deu para sentir o clima do que estava por vir. Na cozinha da pousada, entre pães de queijo, quitutes e café, todos os congadeiros se cumprimentavam ritualisticamente, segurando na mão um do outro e fazendo um movimento de cruz. Todos pediam bênção à Sá Rainha, Dona Isabel Casimiro, eleita pela Federação dos Congados de Minas Gerais, a rainha conga representante do Estado.

Ligada à descoberta e exploração das jazidas de diamante, Diamantina carrega a marca do trabalho escravo do início do século XVIII. A cidade é atravessada pela Serra do Espinhaço e marcada pelo casario colonial. O casal mais emblemático da cidade foi formado pelo contratador de diamantes João Fernandes de Oliveira e por sua esposa, a famosa Chica da Silva. Escrava de José da Silva e Oliveira, ela foi liberta a pedido do contratador com quem passou a viver num sobrado da segunda metade do século XVIII. Foi neste sobrado que instalou-se o coletivo “cantares afro-brasileiros”, grupo de trabalho do qual Pedrina e os outros mestres faziam parte. Foi na antiga senzala da casa de Chica da Silva que aconteceram as atividades “Cantos afro-brasileiros: brincando e resistindo na tradição e “Cantares em línguas africanas rituais”.

Os trabalhos foram iniciados com o coordenador geral do festival, César Guimarães e a pró-reitora de extensão, Efigênia Ferreira, dando as boas-vindas aos mestres e mestras da cultura popular. Em seguida, a rainha conga Dona Isabel Casimiro retribuiu o gesto cantando e sendo acompanhada pelos tambores, patangomes e coro dos congadeiros presentes. Depois foi a vez de Pedrina realizar o ritual de bênção. Foi um momento de muita emoção com a universidade acolhendo os saberes tradicionais numa cidade marcada pela cultura negra e na casa de uma mulher negra escravizada que não aceitou o lugar de subalternidade a ela

imposto. Reza a lenda que Chica da Silva era conhecida em Diamantina como “Chica que manda”.

No dia seguinte, pela manhã, os trabalhos foram iniciados com a coordenadora do coletivo apresentando os capitães da Irmandade dos Arturos que ministraram oficina sobre a tradição congadeira. Os capitães explicaram a lenda geracional que funda e estrutura o reinado.

A narrativa fundacional constitui um entrelugar onde o confronto entre o branco e o negro é ressignificado. O tambor funciona como um mediador que recebe a santa, que por sua vez, aceita o tambor. A lenda revela uma diferença entre a linguagem do branco, banda de música e a linguagem do negro, o tambor (GOMES e PEREIRA, 2003). Durante a oficina, o capitão José Bonifácio, da comunidade dos Arturos, explicou que é preciso “falar a linguagem do tambor”, “é preciso ter fé, pois se não tiver crença, o tambor não zoa não”. Ou seja, é preciso dominar a linguagem que é do negro para que a “conversa” com o tambor aconteça.

No período da tarde foi a vez de Pedrina comandar a oficina. A capitã chamou as participantes para o pátio da Casa de Chica da Silva e, à medida em que ela cantava os cantos em língua africana, sua filha Ester, que também é capitã, explicava os significados dos termos usados por Pedrina. Pedrina ressaltou a questão de gênero, falando da dificuldade que enfrentou e ainda enfrenta não só por ser mulher numa manifestação tradicionalmente masculina, mas por não aceitar o lugar que era reservado às mulheres na manifestação, bandeireiras, rainhas, cozinheiras, mas nunca capitães. Ela, inclusive, foi a primeira capitã de Moçambique do estado de Minas Gerais. Pedrina explicou aos participantes que o que aprendeu foi observando o pai, que quando morreu, passou a capitania da guarda para o filho, capitão Antônio e não para ela. A capitã aproveitou e pediu, em público, para os outros capitães darem uma aula para ela. Como a quebradeira de coco citada anteriormente, Pedrina aproveitou o momento para dar um “coque” nos capitães presentes. Segundo Pedrina, ela sempre questionou os capitães sobre o fato das mulheres não poderem assumir a capitania de um grupo. “Não pode? Não pode, por quê? Então, me explica? ”. Mas nenhum deles conseguiu dar uma resposta, o que na sua opinião caracteriza a proibição como uma atitude machista.



Figura 12: Oficina Cantares em línguas africanas, Festival de Inverno da UFMG, Diamantina, MG, Julho de 2013. Foto: Dalva Maria Soares.

No final da tarde, Seo Pedro de Alexina<sup>57</sup> e o grupo de Chula de Quartel do Indaiá, que ministravam a oficina “oralituras quilombolas” no andar de cima da casa de Chica da Silva, quiseram conhecer os “irmãos do rosário”. Seo Pedro é um senhor de 86 anos, descendente de negros escravizados, ex-garimpeiro, morador de Quartel do Indaiá, um povoado remanescente de quilombo da região de Diamantina. Seo Pedro é cantor de vissungos, cantos afro-brasileiros cantados em Minas Gerais em diversas situações do cotidiano, do trabalho nas minas, aos cortejos de enterro. Muitos dos cantos de vissungos ainda mantêm palavras originárias de línguas africanas.

Seo Pedro e seu grupo foram recebidos no pátio interno da casa ao som dos tambores e patangomes. Capitão João Batista, da irmandade dos Arturos puxou o canto:

*Embelezô, embelezô  
Embelezô, o rosário de Maria, embelezô*

Em seguida, nos versos criados de improviso, característica muito importante para um bom capitão ou capitã, ele falou de beleza, de Angola e de que agora “nego pode andar na cidade”, em referência ao período da escravidão. O capitão ainda fez referência ao velho sobrado: “a casa da

<sup>57</sup> Seo Pedro é protagonista no documentário sobre os vissungos, “Terra deu, terra come”, de Rodrigo Siqueira, lançado em 2010.

velha Chica, agora virou conjó”. Um a um, capitães e capitãs e a rainha Dona Isabel, cumprimentaram os “irmãos quilombolas” que foram levados pela mão até o centro da roda que se formou no pátio do sobrado de Chica. Provocativamente, João Batista convidou Seo Pedro a cantar e mostrar um pouco da manifestação que estava ali representando:

*É de vera minha gunga, eu agora vou falar  
 Já rezei o meu mistério, quero ver você rezar  
 Essa gunga não é minha, eu não sei de quem será  
 Essa gunga é de nós todos  
 É de Santa Maria  
 É, meus irmãos, fala pra nós um tiquim,  
 Meus irmãos, fala pra nós um tiquim*

Seo Pedro, então, assumiu a cantoria e, acompanhado de sanfona, violão, pandeiro e caixa, retribuiu o gesto de boas vindas dos “irmãos congadeiros”, cantando a chula.

Seja nos cantos do congado, seja nos cantos dos vissungos ou da chula, o movimento coreográfico do corpo negro voleia ao som dos tambores. Sujeitos do rito e do gesto, esses corpos escrevem uma paisagem simbólica evocada pela reminiscência de uma memória de África, “lugar perdido e achado, transcriado perenemente pela performance ritual” (MARTINS, 2002, p. 70-71). São cantos performados que “buscam cobrir as faltas, vazios e rupturas das culturas e dos sujeitos que aqui se reinventaram, dramatizando a relação pendular entre a lembrança e o esquecimento, a origem e a sua perda” (Idem).

No quintal de Chica da Silva, os participantes da oficina aceitaram o convite e participaram do enredo.



Figura 13: “Os irmãos do rosário recebem os irmãos quilombolas”,  
Festival de Inverno da UFMG, Diamantina, MG, Julho de 2013.  
Foto: Dalva Maria Soares.

Nas culturas orais, a palavra é elemento essencial; é força capaz de conectar o mundo dos ancestrais e o de seus descendentes. É “palavra força” que cria o que diz. Seja no congado, seja nos vissungos, é essa palavra que reconecta os negros com suas origens.

No dia seguinte foi a vez da palestra da professora Yeda Pessoa de Castro, “Aspectos históricos e culturais e africana no Brasil”. A professora começou sua fala chamando a atenção para os cerca de quatro milhões de africanos que chegaram ao Brasil. Segundo a professora, foi a língua dos africanos que afastou o português do Brasil, do português de Portugal. As vozes desses milhões de negros ficaram nas reminiscências do vocabulário de base umbundo dos reinados, ou na “língua de banguela” dos vissungos cantados por Seo Ivo e Seo Pedro. A maioria dos que vieram para Minas Gerais eram provenientes dos reinos do Congo e do Ndongo. Ao final do festival, os mestres, juntamente com as professoras Yeda Pessoa e Sônia Queiroz elaboraram um glossário das palavras africanas existentes no congado.

Durante sua palestra, a professora Yeda falou sobre as várias palavras africanas que existem no nosso vocabulário sem sequer nos darmos conta delas. Ela explicou ainda, que Moçambique é a região, mas que Massambique é a festa. Depois dessa informação, Pedrina passou a referir-se à sua guarda como “Massambique de Nossa Senhora das Mercês”, numa busca de uma autenticidade e de aproximação com essa África existencial.

Esse fato demonstra como os trânsitos empreendidos por Pedrina por esses diversos espaços não só impactam sua subjetividade, como também impactam na sua posicionalidade como capitã e no congado que ela faz, numa constante invenção e reinvenção.

O encerramento do festival foi realizado com um cortejo comandado pelas guardas de congado presentes. Além das guardas que participaram das oficinas estiveram presentes as guardas de catopé e cabloco da cidade do Serro. Depois do cortejo, foi servido um almoço coletivo no Mercado Velho de Diamantina.

A língua africana foi o fio condutor que perpassou as oficinas nas quais Pedrina participou no Festival de Inverno. A força dessa palavra que passa pelo tempo, que vem dos ancestrais e que permanece, ainda que só em vestígios como uma reminiscência que está ali. Essa “palavra-força”, “palavra-provérbio”, “palavra-sagrada” está presente nos cantos, no corpo que dança e é referência e confirmação de uma origem que está além-mar.

É essa África que é visitada, revisitada e até mesmo habitada, localizada no canto de Seo Pedro de Alexina, de Seo Ivo, de Sá Rainha Isabel, da capitã Pedrina e de tantos outros capitães. Canto e performance que funcionam como um “coque”, como o da quebradeira, de uma história que foi apagada, literalmente, com a queima de todos os arquivos brasileiros relacionados à escravidão.

Os brasileiros descendentes de europeus sabem de qual região da Europa vieram. Os afrodescendentes, não. Não sabem se vieram de Moçambique, de Angola ou do Benin. Mas não dá para apagar a memória do cativo, pois o que foi aprendido com os pais e avós é que os negros não são daqui, mas vieram de lá:

*Eu vim beirando o rio, eu vim beirando o mar  
Ah, eu vim de Angola, êêêia  
Olha eu não sou daqui, eu sou do lado de lá  
Eu vim do calunga, ouvindo a sereia cantar  
Aê Angola, essa gunga veio foi de lá,  
Correu mundo, ah, correu mar*

Essa memória acionada no congado fala de um sentimento “como se os negros do mundo todo tivessem no espírito uma grande saudade de África”, como nos lembra o rapper Rico Dalasan. Segundo Chinua Achebe (2000), citado por Goldman (2011, p. 408), “a África não é apenas uma experiência geográfica, é também uma paisagem metafísica – na verdade, uma visão do mundo e de todo o cosmo percebidos de uma

posição particular [...]”. Na verdade, “essa paisagem metafísica” é um lugar habitado por Pedrina onde se entrecruzam todas as suas experiências religiosas. Se por um lado, o espiritismo kardecista, através da fé raciocinada, fornece a lógica explicativa através da qual Pedrina explica o mundo, por outro, esse lugar existencial chamado África impacta diretamente no congado feito por ela.

Pedrina sempre cita um versículo do livro de João, no Novo Testamento, o qual foi decodificado por Allan Kardec que é “a casa de meu Pai tem muitas moradas”. Segundo Pedrina “há muitos lugares para ser habitado, tanto no plano espiritual, quanto no plano físico”, e são por essas “várias moradas” que Pedrina transita. E é um lugar de mediadora que Pedrina ocupa nos dois eventos, seja no Encontro África Diversa, seja no Festival de Inverno da UFMG. Pedrina é aquela que conecta mundos, que é guardiã da memória, a dona da palavra, que faz desse lugar existencial que habita um lugar de memória. É por esses vários mundos que Pedrina transita, seja com a “palavra-sagrada”, ligando o mundo visível e invisível, como nos sugere o *griot* François Moises Bamba, seja a “palavra-força”, conectando ancestrais e seus descendentes. Foi a palavra de Pedrina que, como diz a curadora do “África Diversa”, Daniele Ramalho, “deu liga” ao Encontro, transportando as pessoas para um “morada” cheia de sentidos. Moradas de céu, terra e águas, que uniram mundos aquém e além mar, levando o *griot* Hassane Kouyaté de Burkina Faso a reconhecer Pedrina como uma parente. “Somos primos”, ele disse.

É essa mediação que Pedrina faz, com seus “coques”, seja nos representantes da política pública, seja nos capitães, seus pares, quando pede a eles, publicamente, que lhe dê uma aula, já que muitos dos segredos lhe foram negados pelo fato dela ser mulher. É a “palavra-sagrada” que leva Pedrina a circular, seja pelo Cais do Valongo, pelo Cemitério dos Pretos Novos ou pela Casa de Chica da Silva. É seu “Rosário” que a empodera e possibilita a ela, seguir transitando e conectando mundos. Afinal, segundo ela, a Terra é só um dos lugares habitados e um dos mais atrasados, inclusive.

**CAPÍTULO 6**  
**“ESTE ROSÁRIO É MEU, FOI NOSSA SENHORA QUEM ME**  
**DEU”: O congado de Pedrina**



Figura 14: Rosário de contas negras e rosário de lágrimas de Nossa Senhora.  
Foto: Davi Marques, 2015.

Meu rosário é feito de contas negras e mágicas.  
 Nas contas de meu rosário eu canto Mamãe Oxum  
 e falo padres-nossos e ave-marias.  
 Do meu rosário eu ouço longínquos batuques do  
 meu povo  
 e encontro na memória mal adormecida  
 as rezas dos meses de maio de minha infância.  
 ( EVARISTO, 2013, p. 269)

O rosário de Pedrina é muito próprio dela e é resultado dos diferentes trânsitos pelos quais ela circula. É um rosário particular, não no sentido de ser exótico ou original, mas porque ele é construído, particularmente, num terreno de relações que envolve além dos familiares, outros capitães de congado, pesquisadores, produtores culturais, professores universitários, artistas, músicos, entre tantos outros sujeitos que não só consentem, como legitimam o seu rosário. Além disso, a relação com as entidades espirituais ajuda a empoderar este rosário, uma vez que muitas das informações sobre ações para o fortalecimento da festa são passadas nas reuniões de umbanda.

“Ninguém no rosário vive como mamãe”, disse-me certa vez, Ester. Seguindo ela, a mãe “deixa o kardecismo e até os filhos” por causa do reinado. A filha disse isso, se referindo a uma conversa que tínhamos sobre o fato de Pedrina ficar chateada quando algum familiar não participava das obrigações rituais do reinado. Pedrina explica que

A alegria da minha vida é essa. Já é uma característica minha, provavelmente depois dos aprendizados de existências anteriores. Porque assim, eu gosto muito de dançar, a dança sempre me fez bem a alma, mas a partir do momento que eu tive meus filhos, antes eu já não saía tanto porque a educação que a gente teve não nos dava tanta mobilidade, tanta liberdade igual hoje. E aí, depois eu tive os filhos, aí a obrigação é cuidar dos filhos, mas a dança sempre foi de muita importância pra mim. A alegria com que eu vivencio esse reinado, desde quando eu comecei a dançar, é estar nestas tarefas. Por isso que eu não entendo quando falam assim que não vai [participar da festa] porque não pode. Eu não sinto esse não poder, a alegria é muito grande. É uma alegria que é espiritual (Pedrina, 2013).

Em conversa com Ester, perguntei a ela como tinha sido tocar com a guarda de congado no Cais do Valongo na zona portuária do Rio de

Janeiro. Ela me respondeu: “ah, eu não percebi nada demais, mas ficava olhando o lugar e tentando imaginar os horrores vividos ali”. Perguntei se tinha sido diferente tocar ali e ela disse: “pra mim não, minha mãe é que deve ter ficado extasiada”.

Na primeira conversa que tive com Carlos, sobrinho de Pedrina, ele me disse que se pudesse escolher, não seria congadeiro, porque as dificuldades são muitas, mas como já nasceu dentro da manifestação não teve como evitar. Também ouvi de Gleidson, genro de Pedrina, que ela precisava preparar alguém para ficar em seu lugar, que dentro da família ela não encontraria ninguém para conduzir o congado da forma como ela conduz. Estas são falas que revelam que os sentidos e os significados do rosário são diferentes para Pedrina e seus familiares.

Esse modo particular como Pedrina vivencia seu rosário surge, entre outros motivos, por conta de um certo incômodo da capitã com os rumos do congado local, principalmente depois do retorno da festa após 1950. Para Pedrina, a elite local, através dos reis grandes ou festeiros e da figura da Princesa Isabel, acabou ocupando um lugar central em detrimento da verdadeira realeza da festa, que são os reis e rainhas congos. Além disso, ao sair do interior da igreja e ir para o palanque da praça central, a festa perdeu em ritual e ganhou em espetáculo. E Pedrina é enfática em afirmar: “eu não faço apresentação, eu faço ritual”.

A cidade de Oliveira, conta hoje, com dezessete grupos de congado, sendo um vilão, um congo, sete catopés e oito moçambiques. Além da *Guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês*, capitaneada por Pedrina e seu irmão, capitão Antônio, dois outros grupos são ligados à sua família: a *Guarda de Massambique Nossa Senhora do Rosário*, comandada por sua filha Ester e seus sobrinhos Carlos e Washington, e a *Guarda de Congo Nossa Senhora do Rosário*, comandada por sua sobrinha Kátia. Esses três grupos são conhecidos na cidade como Leonídios, em referência ao pai de Pedrina, capitão Leonídio João dos Santos.

Pedrina e o irmão têm muitos conflitos e possuem maneiras diferentes de conduzir a guarda. Segundo Pedrina, ela sempre acreditou que o pai havia deixado a responsabilidade da guarda para os dois, mas o irmão diz que o pai deixou a capitania só para ele. Os conflitos e a diferença na maneira de conduzir a guarda ficam explícitos em muitos rituais nos quais o irmão não participa, principalmente os relacionados à umbanda. No entanto, quando estão juntos no reinado, esses conflitos são temporariamente suspensos e quem não sabe da existência deles nem percebe, pois aparentemente são muito carinhosos um com o outro.

Segundo Pedrina, o termo congado foi criado pelos folcloristas<sup>58</sup>, mas o nome correto é Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos:

Aí passaram a falar congado, todo mundo fala congado porque todo mundo entende, porque lembra o que que é, mas daí, daqui há um tempo, ninguém sabe mais diferenciar o que que é Congo, o que é Moçambique, o que é Catopé, o que é um Vilão, um Caboclo, Cavaleiro de São Jorge, vai misturando ali e daí, há um tempo, perde (Pedrina, 2007).

Ainda que também use o termo “congado”, Pedrina é sempre muito crítica em relação a ele, pois, segundo ela, é um termo generalista, que não traduz a diversidade de grupos que participam da festa. O receio da capitã é de que, com o passar do tempo, as novas gerações não saibam diferenciar um grupo do outro. Quando faz uso do termo, ela sempre chama a atenção para aquele que, conforme ela entende, é o termo correto: Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Se levarmos em conta toda a repressão vivida pelos congadeiros em Oliveira, podemos enxergar na reestruturação da festa uma forma de resistência para que os negros continuassem exercendo a sua devoção. Pedrina ressalta a contribuição do rei congo, Senhor Geraldo Bispo, para o retorno dos festejos, no que se refere à articulação entre a elite local e os congadeiros, mas a capitã também adverte que muito da essência dos rituais foi perdido por conta das concessões: “ele fez muito bem essa articulação entre a elite da cidade e os congadeiros, no sentido de fazer a festa continuar, mas em compensação, a essência da festa foi embora”, diz a capitã.

Pedrina explica que

A festa é festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, festa do Congo. Por que do Congo? Porque Congo é o império, na época lá, antiga: Ele era um império de onde veio essa formação, de onde tinha a grande formação da nação Banto, que é a nação predominante dos negros de

---

<sup>58</sup> Pedrina é membro da Comissão Mineira de Folclore. A Comissão foi fundada em 1948 por um grupo de intelectuais mineiros, entre ele o antropólogo Saul Martins, pesquisador do folclore e autor, entre outras obras, do livro “Congado: família de sete irmãos”, publicado pelo SESC MG, em 1988.

Minas Gerais, pra não falar toda. Diferente dos Iorubá que foram pra Bahia. Então, é a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (Pedrina, 2007).

## **6.1 Reinado de Nossa Senhora do Rosário – Festa do Congo**

A festa de Nossa Senhora do Rosário, também conhecida em Oliveira como Festa do Congo, é o momento auge do ciclo do rosário e é realizada anualmente no mês de setembro. São nove dias de festa, onde são comemorados os Reinados de Nossa Senhora do Rosário, de Nossa Senhora das Mercês, de São Benedito, de Santa Efigênia, e desde 1976, o de Nossa Senhora Aparecida. A festa começa no sábado, com a saída do Boi do Rosário que vem anunciar o início dos festejos e, no domingo, pela manhã, tem a missa conga com a participação de todos os grupos da cidade.

Em setembro de 2011, durante o trabalho de campo, a movimentação começou no sábado, ainda pela manhã, com a preparação da sala onde funciona a capela. Enquanto ajudava a cortar nuvens, estrelas e luas em papel brilhante para enfeitar as paredes, eu ia conversando e conhecendo melhor os descendentes do capitão Leonídio, pai de Pedrina. A preparação do ambiente durou todo o dia com a limpeza e a ornamentação da casa e do quintal.

No domingo, o dia começou com o som dos tambores que, desde a madrugada, já podiam ser ouvidos. Pedrina tem um cuidado muito grande com os uniformes. Durante os dias de festa, duas máquinas de lavar roupas não param de funcionar no fundo do quintal, lavando uniformes, tênis e meias. Esse cuidado foi herdado da mãe, que, segundo Pedrina tinha um capricho muito grande com a igualdade dos uniformes, pois, para dona Ester, “uniforme, era uniforme”. A lona azul colocada no terreiro para proteger as pessoas do sol, se misturou com o azul das paredes, das fardas dos congadeiros e das caixas, proporcionando ao terreiro um reflexo cor de mar.



Figura 15: Guarda de Moçambique Nossa Senhora das Mercês no terreiro da casa de Pedrina, em Oliveira. Festa de Nossa Senhora do Rosário, setembro de 2011. Foto: Dalva Maria Soares.

Antes das guardas do terreiro de Pedrina saírem para a missa, foi servido o café da manhã na mesa de alvenaria construída no quintal da casa. Ester puxou o canto e em seguida, fez a oração agradecendo o alimento para só então, todos comerem. A rainha perpétua de Nossa Senhora das Mercês, dona Cleusa, me contou que muitas crianças passavam mal durante os cortejos porque vinham com fome de casa. Por isso, Pedrina tem a preocupação de que todos tomem um café da manhã reforçado antes de saírem à rua. A mesa fica sempre posta com leite, café, sucos, frutas, biscoitos, pães e bolos.

Segundo Pedrina, a festa de Nossa Senhora do Rosário possui três aspectos: o cultural, o religioso e o social. Para a capitã, os congadeiros, assim como os umbandistas e os candomblecistas são “os verdadeiros guardiões da cultura afrodescendente brasileira”. Pedrina tem uma preocupação muito grande em difundir a história do negro, em “entender a essência do negro, sua religiosidade, sua cultura”. A festa do Rosário, para Pedrina, vai muito além do folclore, “é cultura e cultura de muita profundidade”:

A festa do Rosário, eu canto isso, inclusive; ela não é só folclore não, porque ela é a religiosidade do negro. Então, ela é folclore, porque folclore é sabedoria popular, mas como o termo folclore está tão banalizado, então eu fico dizendo: ‘olha, isso não é assim’. Senão, fica parecendo, quem não conhece acha que é um bando de alienados, que vai todo ano fazendo aquilo, um bando de saudosistas do tempo do império, do tempo que tinha as coroas e em verdade, não tem nada a ver. Tem a representação da negritude com a sua coroa, mas isso transcende, isso não é só isso (Pedrina, 2007).

Conhecer a história e a cultura do negro que, como a capitã diz, “não está nos livros” acaba por empoderar os congadeiros, que segundo Pedrina, “começam a reagir ao sistema, vamos dizer assim, de maneira pacífica, mas não de ficar submisso, ficar subserviente”. São processos educativos e de conscientização que vão acontecendo na convivência dentro da festa:

E mostrar pra eles, falar mesmo: ‘olha, o que o sistema quer é que nós nos sintamos feios, que tudo que é nosso não presta, tudo que é ruim é preto. Não é! Que a nossa religião é do capeta, mas não é assim, não!’. E contar a história: ‘a escravidão existe, é isso, isso, isso, assim. O cabelo é crespo porque o nosso cabelo precisava da refrigeração porque a África é muito quente, é por isso que o cabelo do negro é crespo. Até mesmo o nariz, a composição física é tudo porque precisava de ser um ser mais forte’ (Pedrina, 2007).

Eu ouvi Pedrina repetir esse discurso em inúmeras palestras nas quais estive presente. Segundo a capitã, quando os negros conhecem verdadeiramente a sua história, “eles sabem de onde estão vindo, o que estão fazendo e para onde estão seguindo”. Para Pedrina, o Rosário empoderou as pessoas na medida em que “resgata essa origem”:

porque nós temos um valor, não esse valor que o sistema quer impor, que nem todas as pessoas é permitido ter e que as pessoas se frustram cada vez mais na medida que eles acham que tem que ser aquilo que não vão conseguir ser. Há outros valores, há outras riquezas, muito maiores do que as riquezas materiais, não é? (Pedrina, 2007).

E é essa cultura que Pedrina procura difundir, não só em seu terreiro, como também em seus cursos, palestras e oficinas a respeito do reinado. Sempre que tem oportunidade, Pedrina assume-se como militante negra, procurando não só valorizar a cultura afro-brasileira, como também combater o racismo.

Em relação ao aspecto religioso, a capitã diz que “para muitas pessoas dentro da festa, o único referencial delas como religiosidade é Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia”. Segundo Pedrina, o reinado “é uma festa que acolhe todas as pessoas, indiferentemente da cor, da raça, do credo religioso. Basta se reconhecer nela [na Santa], como filho”.

Em relação ao aspecto social, Pedrina diz que

o povo negro, o povo congadeiro, é um povo que vive marginalizado. E a hora que esses meninos, essas pessoas, essas mulheres, esses homens vestem a roupa que nós chamamos de fardamento, seja pra dançar, seja como um rei ou uma rainha, então ele se sente valorizado, ele se sente o centro da atração e a autoestima desses rapazes, dessas meninas, desses senhores, dessas senhoras vão ao cume, vão ao máximo (Pedrina, 2007).

Para Pedrina, o momento da festa “é importante pra eles se sentirem bem”. O que exige muita consciência de um(a) capitão(a), pois “o exercício da capitania dentro da festa é o mesmo de um sacerdote, como se fosse uma sacerdotisa”:

Pelo menos nós lá [no terreiro em Oliveira], nos esforçamos pra fazer uma educação. Nós não exercemos a função da capitania só assim, vou lá e... eu me sinto mãe de todos eles, isso indiferente da idade deles comigo, mais velho, mais novo. Eu sou responsável, eu tenho que rezar por eles o ano todo, eu tenho que me preocupar como uma mãe. Tem meninos que não têm, hoje em dia principalmente, que não têm um pai e mãe que orienta sobre disciplina, comportamento. Muitas vezes, às vezes eles chegam e pedem se a gente não pode ser a mãe deles. Não só porque ele não têm, às vezes a mãe, mas porque não têm, às vezes um carinho, atenção. Ainda acontece de muitos meninos maltratados fisicamente. Então a gente orienta, orienta sobre a vida, dá pra eles, um estímulo de vida. Desde 1964 [quando o pai, capitão Leonídio assumiu a guarda] pra cá, então já passou muitas pessoas e muitos

não ficaram, mas é uma alegria muito grande, às vezes, encontrar um menino que hoje é um homem, um pai de família e dizer igual eu já ouvi: ‘eu agradeço muito, porque se hoje eu sou assim, foi por causa do que eu aprendi lá no terreiro junto com vocês’. Então tem que ter essa preocupação (Pedrina, 2007).

Estes três aspectos do reinado levantados por Pedrina dão a dimensão de que a festa é um evento muito maior do que os nove dias de festejos que acontecem anualmente, em setembro. Como nos diz Guimarães Rosa, “os pretos vendem a vida pela festa do congado, que, por sinal, leva três dias, mas exige ensaios que devem durar o ano inteiro” (ROSA, 2001, p. 300).

Estes “ensaios” não dizem respeito somente ao aprendizado dos cantos e da coreografia, mas a todo um processo de conscientização étnico-racial e a uma forma de estar no mundo. De assumir-se como protagonista de uma história, de assumir um lugar de fala.



Figura 16: Guarda de Moçambique Nossa Senhora das Mercês. Ao centro capitã Pedrina e capitão Antônio se abençoam antes de saírem à rua. Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Oliveira, setembro de 2011. Foto: Dalva Maria Soares.

Depois de todos alimentados, o apito do capitão Antônio chamou a todos para a concentração. Orações, cantos, reverência ao cruzeiro, aos mastros erguidos na porta da casa. Capitão Antônio, irmão de Pedrina, é o 1º capitão da guarda e foi quem comandou o grupo neste dia. Com todos os integrantes vestidos e alimentados, inclusive reis, rainhas, príncipes e princesas congos, os capitães pediram bênçãos aos santos. Após os rituais todos estavam prontos para saírem à rua.

As três guardas do terreiro de Pedrina seguiram, então, em direção à igreja de São Sebastião, onde foi celebrada a missa conga. Para Patrícia Couto (2003), a missa conga é uma espécie de “mea culpa” da igreja, na qual a instituição procura dar um tom de superação das desigualdades. No entanto, em muitas localidades, os congadeiros ainda dependem da “boa vontade” do pároco local para celebração da missa conga.

Geralmente, esta missa é celebrada durante a festa de Nossa Senhora do Rosário, mas alguns grupos a celebram também em maio, na festa da abolição, ou ainda no dia 20 de novembro, dia nacional da consciência negra. Segundo pedrina é o lamento negro que caracteriza a missa conga, pois retrata a história de quando os negros escravizados levavam seus senhores à igreja, mas não podiam entrar.

Depois da missa, cada guarda seguiu para o seu terreiro para o almoço no terreiro. Quando chegamos a mesa já estava posta: arroz, feijão, carne de porco, couve, abóbora, angu – um cardápio da tradicional culinária mineira.



Figura 17: Mesa posta para o almoço no quintal da casa de Pedrina.

Festa de Nossa Senhora do Rosário, Oliveira, setembro de 2011.

Foto: Dalva Maria Soares.

Um breve descanso e já era a hora de buscar reis, rainhas, príncipes e princesas para os rituais do reinado que aconteceriam na praça central da cidade. Cada guarda buscou seus respectivos reis, rainhas e seguiram em cortejo para a praça. Lá, foram recebidos pela Princesa Isabel em um palanque montado especialmente para isso. A figura da Princesa Isabel, personagem incorporada depois do retorno da festa, em 1950, é sempre representada por uma jovem branca, da elite da cidade. Em 2011, existia uma lista com candidatas até 2020. Os reis e rainhas de ano, ou reis grandes como são conhecidos os reis festeiros, levam nas mãos uma grande coroa simbolizando o império, uma inovação incorporada à festa, depois do retorno, em 1950. Pedrina é muito crítica em relação a isso, pois segundo ela, os reis e rainhas estão na verdade reverenciando o opressor.

Este ritual é repetido sete noites durante os nove dias de festa. Cada grupo sai de sua sede e busca pelo caminho reis e rainhas, príncipes e princesas que seguem em cortejo até o palanque, onde cantam e dançam em homenagem não só aos santos, como também à Princesa Isabel, que recebe os cumprimentos. Um mestre de cerimônia anuncia as autoridades presentes e conduz o espetáculo. Depois cada membro da realeza é devolvido às suas casas, em cortejo, pelos respectivos grupos. Já era

madrugada quando a guarda chegou novamente ao terreiro de Pedrina para jantar.

Além do grande cortejo diário, em todos os dias de festa acontecem visitas a outros grupos, escolas, casas de pessoas amigas, de reis, rainhas ou de alguém que esteja pagando promessa. Nessas visitas se canta, dança, come e bebe. Não se come sem oração, não se sai sem agradecer. Durante um cortejo para uma visita a imagem de Nossa Senhora das Mercês na residência de uma família de devotos, notei que um menino de cerca de dez anos acompanhava o grupo, junto dos pais. O capitão Antônio, irmão de Pedrina perguntou aos pais porque o menino não estava dançando na guarda naquele ano, e eles então responderam que a criança tinha ido mal na escola e recebeu como punição não sair não participar do congado. O capitão comentou com Pedrina que não concordava com o castigo, mas que cada um sabe como educar seus filhos.

Com a proibição da festa e depois o retorno, em 1950, o candombe foi um dos rituais que deixou de acontecer. Pedrina conta que tem lembranças de seu pai, o capitão Leonídio, cantando pontos que remetiam ao ritual, como “adeus candombeiro, adeus”, mas não conseguia informações sobre a existência do candombe, em Oliveira. No entanto, percebia que muitos cantos que ouvia nos grupos da cidade eram de candombe. Como não conseguia informações a respeito e por acreditar na ancestralidade do ritual decidiu mandar fazer os tambores. Com esse propósito, Pedrina procurou Seo Domingos, um congadeiro-tamborzeiro tradicional da localidade de Lagoa de Santo Antônio, na região central de Minas, e solicitou que ele fizesse os tambores para a sua guarda. À princípio, Seo Domingos colocou inúmeras dificuldades para atender o pedido, pois segundo ele, tinha a lua certa para entrar na mata, a árvore correta para retirar os troncos, além da fiscalização do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis - IBAMA. No entanto, cerca de quinze dias depois o mestre telefonou à capitã dizendo que os tambores estavam prontos e que ela poderia ir buscá-los. Pedrina disse que fez “a viagem numa alegria interior enorme” e que para sua surpresa, os tambores não eram novos, mas centenários. O tamborzeiro explicou que, na verdade, aqueles tambores foram trazidos de Oliveira pelo capitão Edson Tomas, um importante congadeiro que teve inúmeros atritos com a Associação de Congadeiros de Oliveira, pois queria restaurar os fundamentos da festa, entre ele, o candombe, perdidos após a negociação com a elite local.

Pedrina disse que depois recebeu a confirmação, de um outro capitão de congado, de que os tambores recebidos das mãos de Seo

Domingos eram realmente da cidade de Oliveira, e que por inúmeras circunstâncias acabaram chegando até o mestre, que achou por bem devolvê-los a quem tinha direito sobre os mesmos. Posteriormente, recebeu mais uma confirmação, desta vez, através de uma entidade espiritual numa reunião de umbanda em sua casa. A entidade confirmou a Pedrina que os tambores eram mesmo de Oliveira. Desde então, Pedrina realiza o toque do candombe em sua casa, sempre que levanta ou desce bandeira. Muitas das “inovações” de Pedrina na festa são feitas em cumprimento às orientações das entidades nas reuniões que visam o fortalecimento da festa.

O levantamento dos mastros foi outro ritual que sofreu alterações. Há alguns anos, a Associação dos Congadeiros de Oliveira resolveu trocar os mastros que eram erguidos na praça com a justificativa que estavam velhos e pesados e que os ternos de catopé, responsáveis por carregá-los até a praça, para serem erguidos, estariam tendo dificuldades em transportá-los. Como os mastros seriam descartados, Pedrina levou-os para sua casa, em cuja porta são erguidos um dia antes do levantamento daqueles da praça central. Segundo Pedrina, os mastros antigos jamais poderiam ser descartados, pois carregam a energia de todas as pessoas que o tocaram, inclusive os ancestrais .



Figura 18: As três guardas da família de Pedrina reverenciam os mastros erguidos na porta de sua casa. Festa de Nossa Senhora do Rosário, em Oliveira, setembro de 2011. Foto: Dalva Maria Soares.

Além disso, segundo Pedrina, antes de serem levantados, os mastros e bandeiras precisam ser preparados, lavados com uma mistura de ervas, o que não acontece com os mastros levantados na praça. Os capitães possuem uma série de interdições a cumprir no período anterior e durante a festa. Participam do levantamento dos mastros em frente à casa de Pedrina apenas os grupos ligados à sua família: a guarda de *Congo e o Massambique de Nossa Senhora do Rosário*, capitaneada respectivamente, por Kátia, sua sobrinha, e Ester, sua filha, além de Carlos e Washington, seus sobrinhos. O irmão de Pedrina, capitão Antônio, não participa por não concordar com essa “inovação”. Além disso, Pedrina já foi acusada pela direção da festa do rosário de estar realizando uma festa paralela à “oficial”. Essas “reinvenções” do congado de Pedrina são, na verdade, performances criadas na tentativa de cobrir vazios e rupturas de uma cultura forjada na diáspora. São narrativas que buscam inverter a relação de opressão vivida pelo negro.

Após os descimentos dos mastros na porta da casa de Pedrina, as três guardas do terreiro seguiram para a praça para descer os mastros erguidos lá. Antes do descimento dos mastros, realizou-se a procissão com as imagens dos santos padroeiros e ao som dos sinos da igreja de Nossa Senhora de Oliveira. Após a procissão, os mastros foram descidos e cada bandeira foi entregue na casa dos respectivos mordomos onde ficarão até o ano seguinte.

Depois do encerramento na praça, seguimos para casa de Pedrina, onde foi servido o “café de São Benedito”. A mesa no quintal estava arrumada com guloseimas e com a imagem do santo, que é considerado cozinheiro pelos congadeiros.

## **5.2 Festa da Abolição**

Como dito anteriormente, a festa de Nossa Senhora do Rosário é o ponto auge do ciclo anual em homenagens à Santa, mas durante o ano inteiro existem outras obrigações como participação em festas de outras guardas, visitas, pagamentos de promessas, coroação e descoroação em casos de falecimentos de reis, rainhas e capitães, entre outros. Além disso, em muitas irmandades do Rosário espalhadas por Minas Gerais, no dia 13 de maio os congadeiros celebram a festa da abolição. Com cantos que falam do cativeiro, um cortejo é realizado até a igreja, com a representação de negros escravizados acorrentados e da Escrava Anastácia. É celebrada uma missa conga, com a presença da Princesa Isabel, que durante a missa repete o gesto de assinatura da Lei Áurea e solta as correntes dos escravos.

A primeira vez que esta festa foi realizada, em Oliveira, foi por iniciativa de Pedrina, em 13 de maio de 1988, ano em que se comemorou cem anos de abolição da escravidão. Segundo Rubião (2010), naquele ano, a única guarda que participou foi o *Massambique de Nossa Senhora das Mercês*, de Pedrina e de seu irmão Antônio. Nas atas das reuniões da *Associação de Congadeiros* está registrado o desinteresse dos outros grupos da cidade em participar da comemoração.

Em maio de 2013, mais uma vez, peguei carona com os familiares de Pedrina na van fretada para levar-nos a Oliveira. Quando cheguei à casa de Pedrina, no sábado pela manhã, a movimentação já era grande com muitos parentes de santo do terreiro de candomblé frequentado por Pedro, filho de Pedrina. Chegamos em Oliveira por volta da hora do almoço e em regime de mutirão fomos todos ajudar na preparação da comida. Enquanto uma pessoa acendia o fogo do fogão à lenha, outra cortava os legumes e outras já adiantavam a couve para a feijoada a ser servida, no dia seguinte, após a missa conga.

Pedrina, que já estava há alguns dias em Oliveira, juntamente com Maria Padilha, realizava os atendimentos espirituais. O dia todo foi de preparação do espaço e de confecção das máscaras de flandes a serem usadas por aqueles que representariam os negros escravizados.

À noite, antes de sairmos para a Associação dos Congadeiros, para o levantamento da bandeira, rezamos o rosário, puxado por Ester, filha de Pedrina. Maria Padilha, depois de atender as pessoas durante todo o dia, no começo da noite “subiu”, para que Carlos pudesse assumir a capitania da Guarda de Massambique Nossa Senhora do Rosário. Pedrina conduziu sozinha, o Massambique de Nossa Senhora das Mercês, pois seu irmão, capitão Antônio, não compareceu neste dia.

Em frente à Casa dos Congadeiros, sede da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Oliveira, o mastro foi erguido. Somente seis, dos dezessete grupos da cidade compareceram, sendo três deles do terreiro<sup>59</sup> de Pedrina.

Como nos dias de levantamento de mastros e bandeiras é preciso tocar o candombe, por volta de uma e meia da manhã, o preto velho Pai José desceu para o cumprimento do ritual. Alguns capitães e dançantes já haviam ido dormir e o preto velho não deixou que acordássemos ninguém, pois segundo ele, “compromisso é compromisso”. “Nós não briga, nós prosea. Não pode ter confusão interna e externa, não!”, disse o preto velho, num sinal de que as fricções aconteciam dentro e fora do grupo.

---

<sup>59</sup> No congado, a casa do capitão(ã) onde se reúne o grupo para os ensaios e rituais é também chamado de terreiro ou quartel.

Pai José ainda completou que os capitães que foram dormir mereciam um puxão de orelha. Pedrina interveio pedindo misericórdia para os filhos, ao que Pai José respondeu que “misericórdia era com Nossa Senhora do Rosário, e não com ele, que é preciso ter responsabilidade.” Pai José explicou que é do fundamento do reinado: “O candombe toca quando levanta bandeira”.

Na sala feita capela estavam presente Pai José, Pedrina, Ana Luzia - rainha conga de Nossa Senhora das Mercês, Buiú - capitão da guarda de Massambique Nossa Senhora do Rosário, Preta - bandeireira da guarda de Massambique Nossa Senhora das Mercês, seu filho adolescente Cristian e eu. Pai José colocou todos os presentes para tocar e cantar o candombe, inclusive a mim. O ritual seguiu até por volta das duas horas da manhã.

Outro ritual necessário em dias de festa é a alvorada<sup>60</sup>. Neste dia, Pedrina combinou com os integrantes da guarda que todos deveriam estar presentes às cinco da manhã para cumprimento do ritual. Algumas pessoas que participaram do toque de candombe nem dormiram, pois teriam que levantar cerca de três horas depois. Mas, no horário combinado, só estavam presentes a rainha conga Ana Luzia, a bandeireira Lúcia, uma dançante e eu. Ainda assim, Pedrina pegou um dos tambores, passou o bastão de capitã para a rainha, a dançante assumiu o patangome e saímos as cinco da manhã, pelas ruas da cidade para cumprir o ritual. Tocamos e cantamos em memória dos congadeiros e ancestrais na porta de todas as igrejas da cidade. Quando retornamos, o sol já ia alto no céu. Ainda acompanhei Pedrina à padaria para comprar pães, bolos e biscoitos para serem servidos no café da manhã, antes da missa conga.

Na missa conga, o ofertório foi realizado por pessoas da guarda de Pedrina representando negros escravizados e carregando gamelas com frutas. Alguns estavam acorrentados. Ester usava uma máscara de flandres representando a escrava Anastácia. A moça que representava a Princesa Isabel soltou as correntes dos negros, simbolizando a abolição da escravatura. A princesa do ano foi coroada e a do ano anterior descoroada. Mesmo com toda essa representação, durante toda a missa, não houve, por parte do pároco nenhuma referência à abolição, “desperdiçando” o que para Pedrina provavelmente seria um momento importante de reflexão.

---

<sup>60</sup> A alvorada é um toque de música realizada nos dias de festa, antes do amanhecer. Nas festas do rosário, as guardas saem em cortejo e tocam nas portas de todas as igrejas da cidade. Em Oliveira eu só testemunhei a guarda de Pedrina realizando este ritual.



Figura 19: membros da guarda e visitantes representando os negros escravizados a caminho da missa conga. Festa da abolição, maio de 2015, Oliveira, MG. Foto: André Santos.

O desejo de Pedrina é que a festa da Abolição fosse um momento de reflexão sobre as condições de vida do negro na sociedade atual e de como a abolição de fato ainda não aconteceu, mas este é um desejo que ainda não se efetivou, uma vez que, ao contrário da Festa do Rosário, realizada em setembro, esta a festa praticamente não tem a adesão das guardas de congado da cidade. Entretanto, Pedrina não deixa de chamar os participantes que frequentam seu terreiro para reflexão.

É interessante observar que a história dos mastros erguidos na porta da casa de Pedrina, a revitalização dos tambores de candombe, a festa da abolição, entre outros eventos remetem para uma ideia da Festa que a capitã tem, que não é coincidente com os outros grupos da cidade, nem com a direção da Associação de Congadeiros de Oliveira. Esta visão é muito particular de Pedrina e é resultante de um esforço de resgatar a essência que ela acredita ter se perdido. Certa vez, ouvi Pedro, filho de Pedrina, interpelar a mãe, quando ela dizia algo sobre alguma especificidade do Rosário: “o seu rosário, né mãe?”.

Pedrina já ocupou cargo dentro da Associação, mas acabou saindo devido aos conflitos. Atualmente, ela não participa das reuniões nem como capitã de guarda. Segundo Pedrina, ela não tinha pretensão de cargos dentro da irmandade, mas queria que os congadeiros entendessem

a própria história, principalmente em relação a uma “essência” do congado que foi perdida, como por exemplo, o preparo das bandeiras e dos mastros antes do levantamento, a realização da alvorada pelos capitães, o toque de candombe, entre outros rituais, que segunda ela, foram perdidos.

A capitã salienta que, as pessoas que hoje estão à frente da direção da festa, não fazem os rituais por desconhecimento, pois quem passou a tradição para eles, também não sabia. No entanto, de acordo com ela, se não sabemos algo e se quisermos, podemos aprender, mas muitos não querem aprender. Para Pedrina, Seo Geraldo Bispo, responsável por mediar junto à elite local o retorno da festa, não tinha conhecimento de muitos rituais pelo fato de ser rei congo e não capitão.

O rosário de Pedrina é um rosário próprio, embora ela não esteja sozinha. Existem outros sujeitos que estão junto com ela, não só porque Pedrina transita por diferentes espaços, mas porque muitos sujeitos já subiram “neste barco” que é dela; sujeitos deste e de outros mundos.

Por fim, Pedrina é uma ativista negra em movimento, ela levanta sua voz para combater o racismo e a discriminação; ela está preocupada com a autoestima de seus pares. O seu rosário se assume também como uma luta política. Não é sem razão que simbolicamente ele está sempre consigo. Com exceção das reuniões e cursos no espiritismo kardecista, Pedrina está sempre com seu rosário cruzado no peito, seja nos atendimentos espirituais, seja nas reuniões de umbanda, seja nas visitas aos terreiros de candomblé, seja nos cursos ou oficinas que ministra, seja nos rituais do reinado.

Dessa forma, a festa do rosário nos demonstra que é muito mais do que o que acontece nos dias de festejo. O que se expressa nos nove dias do mês de setembro é na verdade, a ponta de um enorme processo; a festa é uma devoção, uma forma de viver de Pedrina e dos sujeitos que a cercam:

Eu não consigo me ver fora dessa festa. Aliás, eu fico brincando, quem sabe até quantos anos eu vou viver é somente Deus, mas eu fico falando: ‘que nada, eu vou até 106 anos. Não sei por que eu falo 106. E a minha maior alegria, se Nossa Senhora e Deus permitirem, é que eu fique velhinha, andando, com mais de 100 anos, segurando o meu bastão do rosário. Isso vai ser a alegria, vai ser o coroamento daquilo que eu desejo com a maior força que eu tenho, toda a força do meu ser, com toda a força do meu coração e da minha mente, que é esta festa. (Pedrina, 200

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão desenvolvida nesta tese teve como fio condutor a trajetória de Pedrina como capitã de congado. Nesse sentido, é importante ressaltar algumas considerações por meio das quais se chega ao final deste trabalho.

Durante muito tempo, a única referência que tinha de Pedrina era a sua voz cantando à capela, em banto. Já no nosso primeiro encontro conheci também a Pedrina benzedeira e estudiosa das tradições afro-brasileiras. Nossa primeira conversa, ainda para a minha pesquisa de mestrado foi justamente para compreender o deslocamento das mulheres dos bastidores da festa de Nossa Senhora do Rosário para postos mais valorados no ritual, como por exemplo, o da capitania. Parafraseando Maluf (2013), ali, já fui obrigada a colocar sob rasura o conceito de sujeito, me fazendo questionamentos sobre a existência ou não do sujeito congadeiro. Que capitã era esta que cantava e estudava banto, pesquisava sobre as tradições do congado, era benzedeira, tinha curso superior e até à Paris tinha ido com sua guarda de congado?

Guiada pelos movimentos de Pedrina segui o seu percurso, o que me levou a percorrer diferentes sítios e trajetos numa complexa rede tramada entre confluências de práticas, processos e conexões. Isso me obrigou a sair da lógica de se pensar o religioso a partir de doutrinas, instituições e rituais e a focar na experiência e na vivência de Pedrina.

Embora eu tenha ido a campo perseguindo a trajetória de Pedrina, conhecê-la implicou acessar toda uma rede familiar que foi muito além da sua família biológica, envolvendo uma rede de relações sociais tecidas no reinado, na umbanda, no kardecismo e no candomblé; uma rede que entrelaça a trajetória de Pedrina com seres deste e de outros mundos, como as entidades da umbanda, os nkisis do candomblé e os espíritos desencarnados do kardecismo.

Se a princípio a ideia era que a tese seria sobre o congado, as múltiplas pertencas religiosas, não só de Pedrina, como daqueles que estão a seu redor, foram conjecturas que me levaram a pensar que seria um estudo sobre o sincretismo. Mas com o decorrer do trabalho de campo, percebi que seria um trabalho sobre “muita religião”. Não uma ideia de religião ligada a instituições ou doutrinas, mas aquela que diz respeito aos trânsitos dos sujeitos por diferentes práticas religiosas. Pedrina junta suas experiências religiosas não para formar uma síntese, mas vive cada uma delas. Existem momentos onde essas experiência de interconectam, mas existem muitos limites também. Não foi sem razão que o preto velho Pai

João mandou construir a capela para não misturar as coisas de Nossa Senhora do Rosário com as de Exu.

Por outro lado, os diferentes trânsitos de congadeiros por religiões de matriz africana não são recentes. O que é novo é que agora os sujeitos não só podem, como estão querendo falar sobre eles. Ouvi, não só de Pedrina como do Zé Pelintra e da Pomba Gira Sete Saias, que havia chegado a hora de abrir a boca e falar que o reinado faz a mesma coisa que o candomblé. Hora de publicizar o que sempre foi feito, porém, por conta da intolerância e do preconceito religiosos, de “maneira sutil”. Uma guarda de congado sendo criada dentro de um terreiro de candomblé, exemplifica um pouco esse movimento de “abrir a boca e falar”.

Esse universo de “muita religião”, revelado pelo trabalho de campo, contrasta com uma ortodoxia muitas vezes reivindicada por líderes e estudiosos da religião. Como Pedrina mesmo diz, “na casa de meu pai tem muitas moradas” e ela habita várias delas. Ela costuma dizer, parafraseando o evangelho que “onde está o seu tesouro, aí está o seu coração”. Certa vez, num intervalo entre os rituais, enquanto conversávamos, Pedrina disse: “pra qual céu Deus me levará? O céu dos congadeiros, dos kardecistas ou dos umbandistas?”. Este questionamento dá uma ideia do significado das diferentes práticas na vida de Pedrina. Ela não junta tudo para formar uma síntese. Ela é uma coisa e outra e outra: ela é kardecista, é umbandista, é reinadeira. Por outro lado, o reinado aparece como um ponto de convergência de todas as experiências e vivências.

Uma consideração importante a fazer é que essa pesquisa mostrou que o deslocamento por diferentes experiências religiosas não é a exceção, mas um traço comum na experiência dos sujeitos pesquisados; não só Pedrina, mas muitos dos que estão ao seu redor possuem múltiplas pertenças. E neste mundo povoado de espíritos, as entidades estão presentes não só nos momentos rituais, como também no espaço doméstico, auxiliando na resolução de questões práticas do cotidiano.

O congado na vida de Pedrina é lugar de encruzilhada, de interceção de todas as vivências religiosas, não para fundir tudo numa unidade, mas para seguirem enquanto pluralidades, “numa lógica rizomática que não dissolve as diferenças” (ANJOS, 2006, p. 24). Assim, os sujeitos não se sentem obrigados a optarem por uma única experiência religiosa e vivem suas múltiplas pertenças.

O espiritismo kardecista fornece a racionalidade que atende Pedrina nas respostas a muitos de seus questionamentos. A fé raciocinada é a lógica explicativa para o seu mundo. O universo kardecista frequentado por Pedrina é aquele que confere um status diferenciado à

leitura e ao estudo da doutrina kardecista. O expositor espírita vai sendo construído nas reuniões e nos grupos de estudo na medida em que vai internalizando não só a doutrina, como também as técnicas oratórias. Essa construção acaba por potencializar a dimensão letrada de Pedrina que também reflete nos cursos, palestras e oficinas que ela ministra a respeito do reinado.

O reinado, por sua vez, não se resume à festa cheia de cores e sons que acontece na rua. Para que ela aconteça é necessário todo um trabalho material e espiritual durante todo o ano. As reuniões de umbanda em casa de Pedrina funcionam como um ponto de apoio espiritual, onde as entidades trazem informações sobre o que precisa ser feito para o fortalecimento não só da festa, como também de todos que participam dela. As entidades são grandes parceiras de Pedrina, inclusive nos atendimentos espirituais realizados em Oliveira.

A participação em seminários acadêmicos, encontros, festivais e congressos também permite a Pedrina chamar a atenção de pesquisadores, artistas, políticos, produtores culturais, entre outros, para o lugar das manifestações culturais afro-brasileiras. Nestes encontros, a capitã amplia sua rede e acaba por legitimar o seu congado. Através da tradição do reinado, Pedrina chama a atenção para a cultura da diáspora, cantada, dançada e performatizada por um corpo negro que foi desterritorializado de seu lugar de origem e transplantado à força para outras terras. Através da tradição do congado essa memória é acionada. A performance congadeira vem cobrir estes vazios e rupturas das culturas destes sujeitos que tiveram que se reinventar em outras terras. O congado, enquanto narrativa, inverte uma relação de opressão vivida pelo negro na medida em que Nossa Senhora do Rosário atende ao seu chamado e não ao do branco.

Pedrina é essa mulher de palavra; da palavra-sagrada, que liga os mundos visível e não-visível e da palavra-força, que conecta o mundo dos ancestrais com o de seus descendentes. Palavra que empodera e que conecta mundos. Mundos percorridos que têm como ponto de interceção o congado. Um congado próprio, particular, nem sempre coincidente com o de outros grupos. A discordância com os rumos do congado local, em Oliveira levou Pedrina a reinventar o seu, pois para ela, a manifestação possui outros aspectos para além do religioso. O religioso é central, e Nossa Senhora é uma referência importante de religiosidade para muitos participantes, pois para os congadeiros é uma santa que acolhe a todos sem distinção. Não acolheu ao negro? Mas existem também o aspecto social e o cultural do congado. O aspecto social possibilita ao congadeiro anônimo sair de um lugar de subalternidade e se assumir protagonista na

festa. No aspecto cultural o congadeiro se revela como um guardião da cultura afro-brasileira. Uma história que não está nos livros e que Pedrina procura difundir em todos os espaços por onde circula.

Cabe salientar que, como dito na introdução deste trabalho, esta tese não teve a pretensão de dar conta de toda a vida de Pedrina, mas se fundamenta numa relação construída entre pesquisadora e pesquisada, num momento específico da vida de ambas. Como a cultura é dinâmica, se eu voltar hoje à casa de Pedrina ou a Oliveira, muito provavelmente o cenário será outro.

Também não tive a intenção de definir o sujeito Pedrina, pois Pedrina é muitas. O que apresentei aqui, foi uma síntese parcial de uma relação construída durante um tempo determinado entre duas mulheres negras, mães de filhos, com afinidades e diferenças. Tenho clareza dos limites deste trabalho para dar conta de toda complexidade envolvida na vida do sujeito Pedrina. No entanto, as lacunas que se apresentaram poderão ser preenchidas por investigações futuras.

Para finalizar, novamente busco auxílio em Clarice Lispector. A intenção deste trabalho era completar as reticências colocadas na introdução a respeito de uma mulher que... Clarice nos adverte que reticências é um recurso que deve ser usado em casos raros, mas penso que o momento pede. O poeta Manuel de Barros, por sua vez, nos diz que “as reticências são os três primeiros passos do pensamento que continua por conta própria o seu caminho”. Espero ter conseguido apresentar os três primeiros passos do caminho de uma mulher que não acaba aqui, mas que continua e que por isso não cabe ponto final...

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Vânia de Fátima N. **Os festejos de Nossa Senhora do Rosário em BH, MG: práticas simbólicas e educativas.** 2008. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, SP, 2008.
- ANDRADE, Mário de. **Danças dramáticas do Brasil.** Org. Oneyda Alvarenga. BH: Itatiaia, 1982. v. 1, 2 e 3.
- ANJOS, José Carlos Gomes dos. **No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira.** Porto Alegre: Editora da UFRGS/Fundação Palmares, 2006.
- AMARO, Flávia Ribeiro. **Entre guias e santos: notas sobre a festa da congada de Ituiutaba, MG.** II Jornada de Ciências Sociais UFJF. Anais. Juiz de Fora, 2013.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o conteto de François Rabelais.** 7 ed. São Paulo: ed. Hucitec, 2010.
- BIRMAN, Patrícia. 1985. **O que é Umbanda.** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Sacerdotes de Viola: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais.** Petrópolis: Vozes, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- CAPONE, Stefania. **A Busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2004.
- CARDOSO, Vânia Z. 2007. “Narrar o mundo: estórias do ‘povo da rua’ e a narração do imprevisível”. **Mana.** 13(2): 317-345.
- CARDOSO, Vânia Z. 2009. “Os afetos da descrença”. **Antropologia em primeira mão.** v. 114: 1-17.

CARVALHO, José Jorge de Carvalho. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: ano 7, n. 15, p. 107-147, julho de 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. SP: Melhoramentos, 1980.

CORRÊA, Juliana A. Garcia. **De reinados e reisados: festa, vida social e experiência coletiva em Justinópolis/MG**. 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

COUTO, Patrícia B. **Festa do Rosário: iconografia e e poética de um rito**. Niterói, RJ: EdUFF, 2003.

COSTA, Patrícia Trindade Maranhão. **As raízes da congada: a renovação do presente pelos filhos do Rosário**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2012.

CRENSHAW, Kimberle W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **VV. AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem.[Links]**, 2004.

DANTAS, Beatriz Góis. 1988. **Vovó nagô e papai branco: usos e abusos da África no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal.

\_\_\_\_\_. **A Tadeira de Sergipe**. Petrópolis: Vozes, 1972.

DAVIS, Natalie Z. **Nas Margens: três mulheres do século XVII**. SP: Cia das Letras, 1997.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

FERRETI, Sérgio F. **Repensando o sincretismo: estudo sobre a Casa das Minas**. São Paulo: EdUSP; São Luis: FAPEMA, 1995.

FONSECA, Gonzaga L. **História de Oliveira**. BH: Ed. Bernardo Alves, 1961.

GARONE, Taís Diniz. **Uma poética da mediação**: história, mito e ritual no congado setelagoano – MG. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

GIUMBELLI, EMERSON. Verbete Ecumenismo. In: SANSONE, Lívio; FURTADO, Claudio Alves. **Dicionário crítico de Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso. SP: Cia das Letras, 2006.

GOLDMAN, Márcio. Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnografia. **Ponto Urbe** [Online], 3 | 2008, posto online no dia 05 Agosto 2014, consultado em 06 Dezembro 2015. URL : <http://pontourbe.revues.org/1750> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1750

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras**: os Arturos. Juiz de Fora, Ministério da Cultura-EDUFJF, 1988.

GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. **Etnobiografia**: subjetivação e etnografia. RJ: 7Letras, 2012.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho com a colaboração de Luiz Sergio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1999.

**IBGE**. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)

JORNAL GAZETA DE MINAS, Oliveira, MG. Versão digitalizada, disponível em <http://gazetademinas.com.br/plus/>.

KIDDY, Elizabeth. **Progresso e religiosidade**: Irmandades do Rosário em Minas Gerais, 1889 – 1960. Revista Tempo, nº 12, dez., Niterói, RJ: UFF, 2001.

KOFES, Suely. **Uma trajetória em narrativas**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

LANDES, Ruth. **A cidade das mulheres**. RJ: Ed. UFRJ, 2002.

LEAL, João. The Past is a Foreign Country? Acculturation Theory and the Anthropology of Globalization. **Etnográfica**, v. 15, n. 2, p. 313-336, 2011.

LEAL, João. A festa maior dos terreiros: Divino e Mina em São Luis (Maranhão). In: Revista Pós Ciências Sociais, v.11, n. 21, jan/jun. 2014.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Pallas: RJ, 2006

LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário**: O Congado mineiro dos Arturos e Jatobá. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MALUF, Sônia W. **Além do templo e do texto**: desafios e dilemas do estudo de religião no Brasil. Revista Antropologia em Primeira Mão, v. 124, UFSC, Florianópolis: UFSC, 2011.

\_\_\_\_\_. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n.12, p.69-82, dez. 1999.

\_\_\_\_\_. Os filhos de aquário no país dos terreiros: novas vivências espirituais no sul do Brasil. **Ciências Sociais e religião**. Porto Alegre, ano 5, n. 5, p.153-171, 2003.

\_\_\_\_\_. **Por uma antropologia do sujeito: esboços**. Seminário dos professores do Departamento de Antropologia da UFSC, Florianópolis, 2011.

\_\_\_\_\_. Por uma antropologia do sujeito: da pessoa aos modos de subjetivação. In: **Campos Revista de Antropologia Social**, v. 14, n.1/2, 2013.

MARCUS, George E. **Ethnography in/of the World System**: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. Annual Review of Anthropology, Palo Alto, California, vol.24, 1995, pp. 95-117

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MARTINS, Saul. **Congado**: família de sete irmãos. Belo Horizonte: SESC, 1988.

MINTZ, Sidney W. **Encontrando Taso, me descobrindo**. Dados – Revista de Ciências Sociais, RJ, vol. 27, nº 1, 1984.

NEVES, Talita Viana. **Congados, capitães e curadores**: males, proteções e práticas de cura em Itapeçerica, MG. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade de Brasília, 2014.

OLIVEIRA, Wanderlei Soares de. **Reforma íntima sem martírio**. 22 ed. Belo Horizonte: Ed. Dufaux, 2007.

ORTIZ, Renato. 1999 [1978]. **A morte branca do feiticeiro negro**. São Paulo: Brasiliense.

ORTNER, Sherry. Power and project: reflections on agency. **Anthropology and Social Theory Culture, Power and the Acting Subject**. Durham: Duke University Press, 2006.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Os tambores estão frios**: herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candombe. Juiz de Fora: Funalfa Edições; Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. **Introdução ao estudo do Congado**. Belo Horizonte: PUC-MG, 1974.

POEL, Francisco van der. **Dicionário da religiosidade popular**: cultura e religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

PRANDI, Reginaldo. **Encantaria brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

RABELO, Miriam C. M. **Enredos, feitura e modos de cuidado**: dimensões da vida e da convivência no candomblé. Salvador: EDUFBA, 2014.

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**: (Corpo de Baile). 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **No Urubuquaquá no Pinhém** (Corpo de Baile). 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Grande sertão: veredas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

\_\_\_\_\_. **Sagarana**. 71 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RUBIÃO, Fernanda Pires. **Os negros do Rosário: memória, identidade e tradição no Congado em Oliveira (1950-2009)**, Niterói: UFF, 2010 (Dissertação de Mestrado).

FAVRET-SAADA, J. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.

SABINO, Fernando; LISPECTOR, Clarice. **Correspondências**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANCHIS, Pierre. As religiões dos brasileiros. In: **Horizonte**, Belo Horizonte, v.1, nº 2, p. 28 – 43, 2º semestre, 1997.

SANSONE, Lívio; FURTADO, Claudio Alves. **Dicionário crítico de Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014.

SILVA, Rubens Alves da; BARROS, Mônica do Nascimento. O mundo mágico-religioso do congado e suas tramas sincréticas. In: **Cadernos do Ceas** – Centro de Estudo e Ação Social. Salvador, janeiro/fevereiro, nº 197, 2002.

SILVA, Rubens Alves da . **A atualização de tradições: performances e narrativas afro-brasileiras**. São Paulo: LCTE Editora, 2012.

\_\_\_\_\_. **Negros católicos ou catolicismo negro?** - um estudo sobre a construção da identidade negra no congado mineiro. 1. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da Silva. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: EdUSP, 2000.

\_\_\_\_\_. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. 2 ed. SP: Selo Negro, 2005.

SOARES, Dalva Maria Soares. **Salve Maria(s)**: mulheres na tradição do congado em Belo Horizonte, MG. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica). Departamento de Economia Doméstica da Universidade Federal de Viçosa, 2009.

SOARES, Dalva Maria; LOPES, Maria de Fátima. Gênero e poder na festa de Nossa Senhora do Rosário em Belo Horizonte. **Anais do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais**, UFBA, Salvador, 2001. Disponível em [http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308306367\\_ARQUIVO\\_Conlabrevisado.pdf](http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308306367_ARQUIVO_Conlabrevisado.pdf)

\_\_\_\_\_. A feminização do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. **Anais da 27ª RBA – Reunião Brasileira de Antropologia. Belém do Pará**, 2010. Disponível em [http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_27\\_RBA/arquivos/grupos\\_trabalho/gt48/dms.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_27_RBA/arquivos/grupos_trabalho/gt48/dms.pdf)

SOUZA, Marina de Mello e Souza. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de rei congo. BH: Editora UFMG, 2006.

SHAW, Rosalind, e STEWART, Charles. Introduction: problematizing syncretism, in Charles Stewart and Rosalind Shaw (eds.), **Syncretism / Anti-Syncretism: The Politics of Religious Synthesis**. London and New York, Routledge, 1994, p. 1-26.

VILARINO, Marcelo de Andrade. **Festas, cortejos, procissões**: tradição e modernidade no Congado belo horizontino. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2007.

## ANEXOS

## Anexo A: Região Metropolitana de Belo Horizonte



Fonte: <http://www.conexaomg424.com.br/verNoticia.php?id=779>

**Anexo B: Localização de Oliveira no mapa de Minas Gerais**

Fonte:

[http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoApresentacao.aspx?cod\\_destino=224](http://www.descubraminas.com.br/Turismo/DestinoApresentacao.aspx?cod_destino=224)